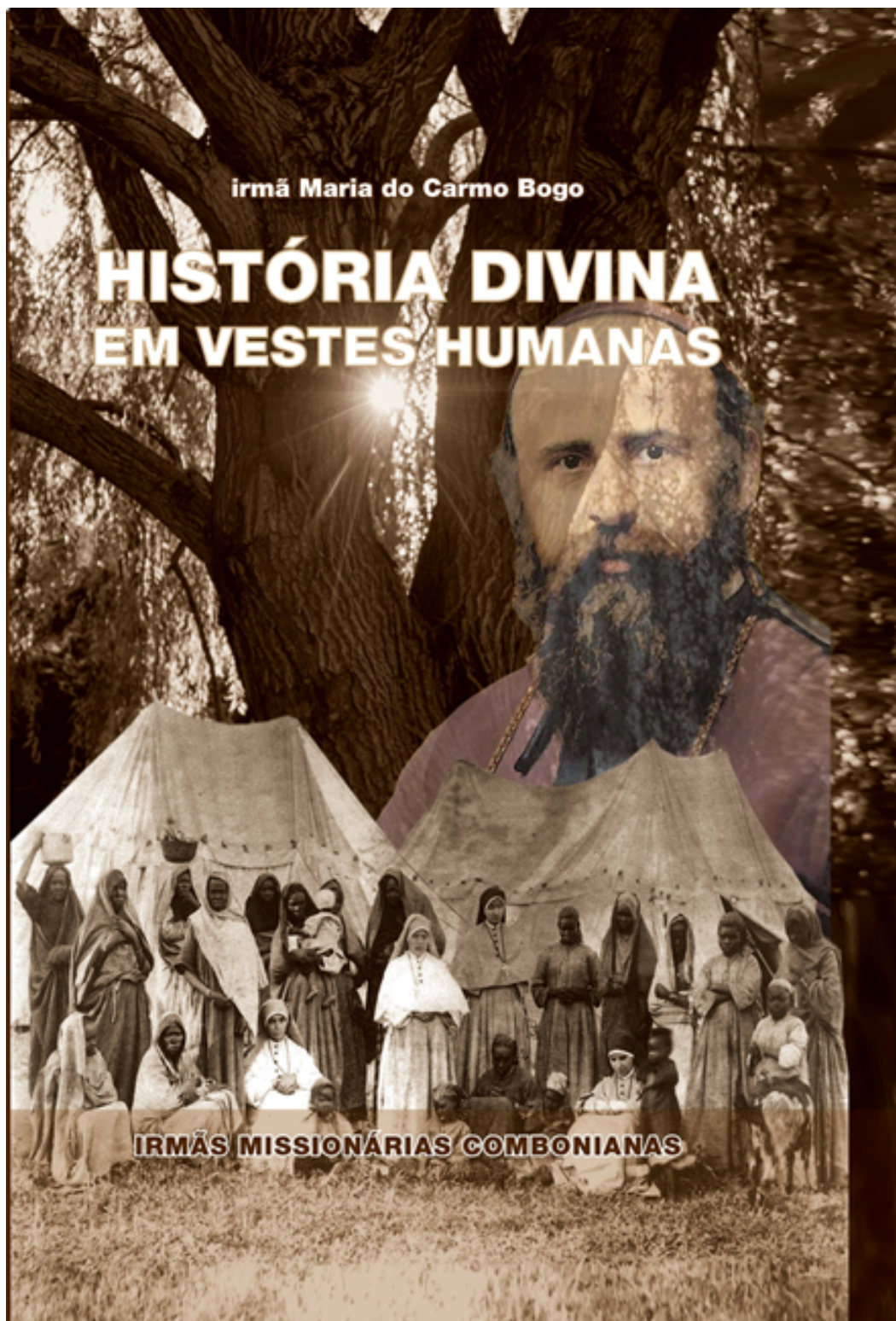


irmã Maria do Carmo Bogo

HISTÓRIA DIVINA EM VESTES HUMANAS

IRMÃS MISSIONÁRIAS COMBONIANAS





Maria do Carmo Bogo, nasceu a 02 de julho de 1948, em Beselga de Penedono, pequena e graciosa aldeia no distrito de Viseu, filha de José Salvador Bogo e de Isabel Costa, última de quatro irmãos e uma irmã que a precederam.

Deixou a sua terra natal aos 21 anos de idade para seguir a sua vocação missionária no Instituto feminino de Comboni, as *Irmãs Combonianas*, chegadas à cidade de Viseu a 01 de janeiro de 1965.

Após alguns meses, Maria do Carmo partiu para a Itália, com outras jovens, para iniciar a formação, que a levou a consagrar toda a sua vida a Deus para a Missão, a 22 de agosto 1973.

Passou por Londres, onde estudou Inglês, preparando-se assim para partir para a sua primeira Missão em Asmara (Eritreia), onde prestou ajuda às jovens violentadas e abandonadas, com as suas crianças, a todo o tipo de violência, nas periferias da cidade, capital do País. Alguns anos mais tarde, foi destinada às missões da Etiópia, nomeadamente, entre os povos da tribo Sidamo.

Regressando a Londres em 1985, integrou-se numa equipa missionária, com o objetivo de dar a conhecer as missões à juventude dos colégios do Reino Unido.

No ano 2000 partiu para a América Latina: em Esmeraldas (Equador) trabalhou na radio diocesana *Antena Libre*, no Peru na animação missionária nas paróquias da Cidade de Lima, e na Colômbia viveu nos bairros periféricos, da grande Bogotá, conhecidos por *Ciudad Bolívar*, refugio das famílias deslocadas, em fuga da violência causada pelas guerrilhas. Agora vive em Portugal integrada na comunidade de Lisboa.

**HISTÓRIA DIVINA
EM VESTES HUMANAS**



Pie Madri della Nigrizia
Irmãs Missionárias Combonianas

IRMÃS MISSIONÁRIAS COMBONIANAS

Contactos em Portugal:

Lisboa: Rua Cidade Nova Lisboa, N.º 57
1800-107 Lisboa
Telf. 218 517 640

Porto: Av. Combatentes da Grande Guerra, N.º 355
4200-189 Porto
Telf. 225 096 967

Viseu: Rua Daniel Comboni, N.º 122
3500-031 Viseu
Telf. 232 424 502

IBAN PT50 0035 0557 0004 1132 5300 6
IRMÃS MISSIONÁRIAS COMBONIANAS

A VOZ DA MULHER NA MISSÃO

HISTÓRIA DIVINA EM VESTES HUMANAS

Irmã Maria do Carmo Bogo

IRMÃS MISSIONÁRIAS COMBONIANAS

História Divina em Vestes humanas

Maria do Carmo Bogo, Irmãs Missionárias Combonianas

© Irmãs Missionárias Combonianas, 2021. Todos os direitos reservados.

Revisão: Ana Simão, Pe. Fernando Domingues – MCCJ e Pe. António Martins – MCCJ

Logotipo do 150 aniversário: Vitor Manuel Lourenço

1.ª Edição: Junho de 2021

ISBN [Edição Impressa]: 978-989-782-318-3

ISBN [Edição Digital]: 978-989-782-319-0

Depósito Legal N.º XXXXXX/21

5 LIVROS

Rua da Boavista, 719, 1.º T

4050-110 Porto

Telef.: 222 038 145

Tlm: 919 455 444

www.5livros.pt

info@5livros.pt

Às filhas de São Daniel Comboni, quem nas **vestes humanas** das suas fragilidades e pobreza, anunciam o Evangelho da Salvação, **História Divina**, aos pobres de todos os tempos e lugares, no 150.º ano da Sua Fundação (1872-2022).

Um especialíssimo reconhecimento ao Editor Mário Brito, cuja generosidade de mente e coração, determinou a publicação da *História Divina em vestes humanas*, superando e resolvendo eventuais obstáculos que foram surgindo ao longo do processo.

Índice

Apresentação	15
Nota da Autora	19
Capítulo 1 – Daniel Comboni, um amante da Cruz	25
Perfil biográfico.....	25
A história	26
A forja de uma paixão	27
Vocação e Carisma	28
Dúvidas e inquietudes	29
A primeira viagem a África	31
O fracasso dos esforços humanos.....	32
O incansável peregrino a favor de África	34
O Plano surgiu na mente como um raio.....	36
Incompreensões e calúnias	37
A terceira viagem a África	38
A etapa das fundações missionárias	39
Capítulo 2 – O Instituto feminino de Comboni	43
As primeiras <i>Esposas</i> de Cristo e <i>Mães</i> de África	43
Maria Caspi: a “Primogénita”	44
A decisão de Maria Caspi	45
O Instituto feminino a germinar	46
A “Primogénita”	47
Maria Scândola, a irmã “mais santa”... ..	49
Um encontro singular	49
Partida sem retorno	51
Daniel Comboni é nomeado provigário	53

Alarga a tua tenda de Montório a <i>Santa Maria in Organo</i>	54
A Casa sem mãe	55
Maria Rosa Colpo	57
De Beneditina a Comboniana	59
Teresa Grigolini: eu vou!	60
Maria Bollezzoli	63
Finalmente, temos mãe – Início do Noviciado	66
As Primeiras Profissões: 15 de outubro de 1876	67
Daniel Comboni, fundador e pai	68
O bispo dos... milagres.....	69
Capítulo 3 – Sétima Viagem de Daniel Comboni a África	75
As primeiras Esposas de Cristo e Mães de África.....	75
A caminho de África	76
Passando pela cidade eterna	78
Morre Lorenzo Grigolini	80
Berber, a primeira Comunidade Africana das Irmãs Combonianas.....	82
O deserto.....	83
Nova separação	85
O método apostólico de Marietta Caspi	85
Morre o pe. Squaranti.....	86
De Berber a Cartum, outra lição de vida missionária	89
Via Cartum com destino a El Obeid.....	90
Carestia e desolação.....	95
Novas separações.....	96
Capítulo 4 – O fogo da vocação missionária	101
Maria Rosa Colpo, cinco anos de noviciado	101
Amália Andreis	102
Uma luz em noite escura	103
Um hóspede para o almoço	103
O grande desafio para seu pai	104
Confirmada na vocação	105
A hora da coragem	106
Eulália Maria Pesavento	107
Aquelas simpáticas raparigas!	108

Surpresa	109
Maria Caprini: os direitos de Deus	110
As quatro de Malcésine	110
Unidas no altar, unidas no martírio	112
A promessa da vida eterna	112
A segunda expedição das missionárias para África.....	114
A despedida	116
Fundação da primeira comunidade no Egito	117
Capítulo 5 – Última Viagem, a oitava de Comboni a África	121
Novas Profissões	121
Canta que te passa	123
Em Cartum...melhor que a rainha de Sabá	124
Vou partir e sou feliz!	125
Comboni em Delen	126
A família missionária	127
Malbes	128
O quadro do vicariato	129
A irmã Teresa corre a Malbes.....	132
O jejum do pe. Josef.....	133
A sepultura	134
Os lutos do bispo Comboni.....	135
Capítulo 6 – A proclamação da “Mahdia”	139
A proclamação da “Mahdia”.....	139
Os últimos dias do Fundador	141
A incrível notícia	143
Sobressaltos na Europa	145
A última visita da superiora provincial a Delen.....	146
A emergente revolta Madhista.....	147
Os baggara de Delen	148
Tristes pressentimentos	148
Último parêntesis de serenidade.....	150
Tentativas de defesa e de resistência.....	151
A urgência da fuga	152
Os horrores de uma cidade assediada	153

Os acontecimentos de Delen	155
O crucifixo de bronze	157
A caminho de El Obeid.....	158
Muçulmanos ou morte	160
O cometa do martírio	161
O Interrogatório	163
Nos consagrados não se toca	164
A visita da irmã morte	165
A morte da irmã Eulália Pesavento.....	166
Mãe, não chores!	166
A morte do irmão Gabriel Mariani.....	167
A morte da irmã Amália Andreis.....	167
Entretando na Missão de El Obeid	169
Noticias dos missionários de Delen	170
A queda de El Obeid	171
Finalmente juntas	173
Capítulo 7 – A esperança na “grande armada”	177
Um mensageiro	177
Os dias da grande dor!	180
Tarde demais	181
Tentativas de resgate	182
A Intervenção do General Gordon Paxá	183
Rahad: “Jornada” infeliz	185
Nova desilusão	187
Separadas dos missionários	188
Com a cunhada do Mahdi.....	190
Separadas umas das outras.....	192
Partida para o acampamento de Rahad.....	193
A misteriosa senhora no acampamento de Rahad.....	194
A viagem da irmã Concetta Corsi	195
A história das outras três irmãs.....	197
O Calvário da irmã Fortunata.....	198
A irmã Catarina Chincarini	199
A irmã Elisabetta Venturini.....	200
A irmã Maria Caprini que ainda não chegou.....	201

Capítulo 8 – O expediente dos matrimónios aparentes	205
Na morada do Mahdi	205
A nova hospedagem	207
A “catequese” matrimonial.....	208
Os casamentos simulados.....	208
E o paradeiro dos missionários?	210
A inesperada e agradável visita	211
Marietta Combatti, a Providência de Deus	212
Ondurman, a nova “Capital” do Madhi	213
A queda de Cartum	216
A Fuga do pe. Luís Bonomi de El Obeid.....	220
A morte do Madhi.....	222
A tentativa de fuga da irmã Elisabetta Venturini.....	225
A libertação de Maria Caprini e de Fortunata Quascé	227
O precioso resgate	228
Desinformação.....	230
1886: O pe. Josef Ohrwalder transferido de El Obeid para Ondurman....	231
Ano 1887.....	232
As esposas que não se tornam mães: 1888-1890	232
A decisão de irmã Teresa	234
A morte da irmã Concetta.....	236
A fuga do pe. Ohrwalder	237
Repressão	241
Fim da Madhia: os primeiros sinais.....	243
O grande anúncio.....	244
O profundo significado de tanto martírio	245
O caminho da Missão nunca pode ser abandonado	246
Inspirações e Interpretações para o logotipo comemorativo	
da efeméride do Instituto das Irmãs Missionárias Combonianas	253
Abreviações e Siglas	257
Bibliografia	259

Apresentação

O livro *“História Divina em Vestes Humanas – Irmãs Missionárias Combonianas”*, que tenho a honra de brevemente apresentar, não se trata apenas de um relato do percurso de vida de algumas mulheres.

Maria Caspi, Maria Josefa Scândola, Maria Rosa Colpo, Teresa Grigolini, Rosa Zabai, Maria Bollezzoli, Amália Andreis, Eulália Maria Pesavento, Concetta Corsi, Catarina Chincarini, Elisabetta Venturini, Fortunata Quascé e Maria Caprini foram convocadas para serem pedras vivas do programa que a Igreja de todos os tempos tem para realizar: anunciar o evangelho de Jesus Cristo a toda a Humanidade, até aos lugares mais distantes da Terra.

É, pois, esta prodigiosa *Missão*, levada a cabo pelas *Piedosas Mães da Nigéria*, que o presente livro revela e perpetua, nas celebrações que assinalam os 150 anos de caminho já percorrido em África e, ainda, mais além (1872-2022).

O plano de tão venturosa empresa das *Irmãs Missionárias Combonianas* é anunciado nas palavras do próprio Jesus – *“receberão poder ao descer sobre vós o Espírito Santo e serão minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda a Judeia e Samaria, e até aos lugares mais distantes do mundo.”* (Actos dos Apóstolos 1:8)

Na história da Igreja, *Missão* e *missões* tiveram vários significados. Essa variação está relacionada a momentos vividos pela Igreja diante de grandes desafios da Humanidade.

O conceito de *Missão* tem sido relativo e chega a ser tendencioso, apesar de ser, no contexto bíblico-teológico, a parte central da teologia cristã. Do ponto de vista etimológico, o termo *Missão* tem origem no latim *missio* ou *missiones*, no sentido de *enviar para*. Esta terminologia, de maneira mais ampla, dá-nos a ideia de libertação de alguém que está numa prisão. Com a ideia de acção, cumpre a *Missão* quem aceita o envio, aceitando-o; isto é, quem se dispõe a sair de um lugar em busca da quebra das correntes que subjugam o ser humano.

Numa visão ampla da história, a *Missão* evangelizadora da Igreja exprime a sua valência integral e pública na transformação do mundo e significa que Deus assume directamente a tarefa de preservar e redimir a Criação, reconciliar pessoas consigo mesmas e criar comunidades fraternas e solidárias em torno da memória de seu Filho Jesus Cristo. Isto significa que o próprio Deus faz *Missão* a partir de sua misericórdia.

A *Missão* tem, pois, carácter universal e traz em si o propósito de libertar o ser humano das correntes que o escravizam. Ela expressa a soberania divina, no sentido de que Deus não está restrito a nenhum poder humano.

Daniel Comboni, profeta apaixonado por Cristo e pela África, consciente da importância da presença feminina, proclamou, ainda no século XIX, a urgência de integrar a mulher na *Missão* evangelizadora da Igreja, acreditando que ela constitui um elemento essencial e indispensável para a difusão da fé na África Central, sendo verdadeiro “*braço do ministério evangélico, colunas da Missão estrangeira*”. Em 1872, e para cumprir o seu plano, Comboni funda, com uma finalidade específica, *exclusivamente missionária*, as *Pias Mães da Nigéria*, hoje, *Irmãs Missionárias Combonianas*.

Daniel Comboni, visionário e prudente, não deixou de prevenir estas mulheres de que, ao aceitarem este desafio, “*devem estar*

dispostas a tudo, à alegria e à tristeza, à vida e à morte, ao abraço e à despedida”, pois que, “quando se tem a plena certeza de estar a fazer vontade de Deus, todo o sacrifício, todas as cruzes e a própria morte são o mais doce conforto para nossos corações, a mais grata recompensa para nossos sofrimentos.”.

Pela presente obra damo-nos conta de que mulheres compassivas, generosas, disponíveis a partilhar as alegrias e os sofrimentos do povo para construírem a paz, a fraternidade, a justiça e a liberdade; mulheres *santas e capazes*, cheias de amor por Deus e pelos africanos; mulheres autênticas com capacidade de adaptação e de aprendizagem; mulheres dignas e conscientes da própria tarefa, confiantes no presente e no futuro sabendo que a Missão que lhes foi confiada é *Obra de Deus* e que, caminhando ao lado dos africanos, por lugares desconhecidos, inóspitos e incertos, sendo testemunhas fiéis a Cristo no meio de muitas provas, foram capazes de transformar-se e de transformar o meio onde viveram por amor Àquele que as chamou a serem discípulas e mães, geradoras de Vida, participando em cheio no Mistério de Cristo Crucificado e Ressuscitado. Estas mulheres são as *Piedosas Mães da Nigéria*.

Na mútua solidariedade com os africanos estas *Mães da África* encontraram alegria e felicidade, refúgio e sossego nas fadigas e dores, nos graves sofrimentos que algumas delas suportaram com heroísmo, amor e fidelidade à vocação que Deus lhe deu.

Estas mulheres foram Amigas, Irmãs, Conselheiras, Mestras e, sobretudo, **Mães**.

Como nos relembra o Papa Francisco, “*a Igreja está em Missão no mundo, sempre*”, o que plenamente confirma a actualidade, a premência e a urgência do apelo feito pela Irmã Maria Bollezzoli, a 18 de Outubro de 1881, a todas as *Irmãs Missionárias Combonianas*: “*Sejam fortes e generosas; não se deixem abater, não fiquem desorientadas, mas sejam constantes e intrépidas,*

mantendo-vos nos lugares que a Providência Divina vos destinou. Não olhem para trás, mas caminhai resolutas pelo caminho que o nosso magnânimo pai nos traçou. Escutem como Ele do cimo do monte, onde já chegou, nos grita: em frente, em frente!”

Contemplar o testemunho missionário que a leitura deste livro nos permite, impele-nos a ser corajosos e a pedir, com insistência, para que Deus continue a manifestar o seu amor e possa tocar e transformar corações, mentes, corpos, sociedades e culturas em todo o tempo e em todos os lugares.

Fontanelas, 28 de Março de 2021

Marta Silva Rito

Nota da Autora

Amigo leitor, a história é, sem dúvida, a melhor escola de todos os tempos; alias, é nas suas pregas que se esconde e no contempo se revela a presença do *Divino*; por isso, toda a História é **Divina**, palpitante e gritante como Única Surgente de Vida e de Sabedoria.

Nestas páginas narramos alguns traços da história do jovem Daniel Comboni, a braços com a sua vocação, que poderá, ou não, parecer-se com a tua.

A fidelidade à vocação, qual dom exclusivo e único, exige generosa disponibilidade que conduzirá à sua realização nos espaços humanos que lhe são naturais. É acariciando o tesouro da eleição, que se enfrentam os fluxos da história, por vezes dramáticos, com seus golpes e contragolpes, entregando-te com confiança, ao Mistério d'Aquele que te conduz pelos teus desertos, onde te será revelado o tesouro das tuas pobreza e o vazio das tuas riquezas.

Esta pequena história, alerta ainda, para grandes lutas, que porventura, poderias ser chamado, ou seja, vocacionado a travar, entre a Mentira e a Verdade, entre o Ódio e o Amor, noutras palavras, entre o Mal e o Bem.

Nos rostos desfigurados, nos corpos dilacerados, nas mentes atormentadas e aflitas e nos espíritos ofendidos e humilhados é possível vislumbrar a terra fecunda onde germina o acolhimento, a misericórdia, o perdão e a paz; na doce **Memória** d'Aquele que nas Vésperas do seu martírio gravou no coração dos seus amigos, uma ardente recomendação que jamais esquecerão: **“Fazei isto**

em Minha Memória!¹ Quem faz **Memória d'Ele** converte-se em santuário vivente que abriga o **Divino** na sua própria natureza **humana**, *como em vasos quebradiços, para que se manifeste que esse incomparável poder vem de Deus e não de nós.*²

Amigo leitor, oxalá que nestas páginas encontres a tua inédita surpresa, na feliz suspeita de que a presença **Divina** *te envolve e que sobre ti pousa a Sua mão com um saber maravilhoso que te ultrapassa.* Reza com o salmista: *para onde fugir longe da Tua presença? Se subo aos céus, Tu lá estás, se desço aos infernos mais profundos, aí te encontro. Tu me teceste no seio de minha mãe e Te dou graças por tão grande prodígio. Mas, a mim, que difíceis são os teus projetos.*³

Em teu coração se esconde o teu Construtor. Se confias n'Ele a cada passo, compreenderás, à Sua luz, que arde no teu santuário, o Segredo de todos os segredos.

¹ Lc 22,19

² Cfr. 2Cor 4, 7

³ Salmo 139 (138), 7-8

HISTÓRIA DIVINA EM VESTES HUMANAS

COMBONI'S CALL

At the back of my mind
There's a Cross bathed in light
"Go!" A voice says to me,
"Bring this light to those in darkness"

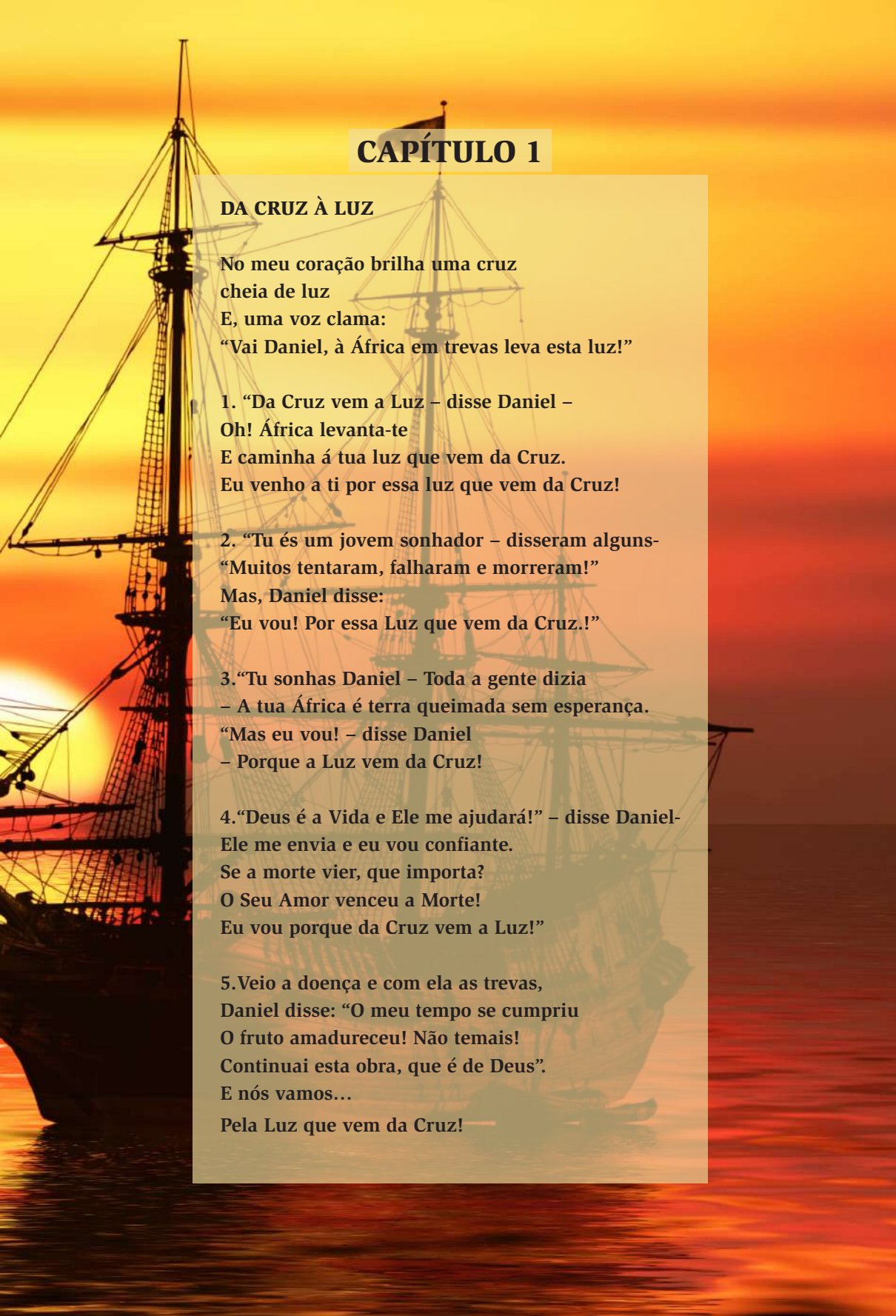
1. "From the Cross the light is shining, Comboni said:
"Oh Africa you've the right to be Church
Otherwise what's the use of my faith?
Yes I'll go because..."

2. "You young man are simply dreaming"
Some men advised,
"of those who've tried many failed or else died
Knowing this why should you risk your life?
Yes "I'll go because..."

3. "You, young man are really dreaming"
Some people said.
"Just listen now to the voice of the wise
Can't you see, there's no hope for that land?"
I still go because..."

4. God is life and He will help me, "Comboni said,
He sends me now and I go without fear
Death may come but God is more powerful
So I'll go because..."

5. Sickness came and darkness fell, Comboni said:
"My time is up, fruit is ripe, do not fear
You my friends carry on, it's God's work!"
We'll go on because,
At the back of our minds there's a Cross bathed in light
"Go!" a voice says to us: Bring this Light to those in darkness".



CAPÍTULO 1

DA CRUZ À LUZ

No meu coração brilha uma cruz
cheia de luz

E, uma voz clama:

“Vai Daniel, à África em trevas leva esta luz!”

1. “Da Cruz vem a Luz – disse Daniel –

Oh! África levanta-te

E caminha á tua luz que vem da Cruz.

Eu venho a ti por essa luz que vem da Cruz!

2. “Tu és um jovem sonhador – disseram alguns-

“Muitos tentaram, falharam e morreram!”

Mas, Daniel disse:

“Eu vou! Por essa Luz que vem da Cruz.!”

3. “Tu sonhas Daniel – Toda a gente dizia

– A tua África é terra queimada sem esperança.

“Mas eu vou! – disse Daniel

– Porque a Luz vem da Cruz!

4. “Deus é a Vida e Ele me ajudará!” – disse Daniel-

Ele me envia e eu vou confiante.

Se a morte vier, que importa?

O Seu Amor venceu a Morte!

Eu vou porque da Cruz vem a Luz!”

5. Veio a doença e com ela as trevas,

Daniel disse: “O meu tempo se cumpriu

O fruto amadureceu! Não temais!

Continuai esta obra, que é de Deus”.

E nós vamos...

Pela Luz que vem da Cruz!

Capítulo 1

Daniel Comboni, um amante da Cruz

Perfil biográfico

Daniel Comboni nasce a 15 de março de 1831, em Limone, sul Garda (província de Brescia, Itália), pequena aldeia situada na montanha, sobranceira ao lago do mesmo nome. Com maior precisão, viu a luz numa pequena quinta, situada a dois quilómetros da aldeia: o Teseul. Os seus pais eram pobres. O pai, Luigi ganhava o pão para a sua família como jardineiro na casa de um magistrado, enquanto a mãe, Doménica Pace, se ocupava das lides da casa.

Daniel foi batizado no dia seguinte ao nascimento, segundo o costume da época, das famílias cristãs. O casal teve oito filhos, mas só este, o quarto, sobreviveu. Puseram-lhe o nome de António Daniel, mas ele gostava que o chamassem simplesmente Daniel. Era um menino extrovertido. Sempre que podia, gostava de subir e descer, com os seus primos, os montes que o rodeavam.

No dia 16 de março de 1839, com oito anos de idade, Daniel recebeu o sacramento do Crisma.

Fez os dois primeiros anos de escola primária, na terra natal, entre 1840 e 1842.

Daniel já se distinguia como menino inteligente. De facto, ao longo dos seus estudos obterá sempre a melhor nota em todas as disciplinas. Por isso, apesar da pobreza, em novembro de 1842 parte para Verona onde irá prosseguir os estudos. Ficou alojado em casa da família Rambottini, perto da Catedral. Não sabemos se alguém ajudou a pagar as despesas, avultadas para pessoas de escassos recursos, ou se Luís Comboni e Doménica Pace decidiram apertar o cinto para dar um futuro ao único filho.¹

A história

Em meados de 1800 nascia uma nova era no movimento missionário. Os Jesuítas, depois da sua expulsão do Reino e domínios de Portugal, retomavam o trabalho da evangelização. A Congregação para a *Evangelização dos povos* reorganizava os seus programas desde 1622. As irmãs de São José de Cluny enviavam religiosas para as missões, e providenciavam a formação de sacerdotes africanos.

Paulina Jaricot de Lião, em França, sensibilizava os cristãos, fundando a *Obra da Propagação da Fé*, com o objetivo de angariar fundos para os missionários.

O Papa Gregório XVI promulgava normas para os cristãos de todos os continentes, para que estes tivessem os seus próprios padres e líderes.

O pe. Francisco Liberman dedicava a sua vida à formação do clero africano, enquanto o Frei Ludovico de Casória, por sua vez, abria colégios pela mesma causa.

Em Verona (Itália) o pe. Nicolau Mazza fundava um colégio para acolher crianças africanas, de ambos os sexos, a fim de as

¹ J. M. Lozano, *A Paixão de uma vida*, 29-30

preparar para o apostolado entre os seus irmãos africanos; ao mesmo tempo que enviava missionários para o continente negro.

Contemporaneamente, «lazzaristas, franciscanos, sacerdotes das missões estrangeiras de Milão e de Paris desbravam o duro campo da China; maristas, beneditinos e passionistas chegam à Nova Zelândia, na Nova Caledónia, às mais selvagens ilhas na Oceânia; Os padres brancos, das missões africanas de Lião, os capuchinhos e os missionários belgas, da Congregação do Espírito Santo, expandiam-se pelo continente africano»²

A forja de uma paixão

Não sabemos quem informou os pais de Daniel acerca do colégio do pe. Nicolau Mazza (1790-1865), que acolhia meninos inteligentes e de bom coração, para os instruir e orientar na carreira que escolhessem, inclusive a universitária. O certo é que, a 20 de fevereiro de 1843, Daniel entrava no Colégio de São Carlos, fundado pelo pe. Nicolau na cidade de Verona.

Os dois rapazes, protegidos por ele, ainda antes de abrir o colégio, tinham-se ordenado sacerdotes e já eram seus colaboradores. Mais tarde, o colégio tornou-se um viveiro de vocações sacerdotais, embora essa não fosse a sua finalidade, e os alunos ficassem livres de escolher os mais diversos caminhos.

Alguns tinham manifestado o desejo de partir para as missões. Em 1846, o pe. Ângelo Vinco, partia para a África Central, integrado num grupo enviado pela *Propaganda Fide*. Em 1853, partiram mais dois para o mesmo destino, a fim de explorarem o terreno.

A orientação para as missões, de jovens formados numa instituição como a de pe. Nicolau Mazza, que não tinha uma

² C. Fusero, *Daniel Comboni*, 350.

finalidade especificamente missionária, explica-se pelos fermentos que começam a animar a cristandade europeia, uma vez que as feridas, causadas pelo racionalismo e pela Revolução Francesa começavam a cicatrizar-se.

Vocação e Carisma

Ao passar pela terra, Jesus deixou sementinhas do reino dos Céus, por Ele inaugurado, em todas as suas palavras e ações. É o Seu Espírito de liberdade que continua a fecundar a terra da nossa frágil humanidade, fazendo germinar os Carismas, segundo as necessidades emergentes, em todos os tempos e lugares, onde vivem os seres humanos amados, desde sempre, e destinados à Vida Eterna com Ele.

O jovem Daniel, aos 15 anos de idade, leu a *História dos mártires do Japão*, publicada por Santo Afonso Maria de Ligório, em 1776, e sentiu o desejo de ser missionário no Japão onde, no início do século XVII, mais de duzentos cristãos – entre bispos, padres e leigos – tinham sido martirizados por causa da sua fé.

O missionário Ângelo Vinco regressava de África e chegava a Verona a 19 de janeiro de 1849. «Tendo narrado, com todo o entusiasmo da sua alma, múltiplos pormenores muito interessantes aos quinhentos alunos dos seus institutos e, dando muitas explicações sobre a deplorável situação de África, acendeu o fogo daquela caridade divina, que arrasta para o caminho da entrega total e do sacrifício pela salvação dos infiéis».³

As palavras do pe. Vinco acenderam o fogo de um grande amor por África, que tomou posse do coração juvenil de Daniel, que mais tarde escreverá:

³ Relatório a mons. Ciurcia, 15-2-1870, *Escritos*, 2027.

«Entre os primeiros cinco missionários que a Santa Sé enviou à África Central, em 1846, encontrava-se o pe. Ângelo Vinco, membro do Instituto de Dom Nicola Mazza, de Verona, no qual fui educado e ao qual pertenci desde 1843 até 1867. Depois da morte do pe. Ryllo,⁴ o pe. Vinco, que tinha regressado à Europa, à procura de meios económicos e de missionários, passou dois meses no mencionado Instituto, o que foi providencial, pois induziu o ilustre sacerdote Dom Mazza a educar e a enviar para África aqueles dos seus filhos, que mostrassem vocação para tão elevado ministério.

Foi em janeiro de 1849, quando era estudante de filosofia, que jurei aos pés do meu venerado superior, pe. Nicolau Mazza consagrar toda a minha vida ao apostolado da África Central e, desde então, só pensei em preparar-me para tão santa empresa».⁵ Daniel foi ordenado subdiácono a 10 de dezembro de 1854, diácono a 17 e presbítero a 31 do mesmo mês.

Dúvidas e inquietudes

Quando em 1857, o pe. Mazza decidiu incluí-lo na expedição que estava a preparar para África, no coração de Daniel emergiam

⁴ Ryllo, Maximiliano (1802-1848). Jesuíta Lituano que, em 1820 entrou na Companhia de Jesus, em Roma, e partiu para o Oriente encarregado das missões confidenciais na Mesopotâmia e na Síria. Fundou o colégio Asiático em Beirute (1841), precursor da célebre Universidade de São José. Em 1844, foi nomeado Reitor do colégio Urbano de *Propaganda Fide* e a 18 de abril de 1847 provigário da África Central. (*Escritos*, 2031). Chegado a Cartum, em fevereiro de 1848, (*Escritos*, 2035), Ryllo comprou um grande terreno para a construção dos edifícios da Missão (*Escritos*, 2039). Adoeceu devido ao cansaço da viagem e morreu a 17 de junho de 1848. Foi o primeiro túmulo a abrir-se nos jardins da Missão (*Escritos*, 2037).

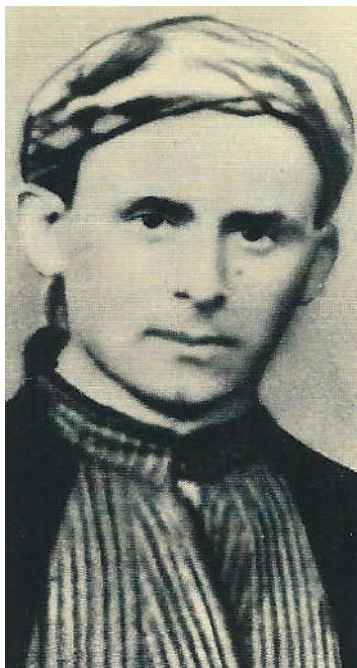
⁵ Relatório Geral sobre o Vicariato Apostólico da África Central, ao cardeal Alexandre Franchi, 15-04-1876. *Escritos*, 4083

preocupações que agitavam a sua alma, fazendo-o duvidar da sua vocação missionária: o ter de deixar os seus pais, sendo ele o único filho e, pior ainda, numa má situação económica. Expôs este problema a um amigo, o pároco pe. Pietro Grana, numa carta que lhe enviou a 4 de julho desse mesmo ano.

Daniel decidiu, então, retirar-se para consultar *Deus e os homens* como ele, assim o escrevia a 13 de agosto de 1857:

«Terminei finalmente os santos exercícios; e, depois, de me ter aconselhado com Deus e com os homens, concluí que a ideia das missões é a minha verdadeira vocação: o pe. Giovanni Marani disse-me até, que, fazendo um quadro da minha vida, das circunstâncias passadas e atuais, assegura-me que a minha vocação para as missões de África é das mais claras e evidentes; e, por isso, apesar das condições dos meus pais, que nesta ocasião, com toda a franqueza, lhe apresentei disse-me: “Vá que eu dou-lhe a minha bênção e confie na Providência, pois o Senhor, que lhe inspirou este magnânimo projeto, saberá consolar e cuidar dos seus pais”. Por isso, estou absolutamente decidido a partir no próximo mês de setembro [...]. Foi-me assegurado que Deus me chama e eu parto seguro disso».⁶

⁶ Cartas a pe. Pedro Grana, 4 de julho e 13 de agosto 1857. *Escritos*, 13-17,



O jovem Comboni

A primeira viagem a África

Daniel Comboni parte para África a 6 de setembro de 1857, como membro da primeira expedição missionária do colégio de pe. Mazza; a mãe dá-lhe a sua bênção, dizendo: *vai, Daniel, e que o Senhor te abençoe*. Não podia, esse filho único, imaginar que estas eram as últimas preciosas palavras de sua mãe.

Durante a sua estadia no Egito, aproveita a ocasião para visitar a Terra Santa (29 de setembro – a 16 de outubro de 1857). Depois de uma longa e penosa navegação pelo Nilo, chegam, a 14 de fevereiro de 1858, à estação missionária de Santa Cruz, no coração da África, onde Comboni vive com intensa participação este primeiro encontro com a África Negra. Neste período

de permanência em Santa Cruz, morrem alguns dos seus companheiros, entre os quais, o chefe da expedição missionária, pe. Oliboni, que, consciente de que tinha chegado a sua hora, dirige o olhar exatamente para Daniel, o mais novo do grupo, fixa-o intensamente nos olhos dizendo: «Ainda que um só de vós sobrevivesse, não se perca a fé, Deus quer a salvação da África». Comboni, ao ver a situação de abandono daquele continente, compromete o seu coração para sempre. Levar o Evangelho até ao coração de África, caracterizada pela miséria e pelo comércio de escravos, tornou-se a sua grande paixão, que o levou a consagrar toda a sua vida à Evangelização do Continente Africano.

No mês de abril, febres intermitentes e disenterias tropicais levam-no às portas da morte.

A vocação missionária manifesta-se como uma inquietação feliz e ao mesmo tempo assustadora e terrificante.

Sentimo-nos como que empurrados, pela mão de Deus para uma Missão tão sublime e atraente, mas, ao mesmo tempo, humanamente impossível, que somente nos espaços da caridade, de um Deus sacrificado por amor encontra a sua compreensão e realização.

O fracasso dos esforços humanos

A 14 de janeiro de 1859, os missionários decidem retirar-se da estação missionária de Santa Cruz, por causa da morte de alguns e das doenças dos sobreviventes. Comboni obedece e também repatria, a 17 de junho de 1859, para se recuperar do esgotamento causado pelas febres tropicais.

Nesta etapa da sua vida, tinha experimentado a separação dolorosa dos pais, a morte da mãe, de alguns companheiros e amigos, mas sobretudo o fracasso da Missão.

Desde a tribo dos Kich, Daniel reage à carta de seu pai, que lhe comunica a morte da mãe, a 20 de novembro de 1858:

«Meu doce e muito querido pai: havia já sete meses que não podia escrever-vos, por causa dos fortes ventos do Sul que impediam os barcos dos comerciantes de Cartum de transpor a impenetrável barreira das espessas selvas, que dividem as regiões de domínio egípcio, na Núbia, das tribos dos negros, no meio das quais nos encontramos. Quando, eis que, um barco a vapor, que já em 1867 havia saído do Cairo – quando nós estávamos ainda em Alexandria – conduzido por *Monsieur* Lafarque, comerciante francês de marfim, sulcando pela primeira vez as águas do Nilo Branco, trazia-nos um grande embrulho de cartas da Europa, entre elas a tua estimadíssima que me anunciava a morte da minha querida mãe... Ah! Então a minha mãe já não existe? [...]. Assim, ficaste sozinho depois de outrora teres à tua volta uma feliz coroa de filhos, acariciados e amados por aquela que Deus escolheu para companheira inseparável dos teus dias...»⁷

Na mesma carta, Comboni confia a seu pai:

«Não te assustes. A nossa vida está nas mãos de Deus e que Ele faça dela o que quiser; nós, em irrevogável entrega, sacrificámo-la a Ele. Aqui, uma pessoa morre da noite para o dia, sem tempo de se preparar para morrer: em poucas horas uma febre deixa uma pessoa no último grau de fraqueza, à beira da morte. Por isso reza por nós...»⁸

De 1859 a 1864, Comboni continua a trabalhar no seio da Instituição mazziana de Verona, dedicada fundamentalmente à assistência de crianças pobres e que também tinha acolhido crianças africanas, resgatadas da escravatura.

⁷ *Escritos*, 415-417.

⁸ *Escritos*, 434.

Durante uma visita a Roma, enquanto rezava sobre o túmulo de São Pedro, a 15 de setembro de 1864, intui um *Plano audaz para a regeneração da África Central*, bem claro na sua atuação: os missionários deviam ir a África, não para se instalarem nela, mas para criarem as condições necessárias que levassem os próprios africanos a serem os promotores da sua própria história e os responsáveis pelo seu destino dando, eles mesmos, vida ao Plano: *salvar a África com a África*.

Três dias depois, 18 do mesmo mês, festa da beatificação da Beata Margarida Maria Alacoque, apresenta o seu *Plano Missionário* ao cardeal, prefeito da *Propaganda*, Alexandre Barnabó e no dia seguinte apresenta-o ao Papa Pio IX. Aconselhado pelo próprio Cardeal Barnabó, empreende uma longa viagem pela Europa. Durante os meses que se seguem, desde setembro de 1864 até junho 1865, Comboni torna-se um viajante incansável para difundir as ideias expostas no *Plano* a favor de África: visita várias capitais europeias a fim de se pôr em contacto com os Organismos Missionários, Sociedades e Organizações pro-África.

O incansável peregrino a favor de África

Por encargo do superior pe. Mazza, Comboni viaja, uma segunda vez a África, a 26 de novembro de 1860. De passagem por Roma, em 20 de dezembro, Daniel Comboni, é recebido em audiência pelo Papa Pio IX, e disso dá notícia ao seu superior:

«Hoje fui recebido em audiência por Sua Santidade, Pio IX, foi muito rápida e deu-me a impressão de que o Papa está envelhecido. Eu pedi-lhe a bênção para si, Sr. Superior, para os institutos, masculino e feminino, para África, para o meu pai e para mim. Saí consoladíssimo por ter contemplado o Vigário de Cristo».⁹

⁹ *Escritos*, 485.



As viagens missionárias

Daniel Comboni viaja até ao Egito e Áden, onde após árduas negociações, consegue resgatar sete jovens escravos africanos no mar Vermelho. Volta à Europa pelo Egito a 18 de março de 1861. Durante três anos trabalha na Instituição Mazza, como educador dos escravos negros resgatados.

A 23 de janeiro de 1862, assiste à consagração episcopal de Luís de Canossa, personagem que terá relevo nas futuras fundações combonianas.

No mês de outubro de 1863, vai à Alemanha, onde estabelece os primeiros contactos com a Sociedade Missionária de Colónia, nascida para resgatar e socorrer os jovens africanos, vítimas da escravatura. Esta Sociedade Missionária terá um papel de grande importância na futura atividade apostólica de Comboni.

O Plano surgiu na mente como um raio

De 1862 a 1864, Comboni vive dois anos decisivos. A vocação missionária, nascida à sombra da Instituição Mazza, tenta, ao longo destes primeiros anos, viver conforme o estilo mazziano e pôr em prática as ideias missionárias do fundador da mesma.

«Desde 1857, quando me encontrava na Missão dos Kich, no Nilo Branco, aqui na África Central, passei por todas as provas deste difícil apostolado. E tendo estado onze vezes a ponto de morrer, por causa do clima e das enormes fadigas, vi-me na necessidade de regressar à Europa, de onde após alguns anos, já restabelecido pensei voltar a este campo de batalha para nele sacrificar a vida pela salvação dos africanos».

«Creio que este Plano é obra de Deus, porque me surgiu na mente, como um raio no dia 15 de setembro de 1864, enquanto fazia o tríduo da Beata Alacoque; e no dia 18, data em que a serva de Deus foi beatificada, o cardeal Barnabó lia o meu plano».¹⁰ No dia seguinte, o plano já estava nas mãos do Papa Pio IX. No dia 31 de outubro, repetia ao pe. Mazza de Florença: «Não tenho nisso nenhum mérito. Quando cheguei a Roma nem sequer sonhava com o plano. A Providência guiava a minha mente e o meu coração. O plano que me atrevo a apresentar seria a criação de numerosos institutos, que deveriam rodear África, onde pudessem viver e trabalhar, tanto o europeu como o Africano».¹¹

Ao passar por Turim, hóspede de D. Bosco, publica a primeira edição italiana do seu plano. Continua a sua viagem Missionária por França, para dar a conhecer as ideias refletidas no plano. Visita a *Obra da Propagação da Fé* em Lião e depois em Paris. Em França, contacta as pessoas, que na altura se ocupam com as questões de

¹⁰ Carta a p. Mazza, 20-10-1864. *Escritos*, 926.

¹¹ Cfr. Daniel Comboni, *Missionário, pai e profeta*, 8-23.

África, estabelece amizade com personagens ilustres da época, entre eles, o cardeal Guilherme Massaia, o apóstolo dos Galas na Etiópia, com os quais conservará ao longo da vida uma estreita amizade.

Comboni vai à Prússia e em Colónia apresenta o Plano Missionário à famosa Sociedade Missionária daquela cidade. Vai à Bélgica e, a 23 de abril de 1865, passa por Inglaterra, para estabelecer contactos em Londres com o mundo Católico Inglês. Volta a Paris, onde, no dia 24 de maio, o plano é aprovado e elogiado pelos responsáveis franceses.



Incompreensões e calúnias

Uma série de circunstâncias, suscitam na Instituição Mazza receios e incompreensões a seu respeito. A sua pertença ao Instituto parece chegar à rotura. Alguns colegas tentam expulsá-lo, acusando-o de independência e de não observar as regras do Instituto.

Surpreendido pela notícia, Comboni corre a Verona para se encontrar com o superior pe. Mazza que compreende os equívocos; e, não somente estes se resolvem positivamente, como também o encarrega de ir a Roma pedir à *Propaganda Fide* uma Missão na África Central para a sua Instituição. Era o dia 25 de junho de 1865. Com este gesto, tudo parecia indicar que a Missão da África Central iria ressuscitar do letargo em que se encontrava. Mas, enquanto se encontra em Roma para tratar do assunto, morre em Verona o pe. Nicola Mazza.

Com a morte do fundador da Instituição, morre também o rumo da mesma, que logo de seguida renunciará à Missão.

A terceira viagem a África

Em outubro de 1865, Comboni realiza a sua terceira viagem, com o franciscano Ludovico de Castória, a fim de estudar a possibilidade de uma cooperação missionária entre o Instituto Mazza e a Ordem Franciscana.

Embarca em Trieste, no dia 1 de novembro, rumo ao Egito, onde, em janeiro de 1866 visita com o pe. Ludovico a estação missionária de Scellal.

Daniel Comboni regressa à Europa desanimado, pois o seu companheiro franciscano tinha interrompido bruscamente a viagem, devido a dificuldades que diziam respeito a uma obra que ele tinha fundado em Itália, em favor de África. O objetivo da viagem fracassa completamente, porque o pe. Ludovico se opõe à cooperação com o Instituto Mazza.

Durante a sua permanência no Egito, Comboni estuda a possibilidade de fundar no Cairo uma obra a favor da evangelização da raça negra, conforme as ideias do seu *Plano Missionário*.

Em março de 1866, volta a Roma e o Cardeal Barnabó, prefeito da *Propaganda Fide*, encarrega-o de apresentar um relatório sobre África. Entretanto, a Instituição Mazza atravessa uma forte crise vocacional e económica, devido a circunstâncias políticas e eclesiais do momento; de tal forma que os responsáveis se decidem pelo abandono definitivo do projeto missionário pró-África.

Comboni faz tudo o que está ao seu alcance para que tal não aconteça, mas encontrando-se sozinho, é aconselhado pelas circunstâncias a tomar novo rumo.

A *Propaganda Fide* e, sobretudo, o subprefeito de Roma, mons. Castellacci, aconselham a fundação de um Instituto missionário a favor de África. A ideia vai amadurecendo na intenção de Comboni que, animado unicamente por um espírito de completa dedicação à causa missionária de África, chegará a decidir-se a fundar os seus Institutos.¹²

A etapa das fundações missionárias

Em julho de 1868, depois de ter encaminhado as duas casas do Cairo, Daniel Comboni, regressa à Europa, visitando as maiores capitais de então, para sensibilizar pessoas e ambientes a favor da causa missionária. Nos primeiros dias de 1869, encontra-se em Verona, ocupado na preparação da sua segunda expedição africana, que se realizará em meados de fevereiro. Regressando a Itália no mês de março de 1870 para participar em agosto desse ano no Concílio Vaticano I, Comboni chega a Verona, onde permanece até dezembro à procura da nova sede para o seu instituto masculino, na Rua do Seminário.

¹² Cfr. A. Gilli, P. Chiocchetta, F. Gonzalez, *A mensagem de Daniel Comboni*, 23-24.

Em 1871, Comboni empreende nova viagem de animação missionária pela Europa, buscando recursos económicos e humanos.

A 14 de setembro encontra-se em Mogúncia, no congresso dos católicos alemães; foi precisamente aí que, pela primeira vez, lançou o seu grito de guerra: *Nigricia ou Morte!*

A 02 de novembro de 1871, Daniel Comboni, encontra-se em Verona para a aprovação das Regras, por parte do cardeal Luigi de Canossa, e dar início à fundação do instituto feminino; um projeto que acariciava no seu coração havia muito tempo, pois estava profundamente convencido de que a presença feminina era absolutamente indispensável à Obra da Evangelização da África Central.¹³

¹³ A. Gilli, P. Chiochetta, F. Gonzalez, *A mensagem de Daniel Comboni*, 25-26.

CAPÍTULO 2

O SEGREDO DOS SEGREDOS

No teu coração

Se esconde o segredo de todos os segredos:

A confiança para cruzar os mares,

A ousadia que abre caminhos em selvas virgens,

A fé que derruba as prisões

e estende pontes criando relações.

Levanta os olhos e vê que,

para além das tuas ansiedades:

uma mão te conduz e um braço te ampara.

É o Teu Senhor que te guia

Por caminhos que desconheces.

Observa em silêncio o teu coração,

E saberás que,

Estão derrubados todos os muros,

estendidas todas as pontes.

Já murcham as ervas daninhas

E o bom trigo verdeja nas colinas.

O teu Arquitecto

Que te bordou no seio materno

Com o hálito do Seu Espírito,

faz de ti o seu Santuário

e todas as Arquitecturas

já se levantaram dentro de ti.

No teu coração

se esconde o teu Construtor.

Se n'Ele confias

A cada passo, a cada momento

Compreenderás o Segredo

de todos os segredos

à chama da Sua misteriosa luz

que arde no teu Santuário.

Capítulo 2

O Instituto feminino de Comboni

As primeiras Esposas de Cristo e Mães de África

Nos seus escritos, Comboni, usa frases ousadas quando fala das mulheres, que terão de enfrentar os desertos africanos para levarem a luz do Evangelho àquelas populações: «Devem estar dispostas a tudo, à alegria e à tristeza, à vida e à morte, ao abraço e à despedida. E a tudo isso estou disposto também eu. Quando se tem a plena certeza de estar a fazer a vontade de Deus, todo o sacrifício, todas as cruzes e a própria morte são o mais doce conforto aos nossos corações, a mais grata recompensa aos nossos sofrimentos».¹

É este o carácter que, Daniel Comboni exige às mulheres que aceitem segui-lo para entrarem no coração do continente africano; mulheres dispostas a arriscarem a própria vida. Ele não esconde que é uma procura difícil, longa e atribulada, mas confiada exclusivamente à Providência que não deixará de intervir.

¹ *Escritos*, 218; 3683.

Maria Caspi: a “Primogénita”

Filha de pais incógnitos,² a menina foi entregue à assistência social e nem sequer sabemos quem a levou à roda da misericórdia, nem ela jamais falará com alguém acerca da sua infância; sabe-se apenas, que foi levada para *Torres del Bénaco*, pequena aldeia da província de Verona, nas margens do lago Garda, frente a Saló, onde passou a sua infância e adolescência. Não há documentos que confirmem a data da primeira Comunhão, nem do Crisma, mas pelo êxito que veio a conseguir na vida, percebe-se que as pessoas que tomaram conta dela seriam honestas e de profunda fé. Aos quinze anos, a adolescente deixou *Torres del Bénaco* e regressou a Verona, sua cidade natal.

A casa da família Franceschini, em Verona, era frequentada por Comboni desde 1866 cujo filho, pe. José, partira com ele para África em 1967.

Naquela casa, trabalhava como empregada doméstica a jovem Maria Caspi, de estatura média, feições regulares, olhos límpidos e risonhos, simpática e alegre. Maria aprendeu a ler e a escrever muito bem e até com um certo estilo, era de carácter meigo e comunicativo, sabia costurar e cozinhar. Ao visitar a casa dos Franceschini, Daniel Comboni descobre na jovem, uma daquelas mulheres do Evangelho de que a Missão precisava urgentemente. Contudo, ele regressa a África sem lhe revelar a sua intenção. Maria tem apenas 17 anos, embora mostrasse uma maturidade superior a esta idade.

² Registo “*Stato personale*” do instituto em Verona”: Maria Caspi, dos órfãos de Verona, nascida a 02 de outubro de 1852. Entrou no Instituto a 31 de dezembro 1871. Iniciou o noviciado a 8 de dezembro de 1874 e professou no dia 19 de março de 1877. Partiu para a África Central a 12 de dezembro de 1877. Morreu no Cordofão (Sudão) em 16 de maio de 1880. (Cfr. APMR VI/A/2/1, p.2).

Uma carta de Comboni, depois da sua morte, lança um raio de luz sobre este período:

“A irmã Maria Caspi, a minha *primogénita*, encontrava-se ao serviço da família do senhor Ângelo Franceschini e tinha por confessor o pe. Anacleto Dalla Chiara, pároco em São Pedro Incarnário”.

Maria frequentava, ao domingo, a paróquia e participava com interesse na formação que o sacerdote dirigia às jovens. No seu coração sensível e bom começou a desabrochar a secreta esperança, de um dia se consagrar a Deus.³

A decisão de Maria Caspi

A 2 de novembro de 1871, Comboni está novamente em Verona para a aprovação das Regras, por parte do Cardeal Luigi De Canossa, e dar início à Fundação do Instituto Feminino. Vai, como de costume, visitar a família Franceschini para dar notícias recentes do pe. José, que se encontra no Cairo. Aproveita, assim, a ocasião para falar com a jovem, que já não é a adolescente de há alguns anos atrás, e diz-lhe:

– Em África são precisas colaboradoras, mulheres como tu; pretendo fundar um Instituto Feminino exclusivamente consagrado à Missão.

– Porque me fala nisso, padre?

– Porque tu poderias ser a primeira deste Instituto, vejo em ti as qualidades necessárias.

– Serei capaz de uma Missão tão sublime?

– Gosto da tua simplicidade, do candor dos teus gestos, do teu olhar bondoso e sincero... vem visitar-me. A sós falaremos mais à vontade.

³ Cfr. E. Pezzi, *A primogénita*.

Não sabemos se Maria foi ao seminário diocesano, onde o missionário Comboni se encontrava hospedado ou se o encontro decisivo se deu noutro lugar. Ela conta-lhe tudo: as suas origens obscuras, a pequena aventura sentimental, o novo voto de castidade que fizera há quatro anos, e que renovara nas festas mais solenes de Nossa Senhora, e o desejo de se consagrar ao Senhor para toda a vida.

– Bem... bem – começa Comboni: – ofereceram-me uma casa em Montório, onde te poderás preparar para a Missão de África. Aí se encontra Luísa Zago e uma amiga, que te irão receber como filha e te ajudarão. Eu gostaria que fosses para lá antes do fim do ano.

O Instituto feminino a germinar

É dia 21 de novembro de 1871. No Paço Episcopal de Verona, reúnem-se os membros do Conselho Central da *Obra do Bom Pastor*, recentemente reabilitada.

Dom Luís de Canossa, bispo de Verona, na qualidade de presidente-geral e Daniel Comboni na qualidade de diretor-geral tomam a palavra.

As palavras de Comboni são apaixonadas e convincentes, ao falar das dificuldades da Missão da África Central, à qual se destina a *Obra do Bom Pastor*. Comboni põe em cima da mesa as contas e, levantando a voz, diz que o objetivo da Missão não é o Cairo, mas a África Central. Insiste, portanto, na necessidade de desenvolver o colégio masculino, na casa comprada, junto ao seminário episcopal de Verona, para aí formar os alunos destinados à Missão... E, depois, apresenta o sonho que há muito tempo vem acariciando: a fundação de um Instituto Feminino. Quarenta dias mais tarde, ou seja, a 1 de janeiro de 1872, informa-nos: «O pe.

Comboni com a aprovação do senhor bispo, presidente da *Obra do Bom Pastor*,⁴ fundou em Montório, *l' Istituto delle Pie Madri della Nigrizia*, numa casa cedida por Luísa Zago,⁵ para onde, em meados do mês, acompanha a formadora, Pia Galli, uma religiosa de Pádua».⁶

A “Primogénita”

Por acaso, a nova sede, desde o dia anterior, já albergava a primeira postulante comboniana:

A 31 de dezembro de 1871, Maria Caspi, pontualmente acompanhada por Comboni, entra pelo portão daquela moradia austera de linhas arquitetónicas sóbrias, mas elegantes, meio escondida entre o verde das colinas e dos vinhedos. Tem 19 anos de idade.

A alba do ano 1872 deixa penetrar um raio de sol sobre o sonho de Daniel Comboni, enriquecendo a Igreja com um novo Instituto Feminino, o primeiro na Itália, com uma finalidade específica, *exclusivamente missionária*, hoje conhecido entre nós, como *Irmãs Missionárias Combonianas*.

Os dias passam serenos. Os muitos afazeres, as sábias lições que Luísa Zago lhe dá e os momentos de oração em comum impedem que os nevoeiros invernais lhe toldem a alma. Mas, se com ela houvesse mais alguma jovem a partilhar o ideal, fazendo com que pudessem meditar juntamente nas maravilhas que Comboni contava da África e na necessidade de se apressarem a levar Cristo a tantas almas, melhor seria!

⁴ Revista fundada por Daniel Comboni, publica o 1.º número em Janeiro de 1872; mais tarde (1883) mudará o nome, adotando o que ainda hoje tem, *La Nigrizia*.

⁵ À Sr.^a Luísa Zago, Montório, Verona, 11 de dezembro 1871, *Escritos*, 2628.

⁶ Às irmãs Girelli, Seminário de Verona, janeiro 1872. *Cfr. Escritos*, 2796; 97.

Passam-se os primeiros quinze dias quando lhe comunica:

– A partir de amanhã já não estarás sozinha! – anuncia jubilosamente Luísa Zago a Marietta.

– Comboni mandou-me dizer que preparasse o lugar para uma tua companheira, que ele irá trazer para aqui.

– Obrigada, obrigada! Preciso mesmo de conversar um pouco com o pe. Comboni, tenho de lhe perguntar muitas coisas sobre aquela África misteriosa e, sobretudo, quero saber quando é que poderei partir com ele.

A 17 de janeiro de 1872, junta-se a Maria Caspi uma segunda postulante: Maria Scândola, de Bosco Chiesanuova (Verona).



A aldeia de Maria Scândola

Maria Scândola, a irmã “mais santa”...

Maria Teresa Scândola,⁷ a quem familiares e amigos chamavam Marietta, nasce a 26 de janeiro de 1849, sendo o terceiro membro da família: duas irmãs, Francisca e Teresa que a precedem e Tiago António, o mais novo e único irmão.

Os pais, António Scândola e Giuseppina Leso são pequenos proprietários e vivem numa quinta, em Boscochiesanuova, a dois quilómetros e meio de distância do centro.

Em 1855, quando Marietta conta apenas 6 anos de idade, o seu pai morre.⁸

Um encontro singular⁹

Há sempre na vida um momento em que Deus passa e chama: é o momento da vocação. Para Marietta Scândola esse instante foi marcado por Daniel Comboni. Decorre em maio de 1871.

Em Erbezzo, uma pequena aldeia nos arredores de Bosco Chiesanuova, fala-se de supostas aparições de Nossa Senhora. As pessoas agitadas amontoam-se curiosas: sugestionadas por um jogo de cores, acreditam entrever a figura da Virgem Maria, numa fenda da montanha. No meio da multidão, Maria observa sem pestanejar: por mais que olhe fixamente para o lugar indicado, ela, na verdade, não vê nada.

⁷ Marietta Scândola, nasceu a 26 de janeiro de 1849 em Chiesanuova (VR). Entrou no Instituto no dia 17 de janeiro de 1872. Iniciou o Noviciado a 8 de dezembro de 1874 e professou no dia 19 de março de 1877. Partiu para a África Central a 12 de dezembro de 1877. Foi nomeada Provincial do Egito a 18 de março de 1892. Morreu em Lul (Sudão) a 1 de setembro de 1903 (Cfr. APMR/VI/A/2/1, p. 4).

⁸ Cfr. A. Martini, *Solo una donna può amare così*, 17.

⁹ Cfr. A. Martini, *Solo una donna può amare così*, 25-28.

O seu comportamento atrai a atenção de um homem que a observa: esse homem é Daniel Comboni, o grande Apóstolo da África Negra.

Ele estava ali, disfarçado de camponês, para apurar os factos, talvez enviado pela Cúria Episcopal de Verona ou, quem sabe, por sua iniciativa.

Impressionado pelo equilíbrio da jovem aproxima-se e pergunta-lhe:

- Porque não gritas nem aclamas como os outros?
- Não tenho vontade; não acho que seja preciso gritar.
- Mas está ali Nossa Senhora!
- Eu não a vejo!
- Se todos a veem, também tu a poderias ver!
- Mas eu não a vejo! – e afasta-se rapidamente.

A resposta clara e decisiva revela que aquela jovem não é influenciável e que é uma pessoa que sabe discernir; teve a viva impressão de que nela se encontrava a segunda pedra do seu Instituto.

Pouco depois, Daniel Comboni manda-a chamar ao presbitério. Ela reconhece no sacerdote o aldeão que lhe tinha falado e fica surpreendida quando este lhe pergunta se está disposta a segui-lo.

– Desculpe, quem é o senhor e para onde pretende levar-me? – pergunta a jovem sem perder a paz.

Comboni fala-lhe da Missão e dos milhões de africanos para evangelizar. As suas palavras tocam o coração de Marietta, dando contornos claros e concretos ao chamamento que ela sentia havia já algum tempo.

Feliz por ter encontrado uma resposta tão evidente às suas aspirações mais autênticas, ela pede-lhe segredo, nessa altura, pois precisa de refletir.

Num segundo encontro, Daniel Comboni tornando a Bosco Chiesanuova para o seu ministério, fala com Marietta acerca do Instituto que ele está prestes a fundar para a regeneração da África Central e convida-a a fazer parte dele. Ela fica feliz, mas tem que esperar que o referido projeto se realize.

No entanto, Daniel Comboni encontra-se pessoalmente com a mãe de Maria Josefa e fala-lhe então da vocação da filha; obtém dela um franco consentimento.¹⁰

Partida sem retorno

A 17 de janeiro de 1872, Maria vai a Verona com a mãe para combinar os últimos preparativos com o fundador. Mãe e filha aproveitam o modesto meio de transporte de um vizinho, que se desloca habitualmente à cidade para vender os seus queijos. A jovem leva consigo as poucas coisas necessárias para uma breve estadia. Porém, ao afastar-se da sua aldeia natal tem o presentimento de que nunca mais aí regressará. Assim, ao chegar a Verona, perto da casa onde é esperada, na Rua do Seminário, n.º 12, Maria tira os brincos e entrega-os à mãe:

– Toma mãe, vou entrar e já não voltarei a casa.

Daniel Comboni recebe-as calorosamente. Mostra-se feliz pela chegada desta jovem, a segunda que ele acolhe para o nascente Instituto.

O breve diálogo que se estabelece entre Comboni e a futura missionária tem o sabor das coisas simples e verdadeiras.

- Então queres ir para a África comigo?
- Vim expressamente para isso!
- Chamas-te Maria, não é verdade?

¹⁰ Cfr. A. Martini, *Solo una donna può amare così*, 15-16.

- Sim, embora todos me chamem Marietta.
- É um lindo nome, mas doravante chamar-te-ás Maria Josefa, pode ser?
- Sim!
- E... o que sabes fazer?
- Sei fazer “polenta” (papas de milho).
- Muito bem! Em África também é preciso saber fazer polenta. Então vem!

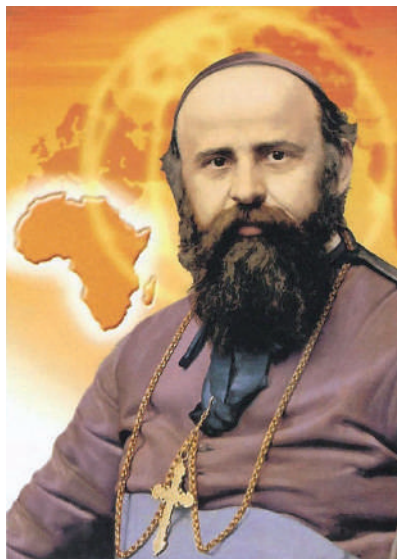
A jovem hesita... ela apenas tinha vindo para combinar os últimos preparativos... e retorquiu:

- Mas... primeiro preciso de ir a casa mudar de roupa; não vê? Vim de tamancos!
- E que tem isso de mal? Dar-te-ão uns sapatos!
- E para me despedir da minha família?
- A tua mãe despede-se por ti!
- Então fico?
- Fica!

Nestas últimas palavras encontramos a verdadeira Marietta: não regressará a Bosco Chiesanuova nem sequer para ir buscar o enxoval que tinha preparado. Livre dos acontecimentos, das coisas e das pessoas ingressa no Instituto das Irmãs Missionárias Combonianas de tamancos e avental, pronta para servir. Pouco depois dirige-se a Montório, na companhia do fundador.

Marietta Scândola foi a segunda irmã do Instituto recém-fundado e uma das primeiras cinco irmãs que chegaram a África em 1877. Ela consagrou toda a sua vida à evangelização dos africanos.¹¹

¹¹ Cfr. G. Scândola, Missionária Comboniana, *A coragem de arriscar*. Roma, Éditions DuSIGNE, 2003, pp. 9-13.



Daniel Comboni primeiro bispo da África Central

Daniel Comboni é nomeado provigário

A expedição ao Cordofão trouxe resultados animadores, pelo que, a 13 de janeiro de 1872, era fundada a Missão de El Obeid, capital do Cordofão. A 7 de fevereiro, Comboni entrega em Roma as novas Regras do Instituto para aprovação da Santa Sé. O Papa Pio IX estava contente com este seu missionário que, diante de enormes dificuldades, contradições e lutas, jamais duvidara do seu plano, *porque era obra de Deus*, e nomeia-o provigário apostólico da África Central. Era o dia 26 de março de 1872.

Ao ouvir chamarem-no de *monsenhor*, o novo título inerente ao cargo, Comboni sorri divertido. Mas, fica muito mais contente quando, a 11 de junho, com um decreto particular, Pio IX confia a Missão da África Central ao seu Instituto. O próprio Plano – *salvar a África com a África* – adquire maior consistência. A 18 de

agosto do mesmo ano, entra no Instituto masculino de Verona o primeiro sacerdote africano, pe. Pio Hadrian.

Entretanto em Montório, as postulantes: Maria Caspi, que lá se encontrava desde o dia 31 de dezembro de 1871; Maria Teresa Scândola, que entrava no dia 17 de janeiro seguinte, com a primeira formadora, Pia Galli, apresentavam-se verdadeiramente como *instrumentos frágeis* para darem vida a uma fundação, com ambições de se tornar uma **Congregação Missionária Internacional**.

Não obstante, Daniel Comboni escreve: «[...] Depois de tudo isto, só tenho que acrescentar uma coisa: haverá que padecer muito por amor a Cristo, enfrentar os poderosos, [...]. Porém, quem confia em si mesmo, confia no maior asno deste mundo. Toda a nossa confiança está n'Aquele que morreu pelos negros e que escolhe os meios mais fracos para realizar as suas obras, porque quer mostrar que Ele é o autor do bem, e que nós, por nossa conta só podemos fazer o mal»¹².

Alarga a tua tenda de Montório a *Santa Maria in Organo*

A casa de Montório, colocada à disposição de Comboni por Luísa Zago e Isabel Zadrach, tornou-se pequena, incómoda e demasiado afastada da cidade de Verona. Pouco a pouco as postulantes aumentam, embora Comboni, sensível às necessidades da Missão, acabasse por escolher cautelosamente só as capacitadas para a obra africana. Em nove meses de permanência em Montório, ficaram apenas duas: Maria Caspi e Maria Josefa Scândola.

¹² Comboni a Canossa, Viena, 21 de maio 1871. *Escritos*, 2459.

Entretanto, Comboni procura uma nova casa em Verona para o seu Instituto feminino e encontra-a na Rua de *Santa Maria in Organo*, n.º 1.

Trata-se de um antigo convento de religiosos beneditinos, olivetanos, expulsos por Napoleão Bonaparte em 1806 e agora morada de Laura Astori, fundadora das irmãs, Filhas do Sagrado Coração de Maria. Embora as condições de compra não sejam favoráveis, o edifício, junto da famosa Basílica de *Santa Maria in Organo*, reúne as condições necessárias para se tornar a *Casa Mãe* do nascente Instituto das Irmãs Missionárias Combonianas.

A 14 de setembro de 1872, Festa da Exaltação da Santa Cruz, as postulantes Maria Caspi e Maria Josefa Scândola¹³ deixam Montório e vão viver para a nova casa de Verona.

A Casa sem mãe

Os começos são duvidosos e carregados de incógnitas. Naquele dia, 14 de setembro, celebra-se a Festa da Exaltação da Santa Cruz. A data não foi escolhida por acaso. O fundador desejava colocar o seu Instituto Feminino à sombra da Cruz, *a única que tem a força para transformar a África Central em terra de bênçãos e de salvação*.

Antes de partir para a terceira expedição a África, a 20 de setembro de 1872, que para ele era a sexta viagem, o fundador tem uma longa conversa com o pe. António Squaranti, o jovem reitor do Instituto masculino de Verona. Evidentemente, Comboni queria dar uma sistematização definitiva à Casa feminina, que agora se encontrava a poucos passos da masculina. Seria muito mais

¹³ Na realidade, eram quatro as aspirantes, se contarmos Ângela Rossolani e Teresa Caviola, que entrou no mês de julho; mas somente as primeiras duas chegaram a professar. *Cfr. Escritos*, 2955; 56.

fácil para o pe. Squaranti exercitar a dupla função de diretor do seminário missionário e superior eclesiástico das *Pie Madri della Nigrizia*.

«Comboni anseia ver o Instituto feminino a funcionar, embora, no momento atual, a situação se apresente muito difícil no que diz respeito a meios e pessoal. De facto, nos primeiros dois anos verifica-se pouca afluência, muita instabilidade e abundantes críticas»¹⁴

Em particular, o pe. António Squaranti¹⁵ deveria seguir com muita atenção a formadora das futuras missionárias, a respeito da qual já havia algumas reservas.

Nas primeiras duas aspirantes, Maria Caspi e Maria Scândola, que o fundador tinha seguido pessoalmente, eram visíveis os sinais inconfundíveis de uma vocação segura. Agora, a dificuldade estava na formadora, que se revelou inapta para ajudar as futuras missionárias, fazendo com que essas jovens se enamorassem por Jesus Cristo, que somente por amor a Ele iriam deixar a pátria e a família, dispostas, se fosse necessário, a darem a própria vida.

A irmã Pia Galli, não tinha as qualidades requeridas pelo fundador. Impunha trabalhos pesados, e ao mesmo tempo humilhava e mortificava as jovens com severas penitências.

Comboni, que anda por África, parece ter esquecido um assunto de fundamental importância, e, o pe. Squaranti, embora fazendo

¹⁴ D. Agasso, *Comboni una vita per la missione*, 116.

¹⁵ Pe. António Squaranti, (1837-1878) nasceu em Gorbio (Verona), entrou no seminário diocesano de Verona e foi ordenado presbítero em 1863. Trabalhava na paróquia de S. Paulo, em Campo Marzio, quando em 1871, foi convidado por Daniel Comboni para exercer o cargo de reitor do seminário do seu Instituto com responsabilidades diretivas também sobre o Instituto feminino. Depois de seis anos, o vigário apostólico da África Central, incluiu-o na lista dos que partiam em dezembro de 1877. Morre de febre amarela em novembro de 1878.

o melhor que sabia, pouco consegue com aquela mulher cheia de manias religiosas e impiedosa com as futuras missionárias. Maria Josefa é formada na escola do sacrifício, frequentemente heroico. Para além das humilhações e recriminações, sofre também as estranhas exigências da formadora indigna deste cargo.

Mas, assim, já não se podia continuar. Teresa Grigolini observa que a formadora chegou a bater na colega M.^a Giuseppa, por ter deixado escorregar das mãos uma tábua muito pesada, durante a construção noturna de uma escada secreta, “que àquela pobre superiora se lhe tinha metido na cabeça” de querer utilizar como acesso ao seu quarto, sem que o pe. António Squaranti o soubesse”. Mas ele veio a sabê-lo e conclui: “Aquela superiora pouco depois foi demitida da Congregação”.

Sendo assim, Pia Galli, não participou na abertura do noviciado, o primeiro passo importante, realizado antes do fim do ano 1874.

«Felizmente, no mês de setembro de 1874, aparece Maria Bollezzoli, quem se revelara a enérgica protagonista de recuperação, destinada a assumir o cargo de primeira Superiora Geral das *Mães da África* e a governar o Instituto durante 27 anos».¹⁶

Maria Rosa Colpo

«Filha de Bartolomeu Colpo e Madalena Pivotto, Maria Rosa Colpo¹⁷ cresceu saudável e graciosa, revelando desde muito pequena uma vontade férrea. Teimosa e ambiciosa, não se resigna

¹⁶ D. Agasso, *Comboni una vita per la missione*, p. 117.

¹⁷ M.^a Rosa Colpo: nasce o dia 2 de maio 1848, em São Lucas de Crosara. Entrou no Instituto a 29 de setembro 1872, iniciou o noviciado a 08 de dezembro de 1874, professa a 05 de outubro 1879. Partiu para o Egito a 04 de novembro de 1879. Morreu em Malbes (Sudão) no dia 17 de setembro de 1881. (Cfr. APMR/VI/A/2/1, p. 8).

a que alguém lhe passe à frente e, somente com muito esforço, a mãe, por vezes, consegue derrubar aquela pequena fortaleza.

– Esta filha vai-nos dar muitos dissabores – dizia a mãe ao marido.

– Tem a pinta da família! A vida vai ensiná-la a viver!

A mãe faz tudo o que pode para limar as arestas daquele carácter ardente e ensinar à menina a virtude da humildade.

Na escola, Maria Rosa começa a mudar tornando-se gentil, reflexiva e bastante piedosa, de tal modo, que vai à Missa todos os dias e comunga frequentemente. Um dia, à noite, enquanto o pai se entretinha a ler o jornal, Maria Rosa aproxima-se dele e, sem rodeios, anuncia-lhe:

– Pai, decidi ser beneditina. Não me vais dizer que não.

– Que disseste, filha? – questionou o pai, pondo o jornal de lado e tirando os óculos. A mãe, que tinha escutado a conversa, aproxima-se deles mostrando-se ansiosa.

– Resolvi ser irmã beneditina! – repetiu Maria Rosa, com voz clara e forte.

A mãe, sobressaltada, começa a chorar. O pai toma fôlego e, com muita calma, comenta:

– E a tua saúde? És muito fraca, e a vida das irmãs beneditinas não é assim tão cómoda.

– Mas, que sabes tu das irmãs beneditinas?

– Ficam fechadas todo o dia no convento, levantam-se muito cedo de manhãzinha, rezam e trabalham ao longo da jornada, em absoluto silêncio! – ao pronunciar devagarinho estas últimas palavras, Bartolomeu fixa os olhos da filha.

– Já decidi, pai! Seguirei esse caminho, custe o que custar. – Afirmou Maria Rosa.

– És mesmo teimosa! Nunca desistes! – diz-lhe o pai, batendo com o nó dos dedos na mesa. Depois acrescenta:

– Mas, há um pormenor que não consideraste: ainda és menor de idade para tomares uma decisão destas.

– Está bem, pai.

Em 1869, aos 21 anos de idade, Maria Rosa entra realmente para as beneditinas. Contudo, bem depressa se apercebe de que o pai tinha razão: aquela não era a sua vocação.

Entretanto, Maria Rosa devorava revistas e livros que falavam das missões.

De Beneditina a Comboniana

Quanto mais lê e mais reza, mais atração sente por aquela África misteriosa, que a prende até ao mais íntimo do seu ser, e, achando que o Instituto de Comboni correspondia aos seus desejos prepara-se para a nova aventura:

– Daniel Comboni é o homem que me convém. Anda á procura de mulheres que queiram ir para a África Central. Eu estou disposta a correr para lá!

Depois de se ter informado e escutado a história vocacional da nova candidata, Daniel Comboni, achando-a idónea à vida missionária, autoriza-a a entrar no seu instituto como postulante. Quando chega a *Santa Maria in Organo*, a 26 de setembro de 1872, o fundador tinha já partido para África na semana anterior».¹⁸

¹⁸ L. Gaiga, *Mulheres em Missão*, 51-53.

Teresa Grigolini: eu vou!

A sobrinha Maria, da irmã Teresa,¹⁹ conta como Daniel Comboni frequentava a sua família: «Comboni vinha por aqui. Seguro que vinha e comia nesta sala! Viajava muito, ia à Áustria, andava sempre de cá para lá. Contava-nos o que fazia e por onde andava. Era muito amigo do tio Luís e do meu pai. Foi Daniel Comboni, quem abriu à tia Teresa a porta da Missão. Estava tudo nos começos, não sei se lhe davam donativos... pois havia grande amizade com o meu tio e o meu Pai.

Um dia, Daniel Comboni disse às três irmãs: “Uma de vós, venha comigo!” Não disse o nome de nenhuma, mas a tia Teresa respondeu prontamente: “Eu vou!” Tinha 21 anos.²⁰

Ficámos, assim, a ter a certeza de que «Nas suas raras visitas a Verona, entre as viagens a África, Daniel Comboni, frequentava a casa de Lourenço Grigolini, abastado agricultor de Mambrotta, aldeia que distava a poucos quilómetros da cidade, circundada de vastos terrenos férteis.

Lourenço e a sua família patriarcal nutriam grande simpatia por este missionário, que falava com grande entusiasmo de África e dos africanos. De tempos a tempos, ele ou algum dos seus

¹⁹ Ir. Teresa Grigolini: nasceu em Mambrotta (Verona), no dia 18 de janeiro de 1853. Entrou no Instituto a 23 de janeiro de 1874. Professou a 15 de outubro de 1876, juntamente com M.^a Bollezzoli e foi nomeada sua Vigária Geral. Foi uma das primeiras cinco irmãs combonianas que partiram para a África, guiadas por mons. Comboni, em dezembro de 1877. Permaneceu em Berber (Sudão) cerca de cinco meses, de lá partiu para Cartum e sucessivamente para El Obeid onde chegou no dia 10 de fevereiro de 1879. Foi a superiora provincial no Sudão até 19 de janeiro de 1883, data em que foi levada prisioneira para o campo Madhista. Foi a única irmã que ficou presa até à derrota do Mahdi em 1898. Morreu em São Martinho (Verona) no dia 24 de outubro de 1931. (APMR/VI/A/2/1, p. 10; Cf. E. Pezzi, *l'Istituto Pie Madri della Nigrizia*. 1881-1901).

²⁰ T. GRIGOLINI, *Tutti sapevano che ero stata suora*, 15.

rendeiros, dirigiam-se ao convento de *Santa Maria in Organo*, com a carroça carregada de sacos de farinha, de arroz, de frutas, garrafões de azeite e vinho; entre os cereais e as hortaliças cabia ainda um quarto de vaca ou de porco, acabado de abater.

– Se querem ir para África, estas irmãs precisam de ter sangue nas veias! – dizia Lourenço à missionária que lhe abria o portão do convento.

– Quem ajuda o apóstolo recebe a recompensa do apóstolo – respondia-lhe a porteira.

O Senhor da Messe já havia posto os olhos sobre aquela família, pois dois filhos de Lourenço optaram por se ordenarem sacerdotes»²¹.

A 21 de julho de 1873, Comboni escreve de El Obeid à família Grigolini: «Embora assoberbado com mil ocupações e apesar de ter quase mil cartas para escrever para os cinco continentes do mundo, não quero demorar-me mais a mandar duas linhas ao meu caro amigo Lourenço Grigolini, comunicando-lhe que as famosas garrafas, que me deu à minha passagem por São Martinho, foram gloriosa e devidamente bebidas para a maior glória de Deus e a nossa saúde... Em 99 dias de uma terrível viagem, levei a expedição até Cartum e noutros 10 dias e meio a El Obeid no Cordofão. Noutra carta lhe falarei da grande Missão que Deus me confiou, da escravatura, como se tratam os escravos, como se vendem, como se exploram milhares e milhares de filhos e filhas roubados aos pais...»²²

Ao ler estas cartas, Teresa inflamava-se cada vez mais com o desejo de partir para aquelas terras misteriosas, para lhes levar auxílio e lhes entregar o seu coração. Um dia, à mesa da família, Comboni tinha à sua frente as três filhas de Lourenço. A certa altura diz-lhes:

²¹ L. Gaiga, *Mulheres em Missão*, 56-57.

²² D. Comboni a L. Grigolini, El Obeid 27.07.1873, *Escritos*, 3277; 3281.

– Quem de vós quer vir comigo?

– Eu vou! – responde Teresa, sem qualquer hesitação – mesmo sabendo que uma tal proposta implicava dar a vida toda, mas a sua fé era grande: com Deus tudo se pode!

O senhor Lourenço, que captara a conversa, concentra toda a sua atenção, com um baque no coração.

Uma coisa é levar sacos de trigo a quem se prepara a partir para África, mas... outra é... levar-lhe a filha. E logo Teresa! Lourenço chama a esposa e comunica-lhe a proposta de Comboni.

– Que esperavas tu de Teresa, Lourenço? – diz-lhe ela. Não te apercebeste que a vida que ela vive não a pode levar senão ao convento?

– Mas a África... fica muito, muito longe!

– A culpa é daquele missionário, que quando fala da sua África, encanta as serpentes. Teresa, ao ouvir falar de escravos e de coisas no género, caiu como pera madura! E o pior é que, quando estas freiras partem para África, ninguém mais lhes põe o olho em cima!

– Mas, Comboni exige que escrevam frequentemente e permite aos familiares irem visitá-las.

– Quando estiver em África? Vais lá tu?

A notícia da iminente partida da terceira filha de Lourenço, desencadeia grandes sobressaltos e perplexidades entre toda a família, mas Teresa já tomara a sua decisão.

A 23 de janeiro de 1874, aos 21 anos de idade, enquanto Comboni se encontrava em África, havia um ano e meio, Teresa ingressa em *Santa Maria in Organo*, sendo acolhida pela irmã Pia Galli.

– Faz-me tanta falta! – dirá o pai. – Era a melhor de todas: competente, inteligente e afetuosa; sabia fazer de tudo e andava sempre alegre.

A partir daquele dia, sempre que carregava a carroça de víveres para levar às missionárias, colocava nela também o seu coração.²³

Maria Bollezzoli²⁴

Prudentemente, o pe. António Squaranti falava da obra de mons. Comboni, da Missão na África Central e dos novos Institutos para preparar o pessoal segundo as exigências daquela misteriosa Missão.

«Maria Bollezzoli nem sequer suspeitava o rumo que a sua vida ia tomar a partir daquelas belas histórias, narradas do pe. Squaranti que, finalmente, lhe fala abertamente da necessidade urgente de encontrar uma formadora para dito Instituto. Ela escutava com interesse e crescente perplexidade, mas quando percebeu claramente, que era ela quem o pe. António elegera para o delicado cargo, Maria resiste:

– Como posso, padre, aos 46 anos de idade, entrar neste mar de tempestades? Tenho apenas uma vaga ideia da figura de Comboni, mas o que mais me preocupa é o facto de eu não ter nascido para ir para África! Contudo, eu quero fazer a vontade de Deus.

²³ Cfr. L. Gaiga, *Mulheres em Missão*, 56-58.

²⁴ Bollezzoli Anna Maria Lucia, nasceu a 25 de janeiro de 1828, às 02h00, filha de Michelangelo e Teresa Zara, batizada a 27 do mesmo mês pelo pe. Ferdinando Ferrari, delegado do pároco: (Archivio Storico Curia Vescovile (ASCV). Registo Battesimi, Parrocchia SS. Nazaro e Celso 1818-1885, Verona). Os pais já de idade avançada, depositam na filha única todas as suas esperanças e fazem o que podem para lhe proporcionarem uma sólida formação. Inteligente e tenaz empreende os estudos e consegue, brilhantemente, o diploma de professora. Desde criança, sentia-se atraída pela vida religiosa e por isso entrou nas Ursulinas de Desenzano (Bréscia), levada pelo desejo de fazer algo pelo bem do próximo. Aconselhada pelo seu diretor espiritual a regressar para junto dos pais anciãos, Maria Bollezzoli permanece com eles até à sua morte.

Mais que pelo medo, Maria hesita pela sua humildade, não se sentindo à altura de tão difícil Missão.

Cansada e perturbada, depois de uma noite de insónia, na manhã do dia 6 de setembro de 1874, numa conversa com o diretor espiritual, Maria manifesta-lhe os seus medos:

– Eu não me recuso a seguir a vontade de Deus, mas desejo saber qual é essa vontade. O pe. Artini com voz segura diz-lhe:

– Siga o convite dos seus superiores, do seu bispo e não se enganará.

Ela receia resistir à vontade do Céu e a sua alma cai numa profunda angústia. Ajoelha-se, tenta rezar, mas a agitação aumenta cada vez mais. Dirige-se então ao mosteiro das Clarissas sacramentinas e à irmã, que lhe pergunta com quem deseja falar. Ela responde com um fio de voz: “Com a madre abadessa”.

Bollezzoli está convencida da santidade da Madre Serafina Oberbizer, que toda a cidade de Verona aprecia e venera. Por detrás das grades do escuro parlatório, a Madre recolhe em silêncio as lágrimas e a dolorosa ânsia da mulher perturbada que lhe fala, a quem parece impossível que a vontade de Deus a queira como superiora, antes mesmo de entrar no convento e, com doçura e bondade, sussurra-lhe:

– Não temas, Maria. Aceita, poderás fazer muito bem. Deus te ajudará, nós também rezaremos muito por ti e pela tua Missão. Desta forma ficaremos unidas para a maior glória de Deus.

Maria Bollezzoli sai daquele encontro mais animada, mas não totalmente convencida. Vai ao paço episcopal onde o bispo Luigi de Canossa a recebe paternalmente:

– Vossa Excelência vai perdoar-me, mas se eu aceitasse, não saberia como governar uma comunidade.

O bispo responde-lhe com tranquilidade:

– Deus nunca nos exige algo superior às nossas forças, não tenhas receio! Então, Maria deixou-se vencer e disse-lhe:

– Quando chegar a casa, vou ter com os missionários para lhes dizer que aceito. Depois será o que Deus quiser.

Mas o bispo, temendo um recuo diz-lhe com firmeza:

– Antes de chegar a casa passe por *Santa Maria in Organo*. Vá visitar o Instituto das Missionárias de Daniel Comboni e, se Deus a inspirar, fique lá!

E, traça sobre ela, que se ajoelhara a seus pés, um amplo sinal da cruz, abençoando-a.

Mais serena, Maria Bollezzoli, passa por *Santa Maria in Organo*, entra no Instituto e... fica lá.

E com ela entra a paz e a serenidade».²⁵

Nas atas de 22 de setembro de 1874, lê-se: «A assistente Maria Bollezzoli, por uma combinação de circunstâncias, passou para o Instituto das Missões de África como formadora das aspirantes a essa mesma Missão».



Maria Bollezzoli, Primeira Superiora Geral
delle Pie Madri della Nigrizia Irmãs Missionárias Combonianas

²⁵ Cfr. L. Gaiga, *Mulheres em Missão*, 34-36.

Finalmente, temos mãe – Início do Noviciado

A 6 de setembro de 1874, Maria Bollezzoli entra no novo Instituto feminino missionário, acolhem-na seis postulantes: Maria Caspi, Marietta Scândola, Teresa Caviola²⁶, Maria Rosa Colpo, Teresa Grigolini e Rosa Zabai.²⁷

Estas jovens, que entraram em datas diferentes, ficaram a aguardar de quem as preparasse para a Missão. Assim, Maria Bollezzoli inicia com elas um caminho em várias etapas. O noviciado tem início regular a 08 de dezembro de 1874, com a tomada de hábito das postulantes, sob a proteção da Imaculada Conceição de Maria, Santíssima Rainha de África. Toma parte na cerimônia o cardeal mons. Luigi di Canossa e mons. Crosatti, seu vigário-geral.

Naquela ocasião, Maria Bollezzoli, depois de ter sido, em 1856, uma das primeiras ursulinas, torna-se em 1874, a primeira noviça, mestra das noviças e superiora geral do Instituto feminino comboniano, juntamente com Teresa Grigolini, que será a primeira superiora provincial em África.

Dois anos mais tarde, ao terminar a etapa formativa do noviciado, o próprio fundador receberá os seus votos de Pobreza, Castidade e Obediência.

²⁶ Teresa Caviola: nasceu a 31 de agosto de 1846 em Torrebovicino (Vicenza), entrou no Instituto no dia 1 de julho de 1872, iniciou o Noviciado a 8 de dezembro de 1874. Deixou o Instituto a 16 de agosto de 1875 (*em APMR/VI/A/2/1*, p. 6).

²⁷ Rosa Zabai: nasceu a 11 de agosto de 1843, entrou no Instituto a 16 de julho de 1874, iniciou o noviciado a 8 de dezembro de 1874 e professou no dia 19 de março de 1877. Foi nomeada assistente Geral a 14 de junho de 1898. Faleceu a 19 de abril de 1900 (*Cfr. Archivo Pie Madri. APMR/VI/A/2/1*, p. 12. *Cfr. AMN*, n.º 12/n.º 2/ p. 50).

As Primeiras Profissões: 15 de outubro de 1876

A notícia muito breve que se encontra na primeira página de *Crônica*²⁸, não menciona sequer o nome nem o número das primeiras noviças admitidas à profissão religiosa.

Teresa Grigolini professou e foi eleita Vigária em 15 de outubro de 1876. Isso significa, obviamente, que a primeira a professar foi a superiora Maria Bollezzoli, como confirmarão mais tarde as *Memórias*.

A alegria e a emoção do fundador, ao receber em suas mãos a Primeira Profissão Religiosa, na capela do Instituto feminino, tomou conta do seu coração. O mesmo se diga das duas primeiras irmãs que, com felicidade indescritível, se consagraram a Jesus Cristo para as missões.²⁹

Elas e a primeira entre elas, M.^a Bollezzoli, iniciavam a longa fila das ***Mães da Nigricia***.

A partir desse momento, ela assume o cargo de conduzir, educar e formar as futuras missionárias da África Central, segundo um carisma e uma espiritualidade que ela ainda desconhecia. Somente uma mulher de grande confiança em Deus poderia iniciar e desenvolver um encargo desta relevância.

Poder-se-á perguntar: «Mas, porque será que Comboni só admitiu à profissão duas das noviças e precisamente as que tinham chegado por último?» O motivo era que, Maria Bollezzoli tinha que ser a Madre Geral da Congregação e Teresa Grigolini, que já era secretária, ainda noviça, iria ser também a vigária-geral da Congregação, pelas suas excelentes qualidades.

Comboni pretende que as duas primeiras irmãs, destinadas desde já a assumir responsabilidades no governo do Instituto,

²⁸ Os *Anais do Bom Pastor*, não publicaram nada, porque não tinham sido editados havia muitos meses. *Cfr. Escritos*, 4602.

²⁹ *Cfr. Memórias do Instituto Pie Madri della Nigrizia* (= MEMORIE), p. 16.

sejam também as primeiras a tornarem-se *Esposas de Cristo e Mães de África*.³⁰

Mulher culta e de grande experiência na formação da juventude feminina, Maria Bollezzoli, dedicou todas as suas energias à Missão que lhe fora confiada. No seu leito de morte, afirma:

«Eu entrei no Instituto por obediência e porque descobri que era a vontade de Deus. Depois que entrei, Deus e o Instituto, foram a meta de todos os meus pensamentos, aos quais consagrei todas as minhas forças.».³¹

A diferença na formação das futuras missionárias, como o podemos imaginar, da uma frase escrita do pe. Squaranti ao pe. Carcereri, quem por sua vez a comunicou a mons. Daniel Comboni: «Acredito que o Senhor nos abençoou com a nova formadora, as coisas desenvolvem-se da uma maneira completamente diferente; as noviças querem-lhe muito bem e estudam em excelente harmonia etc...».³²

Daniel Comboni, fundador e pai

Durante as suas visitas ao Instituto feminino, o fundador transmite a sua experiência e a sua espiritualidade missionária: uma Missão tão árdua e laboriosa como a nossa, não pode viver da *aparência* e de sujeitos de pescoço torto, porque em África é preciso mantê-lo direito; as suas irmãs têm que ser santas de verdade, mulheres corajosas e generosas, que saibam sofrer e morrer pelos

³⁰ A. Gilli, *Mons. Daniel Comboni e la fondazione delle Pie Madri della Nigrizia*, 81.

³¹ MEMORIE, p. 13,

³² A. Squaranti a Carcereri, e por sua vez a Comboni, 11 de outubro de 1874 (Cfr. Escrituras Originais referidas nas *Congregações Gerais da Propaganda Fide* (= COCG), 1876, vol. 1005, f. 1470).57

negros: sérias, bondosas e com tino; e quando se ama de verdade a Cristo, então são doces as privações, os sofrimentos e o martírio.³³

Preparadas neste clima ardente, a 19 de março de 1877, Maria Caspi, *a primogénita*, Maria Josefa Scândola, *a minha menina*, e Rosa Zabai consagram-se a Deus para a Missão, aumentando para cinco o número das irmãs professoras.

A 08 de junho de 1877, Maria Bertuzzi e Amália Andreis vestem o hábito de noviças. A irmã M.^a Bollezzoli escreve: «Nem podem imaginar a alegria delas nesse dia». Maria Bertuzzi mantém-se serena e cheia de entusiasmo. “África ou morte!”, repete frequentemente, antecipando o dia em que poderá atravessar os mares ao encontro das populações africanas, meta das suas aspirações juvenis.

Para o fundador, estas jovens irmãs são motivo de grande esperança, em relação às missões da África Central e disso informa o Card. João Simeoni: «... Na próxima semana, partirão para o Cairo cinco *Pias Madres da Nigricia* e, dentro de pouco, outras cinco partirão comigo para o Egito...».³⁴

O bispo dos... milagres

A 12 de agosto de 1877, Comboni é consagrado bispo da África Central, pelo Cardeal Franchi, na capela do Colégio da *Propaganda Fide*, em Roma. Participaram na cerimónia as neo-professas M.^a Bollezzoli e Teresa Grigolini. Mas não há rosas sem espinhos. Em Verona, ainda os aplausos ao novo bispo da África Central não tinham cessado e já os credores o assediavam exigindo que pagasse o que lhes devia.

³³ Cfr. *Escritos*, 6656

³⁴ Verona, 26 de maio de 1879. *Escritos*, 5725.

– Caras filhinhas – dizia às irmãs – chegou o momento de dobrarmos os joelhos e rezar a São José, nosso ecónomo especial, que venha em nosso auxílio.

As noviças e as postulantes levam a coisa muito a sério, estimuladas pelo exemplo das duas primeiras missionárias combonianas.

Numa tarde, apresenta-se na portaria do convento o padeiro, que há longos meses fornece o pão aos dois Institutos, sem ainda ter recebido sequer um tostão. Dá, apressadamente, os parabéns ao novo bispo e passa ao assunto importante que o traz ali. Apresentou-lhe uma lista de dívidas tão longa que nunca mais acabava. O bispo Comboni procura acalmá-lo com boas maneiras, mas em vão. Ele não cede. Comboni diz-lhe então:

– Por favor, venha amanhã e pagar-lhe-ei.

Satisfeito, o padeiro vai-se embora, na esperança de receber, no dia seguinte, o seu dinheiro.

Ficando sozinho, o bispo Comboni dirige-se à imagem de São José, que tinha na sua mesa de trabalho. Com simplicidade, fala-lhe da sua dificuldade e dá-lhe um ultimato:

– Se não me escutares, viro-te de caras para a parede e não te rezo mais. O problema é teu!

Passa uma hora e a campainha da portaria toca outra vez. A porteira vai abrir. É um senhor, que diz ter muita pressa e pede para falar com o bispo Comboni. Ele dirige-se, perplexo, para a sala de visitas, rezando para que não se trate de outro credor. Mas não! Este homem, felizmente, não quer dinheiro e, sem mais rodeios, explica o motivo da sua visita:

– Excelência, não me pergunte quem sou nem quem me envia; tenho unicamente uma tarefa a cumprir: põe-lhe nas mãos um envelope fechado, beija-lhe respeitosamente o anel e sai. O bispo abre o envelope e... fica emocionado. O envelope contém algumas notas que davam a quantia certa para pagar ao padeiro. Manda-o chamar a toda pressa:

- Aqui tem o seu dinheiro... e conta-lhe as notas.
 - Está certo? Vá na paz de Deus!
 - Mas como é possível, Excelência? Há uma hora não tinha tostão e agora paga-me até ao último centavo?! – dizia-lhe o padeiro, admirado!
 - Milagres da Providência, meu caro amigo! responde o bispo a sorrir.
 - Certamente um milagre!... – Acrescenta o padeiro surpreendido, é justo que também eu faça alguma coisa pelas missões.
- E deixa um bom donativo retirado do dinheiro, que tinha recebido das mãos do bispo.³⁵

³⁵ Cfr. L. Gaiga, *Mulheres em Missão... op. cit.* pp. 73-74

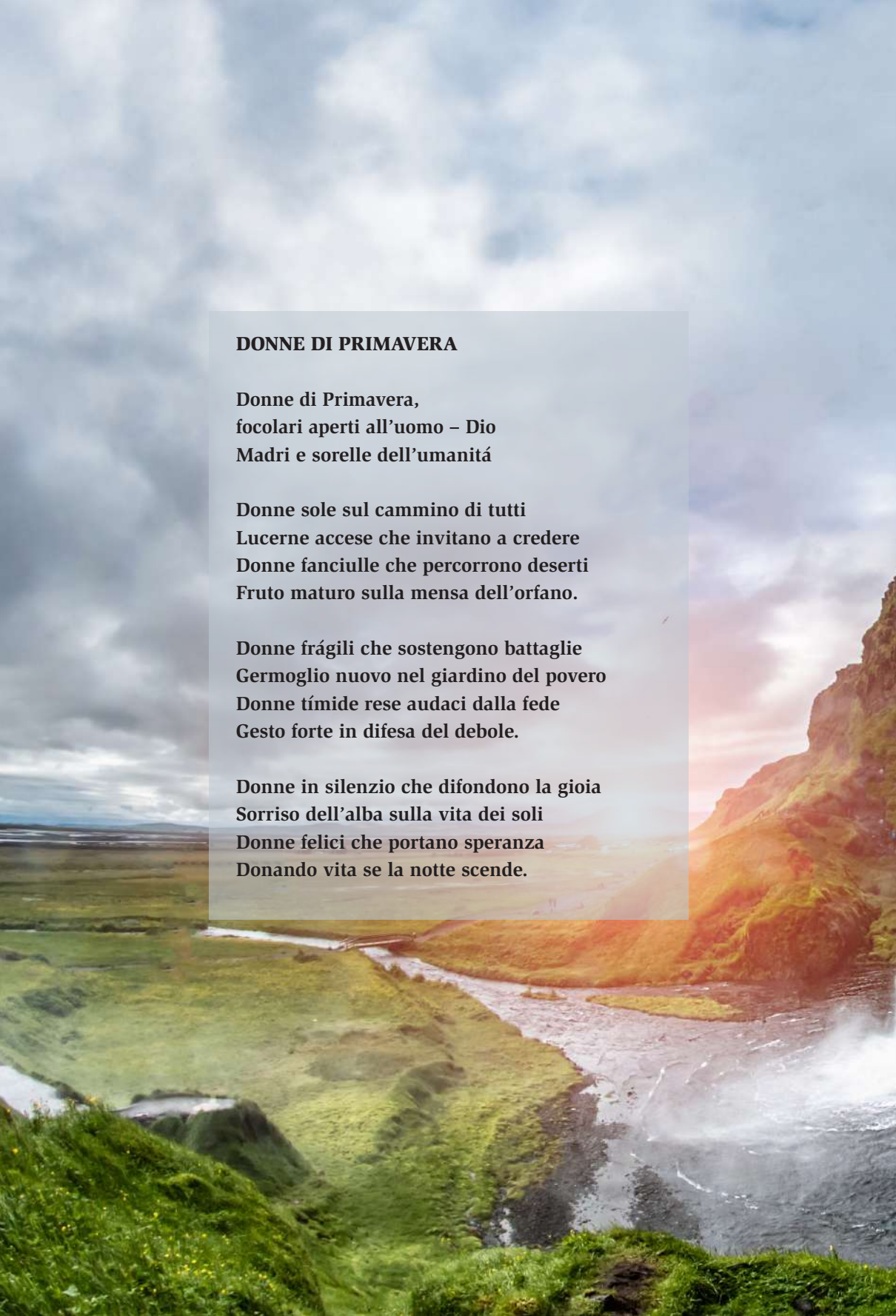
DONNE DI PRIMAVERA

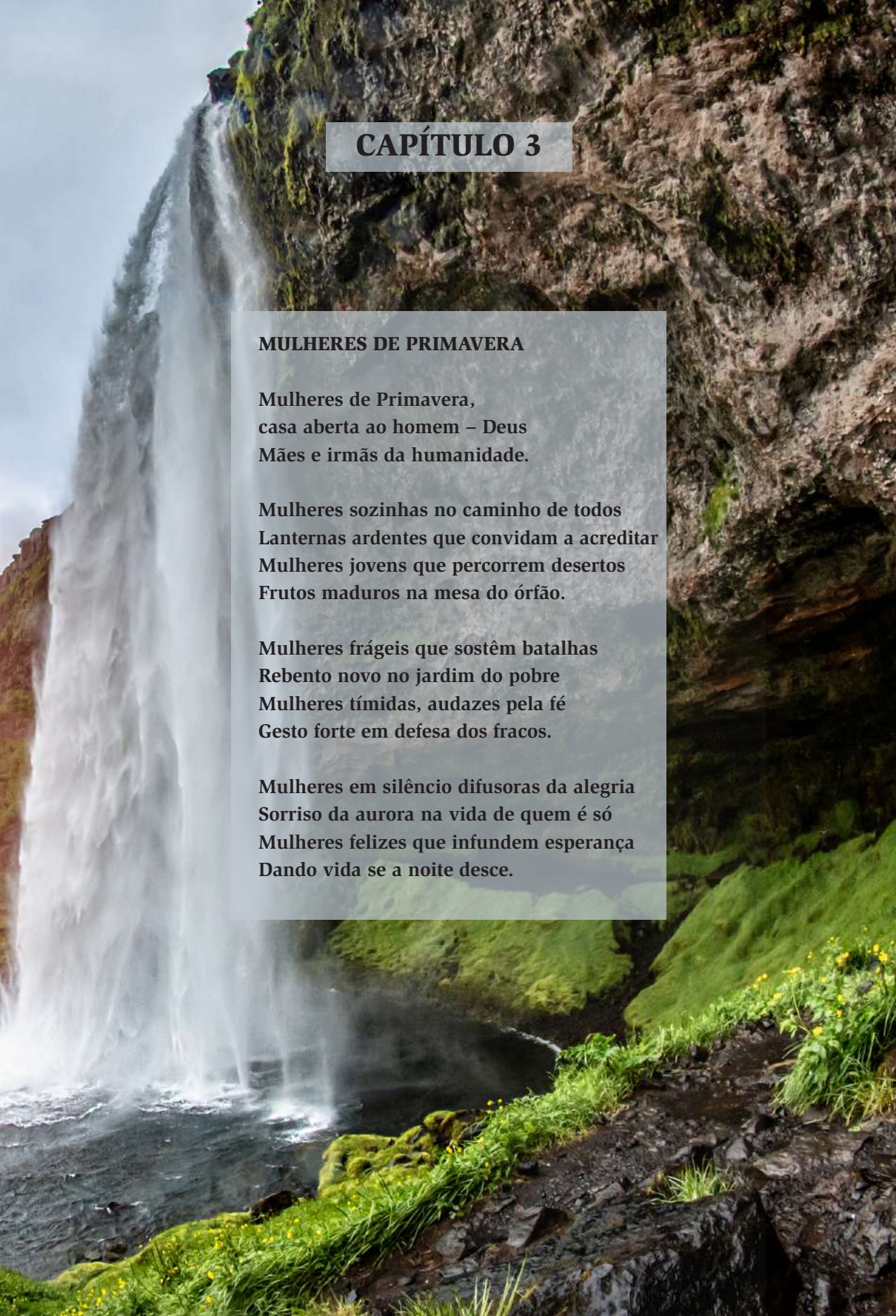
**Donne di Primavera,
focolari aperti all'uomo – Dio
Madri e sorelle dell'umanità**

**Donne sole sul cammino di tutti
Lucerne accese che invitano a credere
Donne fanciulle che percorrono deserti
Fruto maturo sulla mensa dell'orfano.**

**Donne frágili che sostengono battaglie
Germoglio nuovo nel giardino del povero
Donne tímide rese audaci dalla fede
Gesto forte in difesa del debole.**

**Donne in silenzio che difendono la gioia
Sorriso dell'alba sulla vita dei soli
Donne felici che portano speranza
Donando vita se la notte scende.**





CAPÍTULO 3

MULHERES DE PRIMAVERA

Mulheres de Primavera,
casa aberta ao homem – Deus
Mães e irmãs da humanidade.

Mulheres sozinhas no caminho de todos
Lanternas ardentes que convidam a acreditar
Mulheres jovens que percorrem desertos
Frutos maduros na mesa do órfão.

Mulheres frágeis que sostêm batalhas
Rebento novo no jardim do pobre
Mulheres tímidas, audazes pela fé
Gesto forte em defesa dos fracos.

Mulheres em silêncio difusoras da alegria
Sorriso da aurora na vida de quem é só
Mulheres felizes que infundem esperança
Dando vida se a noite desce.

Capítulo 3

Sétima Viagem de Daniel Comboni a África

As primeiras Esposas de Cristo e Mães de África

Os meses de outubro e novembro do ano 1877 foram caracterizados por uma azáfama fora do comum. Por isso, nada melhor que uns exercícios espirituais. Sabe-se lá quando será possível fazer outros em África, nas calmas, como aqueles que decorriam em *Santa Maria in Organo*!

Com Teresa Grigolini participam também nos exercícios espirituais Marietta Caspi, Maria Josefa Scândola, Vitória Paganini e Concetta Corsi, que farão a primeira profissão religiosa no dia 08 de dezembro, apenas quatro dias antes de partirem para a África. Nenhuma delas teve a oportunidade de se ir despedir da família. Apenas os familiares da irmã Teresa Grigolini passaram por *Santa Maria in Organo*, para um brevíssimo adeus.



1.º Grupo

A caminho de África

O ano de 1877, marcou um momento mágico para a jovem congregação das *Piedosas Mães da África*. Antes que esse ano terminasse, o fundador tinha razões suficientes para acreditar ter superado uma série de obstáculos e controvérsias, provocadas por alguns dos seus colaboradores¹ e, portanto, esperava apenas uma comunicação oficial de *Propaganda Fide* para poder retomar o caminho da sua querida Missão africana. E, desta vez, não iria partir só, porque também as suas primeiras irmãs, *Pie Madri della Nigrizia*, estavam prontas, restando apenas determinar quem, de entre elas, iria fazer parte da nova expedição.²

¹ Cfr. Position: S. C. Pro Causis Sanctorum [...] Danielis Comboni. Position super virtutibus ex officio cincinnata. Roma, MCMLXXXVIII. Cfr. pp. 647-693.

² *Escritos*, 4378.

O primeiro resultado, ainda que parcial, da sua escolha foi conhecido no dia 19 de março de 1877, na festa de São José, quando na Casa Mãe se celebrava a segunda Profissão religiosa e outras três irmãs, – Maria Caspi, M.^a Josefa Scândola e Rosa Zabai –, se consagravam para sempre à *causa da Nigricia*.

Tudo já estava preparado para a expedição comboniana: cinco irmãs, seis irmãos, três padres, entre os quais o pe. Antônio Squaranti, e o vigário apostólico que finalmente regressava à sua África, pela primeira vez, como bispo.

A 10 de dezembro, juntam-se ao cardeal Luigi di Canossa os sacerdotes e os fiéis, na Igreja de São Tomás de Aquino, em Verona, para a celebração da Eucarística de envio. O bispo de Verona entrega o Crucifixo aos missionários, recordando-lhes que levassem aos povos de África o nome de Jesus, a exemplo do Apóstolo São Paulo. Dirigindo-se àquelas jovens missionárias, o bispo, lembrando as palavras de Inácio de Loyola a Francisco Xavier, diz-lhes:

“Ide e incendiai, para que também vós possais repetir com Paulo: terminei a minha caminhada, conservei a fé e agora espero pela coroa da Justiça”.

A partida das primeiras irmãs de *Santa Maria In Organo*, foi particularmente emocionante para a irmã Maria Bollezzoli. Ela estava ali, para enviar à Missão os primeiros frutos do seu trabalho, feito com dedicação e generosidade.

– Adeus até à vista, em El Obeid! – grita-lhe Maria Bertuzzi.

Era o dia 12 de dezembro de 1877. A primeira etapa prevista é Roma e a segunda é Nápoles, de onde todo o grupo embarcaria para Alexandria, no Egito.³

Com aquele *adeus* a Verona iniciava-se, para as cinco jovens missionárias,⁴ o momento mais importante da sua preparação es-

³ Cfr. *Anais da Associação do Bom Pastor*, 1872-1882. n.º 17, 1978, pp. 23-24.

⁴ Teresa Grigolini, Marietta Caspi, Maria Josefa Scândola, Vitória Paganini e Concetta Corsi.

pecífica. Era o pai quem atuava como guia, totalmente disponível para partilhar com as jovens irmãs a experiência preciosa, que acumulara em tantos anos de Missão. Cada gesto cada palavra eram lições de história de geografia, mas sobretudo de relações humanas que as *filhas* jamais esquecerão.

Passando pela cidade eterna

Teresa Grigolini escreve: «Em Roma ficamos somente dois dias e infelizmente não podemos ver o Santo Padre, Pio IX, porque havia 25 dias que estava de cama, gravemente doente. Contudo, o nosso mons. Comboni foi introduzido no quarto de Sua Santidade e implorou-lhe a bênção para toda a nossa comitiva.

Visitámos alguns monumentos importantes, antes de deixarmos esta grande cidade eterna, que certamente eu não voltaria a ver. Mons. Comboni apresentou-nos ao Cardeal Franchi, prefeito de *Propaganda Fide*, que é o Protetor da nossa Missão, ou seja, quem, mais que outros, se interessa pelas coisas da África. O Cardeal recebeu-nos benignamente, desejando-nos coragem, bons e abundantes frutos na nossa Missão.

No dia 14 de dezembro, partimos de Roma para Nápoles, onde chegámos o mesmo dia; embarcámos, felizes e contentes, às 14h00 numa *Messengeria Francesa*, que possuía os vapores mais bonitos que sulcavam aqueles mares, cujas dimensões, imaginai-vos, era três ou quatro vezes maior que a nossa casa.

Mons. Comboni obtivera do general Francês Mac-Mahon uma viagem grátis desde Nápoles até Alexandria, mas esquecera-se de avisar o cônsul Francês de Nápoles, o qual lhe havia entregue os bilhetes. O vapor partia às 11h15 e às 11h00 Comboni ainda andava à procura do cônsul. Estando este ainda na cama, o bispo entrou-lhe pelo quarto adentro, pediu-lhe os bilhetes e saindo a

correr com os seus preciosos papéis na mão chegou ao cais sem fôlego, a poucos minutos do barco partir. Era o dia 15 de dezembro de 1877.

Viajámos pelo mar adentro. O “*Erebe*” ancorou no porto de Alexandria, na tarde do dia 19. Como chegámos no final do dia, os nossos padres acharam que era melhor passar a noite abordo e desembarcar na manhã seguinte. Do porto de Alexandria fomos logo à estação para comprarmos a viagem para o Grande Cairo; levámos 6 horas de comboio. Quando chegámos ao Cairo encontramos os nossos missionários que nos esperavam. Não sei como vos descrever a festa e a alegria de todos nós! Podeis acreditar que não há reis ou rainhas nesta terra tão felizes como nós.»⁵

A viagem, num mar agitado, serviu de preparação para o impacto com o mundo árabe, sobretudo para as irmãs, saídas do restrito cenáculo veronês. Desembarcam no Cairo no dia 2 de janeiro de 1878. Aqui, Comboni encontra-se com o explorador Henry Stanley, que regressava da sua famosa exploração transafricana.

Antes de continuar a viagem, o bispo Comboni quer acompanhar a comitiva em visita às pirâmides. As irmãs vão de carroça e os homens montados em burricos. Mais que um passeio é uma peregrinação à *Árvore da Virgem* onde, segundo uma lenda antiga, a Mãe de Deus teria repousado durante a sua fuga para o Egito. Também se visitou o obelisco de Heliópolis, a única coisa que resta daquela grande cidade.⁶

⁵ Cfr. *Tutti sapevano che ero stata suora...*, op. cit. Lettera ai familiari, Cairo, fine dicembre 1877/inizio gennaio 1878, pp.25-27.

⁶ A. Squaranti, Diario, p. 4-5; in Arch. C. (1978), 2, pp. 152-153.

Morre Lorenzo Grigolini

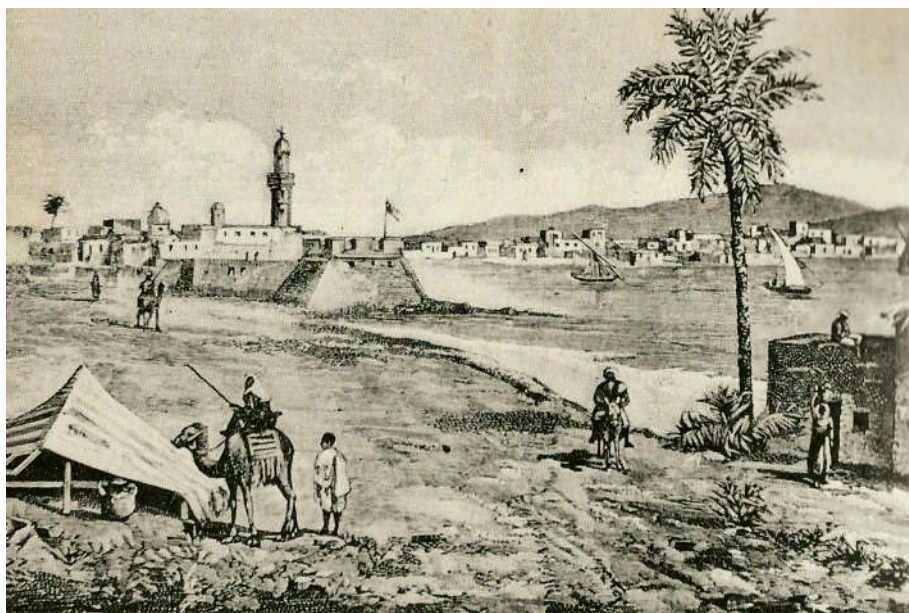
Enquanto os missionários sulcavam o Nilo, o luto abatia-se sobre Mambrotta: falecera o pai da irmã Teresa. O pe. Squaranti recebera a notícia no Cairo, mas não disse nada a ninguém. Entretanto, a comitiva chegava a Assuão, onde o pe. Squaranti dava a notícia a Comboni. A irmã Teresa, extremamente intuitiva, não tendo recebido correio de casa desde a sua partida, começa a recear alguma desgraça. Mais ainda, a irmã Maria Josefa Scândola, particularmente ligada à irmã Teresa por laços de amizade, teve uma espécie de visão enquanto rezava: pareceu-lhe ter visto no paraíso o pai da sua companheira com as mãos resplandecentes como o Sol; também uma certa reserva nas atitudes de Comboni aumentou a suspeita de Teresa, que quis saber o que estava por detrás de tudo aquilo...

Pe. António deu-me a notícia ontem às dez da manhã. À uma da tarde, não queria ir comer, porque era demasiado grande a minha dor e temia que a irmã Teresa, que se sentava à mesa no barco, à minha direita, me leria a expressão na cara. Por fim, impelido pelo pe. António fui e mostrei-me desenvolto. Foi impossível; a irmã Teresa leu no meu rosto [...], apenas terminada a refeição, correu ao quarto do pe. António e pediu-lhe que falasse claro. Ela dizia-nos: “mas digam-me a verdade que eu ficarei serena e resignada: o meu pai... morreu?”

O pe. António e eu ficámos petrificados [...], dos nossos lábios não conseguia sair a palavra, *sim*. Eu sabia que a sua família era a mais feliz do mundo, que, até então, Teresa não tinha conhecido o que era a morte de um ser querido: [...]. Ela amava o seu pai com um amor terno e nunca tinha passado um dia sem falar com ele, com a sua mãe, com os seus irmãos, as suas irmãs e o seu tio.

Fiquei assombrado com o heroísmo desta sua filha, que também é minha. Uma filha incomparável, *uma verdadeira santa* e um dos maiores confortos na minha difícil tarefa apostólica! Apenas saído

aquele «*sim*» dos meus lábios, ela caiu de joelhos, com os braços abertos para o céu. As palavras que lhe saíam, eram palavras da mais sublime santidade. Quase nunca vi uma filha com tanta ternura e amor para com os seus pais. A irmã Teresa é uma pérola, digna de ser comparada às mulheres do Evangelho. As irmãs gostam dela e consideram-na como uma mãe. Desde o dia em que parti de Verona até hoje, estive sempre a seu lado; estas cinco filhas vivem uma vida de paraíso: amam-se mais do que se fossem irmãos de sangue, ajudando-se umas às outras. O gosto de uma é o gosto de todas e os seus interesses são os interesses de Deus. Nós somos felizes e estamos preparados para tudo sofrer e mesmo morrer por Cristo.⁷



Berber: le Pie Madri vi entrarono il 30 marzo e vi dimorarono fino all'8 dicembre 1878.

Berber, a primeira Missão das Irmãs Combonianas

⁷ Assuão, Alto Egito, 3 de março de 1878, carta à sra. Estela, mãe da irmã Teresa Grigolini, em ocasião da morte do marido. *Cfr. Escritos*, 5067; 5072:

Berber, a primeira Comunidade Africana das Irmãs Combonianas

A 28 de janeiro de 1878, às cinco da tarde, a comitiva encontra-se já a bordo de um dos mais belos barcos que sulcam o Rio Nilo. A popa e a proa são cobertas e no centro estão as cabinas. Mas o vento mantém-nos bloqueados por dois dias, no porto de Bulacco.

Em Mina, a âncora, atirada ao caso, espeta-se na proa, furando o casco e inundando o barco, pondo em perigo a bagagem. Mons. Comboni e pe. Pizza, sacerdote italiano, prosseguem de comboio para Assiut, capital do Alto Egito. Mas neste espaço de tempo não ficaram de braços cruzados. Arranjaram outra pequena embarcação e prosseguiram a viagem pelo Nilo, exceto duas irmãs que viajaram de comboio.

Foi em Assiut que Comboni lhes comunicou a morte do Papa Pio IX.

A viagem do Cairo a Berber, como a irmã Concetta escreveu à irmã M.^a Bollezzoli, levou dois meses e foi bastante variada além de movimentada: A primeira etapa do Cairo a Assuão, passando por Minieh, Negada e Luxor, foi realizada em 32 dias de navegação no Nilo. De Assuão, depois de uma pausa de quatro dias, viajaram de trem até Scellal e chegam a Korosco viajando pelo rio. E, ainda, uma etapa de alguns dias para obter os camelos necessários; depois o início da travessia no deserto de Atmur.

A irmã, M.^a Bollezzoli, de Verona pôde seguir tudo, graças às cartas que as jovens irmãs lhe enviavam de forma alternada e regular.

A primeira a dar notícias, após a partida do Cairo, foi a irmã Josefa Scândola, que em 02 de fevereiro de 1878, da popa do

navio, informou:⁸ «estamos no meio do Nilo, apesar da falta de muitas coisas necessárias estamos todas bem, felizes e em boa harmonia».

Nove dias depois, foi a vez da irmã Teresa Grigolini, responsável do grupo, a mencionar o incidente ocorrido com o barco: «Todos estamos bem de saúde, mas [...] como deve ter ouvido, por meio do pe. Squaranti, a nossa Dahabia foi perfurada ao ancorar próximo à cidade de Miniet [...]».

O governo de Miniet disse que não era prudente continuar a viagem neste barco, por isso estamos parados à espera de que o Senhor providencie outro»⁹.

O deserto

De Assuão, a comitiva prossegue de comboio para Scellal. Aí, ficam dois dias, o tempo necessário para visitarem a ilha do File, outrora residência de Verão dos reis de Tebas. Daí, pelo Nilo, chegam a Korosco a 11 de março, onde principia o deserto de Atmur. Daqui em diante só se poderá viajar de camelo. Mas os camelos nessa altura são raros, devido a uma grande carestia que se abateu sobre a zona.

⁸ Scândola a Bollezzoli, 2 de fevereiro de 1878. *Anais, op. cit.* n.º 21, 1880, pp. 45-46;

⁹ Grigolini a Bollezzoli, 11 de fevereiro de 1878. *Anais, op. cit.* 21, 1880, pp. 46-48

Pelas boas graças de Gordon¹⁰ Paxá, governador do Sudão, que ordenou aos chefes locais para arranjam animais, eles apareceram. Mas em vez dos cem camelos de que Comboni precisava, apenas se arranjaram quarenta e, ainda por cima, esqueléticos não aguentando mais que meia carga. «Sou a pessoa mais azarada do mundo», escreve Comboni. Mas consola-se imediatamente: «Eu, os meus missionários, as cinco irmãs e os irmãos artesãos estamos nas mãos de Deus, de Maria e do bom São José. Que coisa maravilhosa: sofrer por Jesus e pelas almas que temos de conquistar!». ¹¹

A 17 de março a comitiva põe-se em marcha. Bem depressa, porém, ao cansaço e ao calor se junta a sede. A água que levam nos odres acaba por apodrecer. Apressa-se a marcha, procurando sair o mais rapidamente possível daquele inferno. Chegaram a fazer 17 horas de caminho na garupa dos camelos! A irmã Marietta Caspi é tomada pelas febres e vomita. De repente, de tempos a tempos, alguns camelos caíam por terra, mortos. O bispo vai à frente, encorajando, orientando, explicando e ajudando no que

¹⁰ Charles Gordon (1883-1885), oficial Inglês que desenvolveu missões especiais no Cáucaso e na China. Depois de ter sido cônsul Inglês em Galataz, passou ao serviço do Egito, onde em 1873 foi nomeado governador [...]. “O novo governador – escreveu Daniel Comboni, a 5 de maio de 1875 – pareceu-me digno do seu difícil e grande encargo [...]. Falei-lhe da escravatura e, neste argumento, professa os mais humanos sentimentos. (*Escritos*, 3568). Em 1877, Gordon foi nomeado governador geral de todo o Sudão, encarregado de suprimir a escravatura [...], “é meu amigo e sempre me visita. Decidiu confiar às nossas irmãs o hospital governativo de Fashoda ... (*Escritos*, 5389). Pôs à disposição das nossas irmãs, que deviam ir de Cartum a El Obeid, tanto o vapor como os camelos necessários para a viagem” (*Escritos*, 5538). O governador renunciou ao encargo em 1880, mas teve que voltar em 1884, para proceder à evacuação das tropas egípcias, após a derrota do General Hicks. Nomeado uma vez mais governador geral, do Sudão encontrou-se na impossibilidade de defender Cartum do assalto dos Madhistas onde, em 28 janeiro de 1885, foi assassinado.

¹¹ Korosko, 13 de março 1878, *Escritos* n.º 5082

pode e sabe. Finalmente, a 30 de março de 1878, a expedição chega a Berber. Exaustos, mas vivos!

Nova separação

Chegou o momento de se separarem: Comboni, três sacerdotes e os irmãos partem para Cartum a 4 de abril.

As irmãs ficam em Berber. Se, até então, eram unicamente *Esposas de Cristo*, agora tornam-se *Mães de África*. De facto, começava a autêntica vida missionária cheia de sacrifícios, de renúncias e de separações. Surgem também dificuldades em conciliar a vida religiosa com a vida missionária. A irmã Grigolini com muito bom senso escreve à irmã M.^a Bollezzoli:

«Aqui nada é estável, faz-se o que se pode. É impossível seguir com rigor os métodos de Verona. Por causa do calor excessivo, em certas horas do dia é impossível fazer qualquer trabalho. Madre, quem nunca visitou estas terras não percebe o que é desolação e miséria! Pobres escravos, pode imaginar, obrigados a trabalhar debaixo de pancada, nem que fossem animais...»¹²

O método apostólico de Marietta Caspi

A 27 de agosto, a primogénita escreveu, entre outras coisas, a M.^a Bollezzoli:

«Agora quero conta-lhe algo sobre estas senhoras berberianas: Quando nos vêm visitar tiram as “markub” (sandálias em forma de barco) à entrada e entram descalças em casa, porque assim,

¹² Teresa a Bollezzoli Berber, 16-05-1878. *Tutti sapevano che ero stata suora*, op. cit. pp.57-58.

segundo elas, se mostra mais respeito. Uma vez dentro de casa, beijam o crucifixo que trazemos ao peito e depois sentam-se no chão, escutando-nos com atenção, mantendo as pernas cruzadas. O vestido é muito simples, pois a maior parte é um lençol ou xaile branco chamado top. Ao redor do pescoço trazem muitos colares com moedas de ouro furadas,... No tornozelo trazem uma argola de prata ou de ferro segundo a condição social. Querida Madre, não acreditará que eu já tenho algumas amigas, mas é assim mesmo. Quando estas berberianas me vêm visitar, às vezes faço-lhes demonstrações de amizade, outras vezes digo uma palavra em árabe, outra em italiano, rimos às gargalhadas e bebemos café.

[...] Se não me encontram quando me vêm visitar perguntam: ‘onde está a irmã que ri?’ e não ficam contentes até que não me veem. Quando vamos passear com as nossas meninas, essas minhas amigas olham para mim sorrindo e cumprimentam-me, dizendo: ‘taibin?’ (como está?). Quando terminam a visita e estão para sair de casa cobrem o rosto com o seu lençol, exceto os olhos. Dizem que Maomé leva-os a todos para o Paraíso, enquanto que nós, cristãos, somos lenha para o inferno»¹³

Esta carta adquire um interesse especial quando se pensa que Berber era uma cidade inteiramente muçulmana, na qual, entre outras coisas, o futuro “*Mahdi*”, pouco antes, tinha aprofundado os seus estudos religiosos e amadurecido a sua “*mahdia*”.

Morre o pe. Squaranti

Em Cartum, onde o bispo Comboni chega com a sua comitiva, a 12 de abril de 1878, havia grande festa. O primeiro bispo

¹³ Caspi a Bollezzoli, Berber, 27 de agosto de 1878.(Cfr. *Archivo Comboniani Roma (ACR)*, A/21/1/8).

do moderno Sudão é recebido com grande pompa e um lauto almoço. Ainda os festejos não haviam terminado e já Comboni se apercebia da terrível realidade. A seca trouxe a fome que, por sua vez, provocou uma epidemia entre os habitantes daquela região. Três missionários morreram de tifo: o pe. Genoud o irmão Birozzi e uma das Irmãs da Aparição, que havia permanecido em El Obeid. Além disso, o Vicariato tem uma grande dívida que não consegue saldar. A Missão é tomada de assalto por um exército de pobres, de doentes e de necessitados que precisam de ajuda urgente. Vêm-se mulheres, velhos e crianças a cair debilitados ao longo dos caminhos sem que ninguém os possa socorrer. As pessoas chegaram a comer a sola das sandálias, os cães, os gatos, os ratos e até excrementos de camelo.

O bispo Comboni, em 24 horas não consegue dormir mais que uma hora. Apesar disso, procura proteger com heroica caridade o pessoal que o acompanhava, para que não seja atingido pela epidemia.

Neste contexto de heroísmo separa-se até do amigo pe. Squaranti, a quem envia para Berber, em setembro de 1878, com o pretexto de assistir as irmãs; mas o que ele pretende realmente é poupá-lo às intempéries que, então, se abatiam sobre Cartum.¹⁴

Em 21 anos, vividos na África Central, Comboni confessa, nunca ter visto tamanha miséria, tantas doenças e mortes. Em quinze minutos, homens robustíssimos vão para o outro mundo, vítimas de uma certa epidemia maligna que afeta o sistema nervoso. Daniel Comboni escreve: «Após a tremenda seca, as chuvas e a mencionada epidemia morreram-me três sacerdotes, entre eles, o meu braço direito, pe. António Squaranti, antigo superior dos meus institutos de Verona, a quem eu trouxe o ano passado para o Vicariato, como administrador-geral e com vontade de o nomear

¹⁴ Cartum, 24 de outubro 1878. *Cfr. Escritos*, 5429-32.

meu vigário geral, se o estado de saúde o tivesse permitido. Eu tinha-o enviado de visita a Berber, sobretudo para o retirar da ameaçadora epidemia. Mas passados quarenta dias de ele estar em Berber, inteirou-se de que, em Cartum, todos os sacerdotes estavam doentes com febre, de que muitos da Missão tinham morrido e de que o bispo era o único que se mantinha em pé, sendo ao mesmo tempo, bispo, pároco, administrador, superior, enfermeiro, etc.; etc.; por isso, o pe. António Squaranti saiu de Berber, a 24 de novembro, num barco à vela para me vir ajudar e ao cabo de quinze dias, chegou a Cartum mais morto que vivo, porque, infelizmente, nos últimos quatro dias de viagem fora afetado pela febre e a epidemia. Resultaram inúteis todos os cuidados durante doze dias: com o fogo da caridade e resignado voou para o eterno descanso no dia 16 do mesmo mês. Que grande desolação [...] aquela morte foi muito sentida em Berber. O pe. António Squaranti tinha sido um autêntico pai para as jovens irmãs, ainda inexperientes para enfrentarem África. Contudo, o apóstolo católico sempre fora acompanhado pelos sacrifícios e pelo martírio. À Paixão e Morte de Jesus Cristo seguiu-se a Ressurreição. O mesmo sucederá com a África Central.¹⁵

Daniel Comboni aproveitou o vapor, posto à sua disposição pelo governador, para ir a Berber buscar as jovens irmãs e acompanhá-las a Cartum. Com a saída das irmãs, fechou-se praticamente a Missão de Berber, que tinha sido aberta pelos Camilianos, em abril de 1875. E, deste facto, o bispo Comboni informa a *Propaganda Fide*, de Lião, em 31 de dezembro de 1878: «Depois das mortes e das graves doenças havidas entre os missionários, irmãos e leigos coadjutores europeus, fechei provisoriamente Berber[...]»¹⁶

¹⁵ Ao Card. Giovanni Simeoni, Cartum, 02 de janeiro de 1879. *Cfr. Escritos*, 5527-31.

¹⁶ À *Propaganda de Lião*, Cartum, 31 de dezembro de 1878. *Escritos*, 5502.



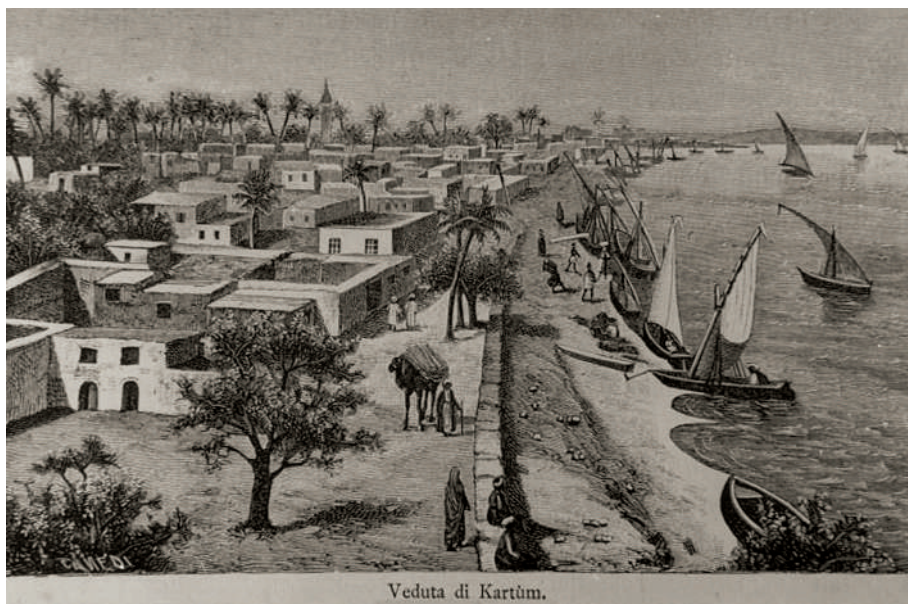
De Berber a Cartum, outra lição de vida missionária

Uma vez que tinha uma embarcação à sua disposição, pela generosidade de Gordon Paxá, o fundador quis aproveitá-la para visitar todos os povoados do seu Vicariato, situados às margens do Nilo. Não somente sentia a necessidade de estar presente onde a seca, a carestia, as inundações e as epidemias tinham sido mais devastadoras, como também queria ver a reação das suas “noviças” missionárias.

Eis o seu relato enviado mais tarde à *Propaganda Fide*: «De Berber a Cartum, visitei, com as irmãs, muitos povoados, para além das cidades de Scendi, Mothmma etc. Aí, encontrei morta mais da metade da população e o resto dela eram como esqueletos ambulantes; também as mulheres, cadavéricas e nuas alimentavam-se à base de erva e de sementes de feno. Eu reparti grão e dinheiro, e batizei muitas crianças de ambos os sexos *in articulo mortis*...

As cinco irmãs *Pie Madri della Nigrizia*, longe de desanimar, encorajavam-me a mim mesmo...¹⁷

Uma visão que deve ter parecido apocalíptica, especialmente para quem a via pela primeira vez e sabia que poderia não ser a última. No entanto, com alívio compreensível do fundador, as jovens resistiram bem ao impacto.



Via Cartum com destino a El Obeid

As missionárias encontram-se agora em Cartum a preparar a viagem rumo a El Obeid. A irmã Teresa escreve aos familiares e conta-lhes maravilhas, com o entusiasmo e a inteligência que a caracteriza:

¹⁷ Cfr. *Escritos*, 5525;5529

«Estamos prestes a partir para o Cordofão. A viagem de Berber a Cartum foi agradável, embora durasse seis dias. Quando passava uma nuvem de patos selváticos, ó meu irmão, só queria que visses estas maravilhas. Havia também outras aves em tamanhas quantidades que cobriam ilhas inteiras. Mas agora vou terminar, porque tenho que me preparar para a viagem [...]».¹⁸

Já em pleno deserto, a irmã Teresa Grigolini, retoma o contato epistolar com a sua família e informa: «Que belo! Tudo está preparado e esperamos o momento de montar o camelo. Estou aqui sentada numa esteira, resolvida a escrever-vos mais umas linhas, na esperança de conseguir pôr a carta no correio antes de prosseguir a viagem: imagina o grande Nilo Branco, seis vezes maior que o nosso Ádige. A quinze passos de distância está uma cabana de palha e a vossa irmã de cócoras, num cantinho, escreve-vos uma carta. Imagina ainda esta cabana, rodeada de camelos, que ao verem as cargas preparadas à sua frente mandam pelos ares grandes rugidos, porque já sabem que o deserto os espera [...]. Os cameleiros, armados de lança, escudo e chicote de hipopótamo, discutem estre eles. Parecia que se preparavam para uma batalha. Se os vissem por aí em Verona... que susto! Oh pernas, para que vos quero...! A um deles, que tinha muita sede levei-lhe um recipiente com água e ele, como recompensa, quis que eu montasse o seu camelo a todo o custo, e aí de quem ousasse contrariá-lo! Armava-se logo ali uma grande barafunda[...] “Tu deste-me de beber e eu dou-te o meu camelo para tu montares,” decretou.».¹⁹

Mas há uma nota triste em toda esta alegria: o bispo Comboni, atacado pelas febres não pode viajar com os seus missionários, ficando em Cartum de onde escreve: «Cinco irmãs do Instituto das *Pias Madres da Nigricia*, que estavam em Berber, saíram de

¹⁸ Teresa ao irmão, Cartum, 13 de janeiro 1879. *Tutti sapevano che ero stata suora...*, *op. cit.*, pp.38- 39.

¹⁹ Teresa aos familiares, Duen, 29 de janeiro 1879. *Ivi*, *op. cit.* p. 39- 40.

Cartum com uma magnífica embarcação que gratuitamente me cedeu a grande bondade de Sua Excelência Gordon Paxá, governador geral do Sudão. Navegaram pelo Nilo Branco até Duen, de onde, em camelos que também Gordon Paxá me proporcionou, continuarão até à capital do Cordofão».²⁰

O sofrimento causado pela sede, em pleno deserto, chega a assustar até os mais corajosos.

Espalhadas pelo deserto, vivem algumas tribos nômadas que se estabelecem à beira das poças, formadas pelas águas das chuvas, com os seus animais e quando a poça seca, eles vão em busca de outra.

Narra a irmã Teresa: «Depois de uma semana de marcha encontramos aqui e ali alguma pequena aldeia entre 15 a 20 cabanas, redondas, cobertas de palha, isso é sinal que nas redondezas se encontra um poço de água salgada mais quente que morna. Os habitantes vieram ao nosso encontro, todos admirados, por verem gente assim. Para eles, éramos talvez muito semelhantes aos animais de circo na Europa, por causa dos óculos, dos fósforos e da vela que acendíamos à noite. Esta gente é muito acolhedora, até nos ofereciam a sua pequena cabana, dispostos a ficarem, eles mesmos, ao relento. A dois dias de distância do Rio Branco, ouvimos pela primeira vez o rulo das hienas. Garanto-vos que não tivemos medo algum. Foi assim também, porque connosco estavam dois missionários armados, com um revolver e um fuzil. Nos últimos três dias encontrámos o deserto ondulado, era um constante sobe e desce de pequenas colinas de areia avermelhada; mas o pior eram os bosques de árvores espinhosas, isto é muito sério: imaginem-nos sentadas no dorso do camelo, passando por entre esses ramos de espinhos, que rasgam não somente a roupa como também a cara e as mãos.

²⁰ Carta ao Card. Simeoni, Cartum, 16 de janeiro de 1879. *Escritos*, 5538.



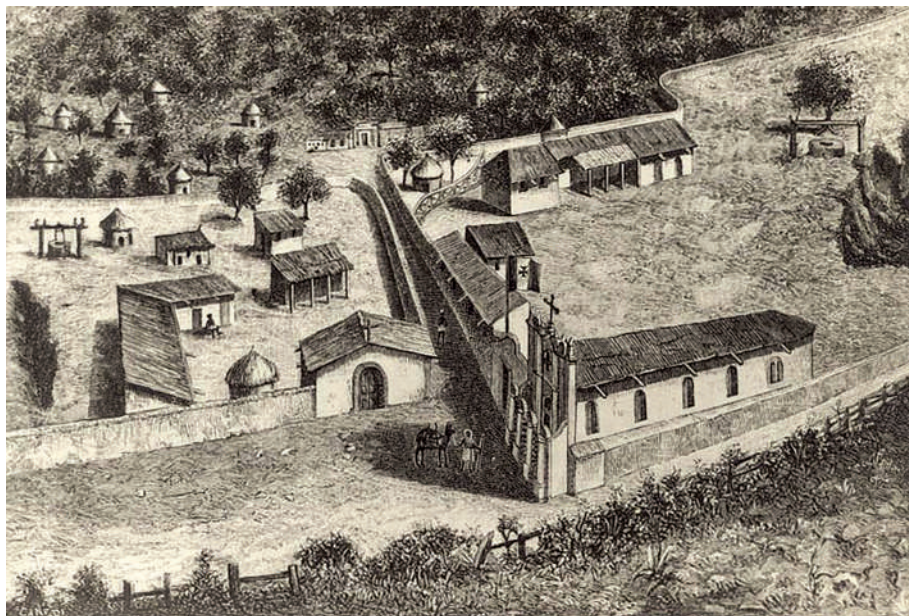
Missão de Lul entre os Shilluk aos tempos da irmã M.^a Josefa Scândola – 1903

Ainda bem que estes percursos eram relativamente breves, mas um deles, que durou sete horas, conduziu-me a um labirinto sem saída e tive que voltar para trás em busca dos outros. Vós direis: “E porque não estavas com os outros?” Eh! Sim, fácil dizer, mas deveis saber que o camelo não se deixa conduzir como os outros animais. A nossa caravana era composta por 19 camelos, mas no segundo dia outros comerciantes juntaram-se a nós e tinham mais 100 camelos.²¹

As minhas irmãs tiveram febre várias vezes, por causa do frio da noite e logo depois do sol escaldante do dia. Felizmente, chegamos todas sãs e salvas e ao vermos que um grupo de quarenta jovens estavam à nossa espera esquecemos as fadigas e o cansaço da viagem.»

A viagem pelo deserto foi muito difícil para as irmãs. Mas o Senhor tinha a Sua mão sobre elas e depois de um mês de autêntico purgatório, para percorrerem os 700 quilómetros de viagem no dorso de camelos “esqueléticos”, chegaram ao destino. No seu diário, a irmã Paganini registou: «Chegamos a El Obeid no Cordofão, no dia 10 de fevereiro de 1879. Uma viagem para esquecer».

²¹ *Tutti sapevano che ero stata suora...*, op. cit, p. 39, Duen, 21 de janeiro 1879, *Ibidem*, El Obeid, 22 de Fevereiro 1879, pp. 40-42.



El Obeid – A Missão nos tempos de Comboni

Carestia e desolação

Em El Obeid encontram, na direção do internato feminino, Fortunata Quascé (nubiana)²² e Domitila Bakhita (dinca), ex-es-

²² Fortunata Quascé, nasceu em Nuba (África Central) no ano de 1841. Ainda criança, foi levada para Verona (Itália) integrada num grupo de escravos, resgatados no Cairo (Egito) de ambos os sexos (18 rapazes e 10 meninas) e entregues aos cuidados do pe. Nicolau Mazza, que os recebia para os educar no seu Instituto. Em 1867 Fortunata regressou ao Cairo acompanhada por Daniel Comboni e confiada, como aluna, às irmãs francesas, da Congregação de São José da Aparição, encarregadas da direção do Instituto feminino. Mais tarde, Fortunata, sentiu o desejo de consagrar a Deus toda a sua vida para o bem dos seus compatriotas. Foi aceite na Congregação das *Pie Madri della Nigrizia*, fundada por Daniel Comboni, onde entrou o dia 7 de agosto de 1879 como postulante. Iniciou o noviciado o dia 2 de julho de 1880 e professou a 9 de abril de 1882. (Cfr. AMN, marzo 2005, n.º 9 p. 86).

cravas, educadas no Instituto Mazza, de Verona. Elas falam perfeitamente três línguas: o árabe, o francês e o italiano.

Também em El Obeid, a carestia deixou muita desolação: mortes, carnificinas, fome, sede e toda a sorte de privações, amarguras e cruces.

As cinco irmãs, recém-chegadas, não conseguem dar solução a tantos problemas. Comboni, abatido pela angústia e pelas canseiras, escreve: «As Obras de Deus devem nascer e crescer sempre aos pés do Calvário. A cruz, as oposições, os obstáculos e o sacrifício são a marca ordinária da santidade de uma obra; e é seguindo este caminho, semeado de tribulações e espinhos que as obras de Deus se desenvolvem, prosperam e alcançam a sua perfeição e triunfo».²³

Depois de cinco meses de dolorosas insónias, o fundador resolve repatriar e o pe. Luís Bonomi abandona o Cordofão para o substituir em Cartum, levando consigo as irmãs Teresa Grigolini e Josefa Scândola.

Novas separações

A despedida das outras três irmãs que ficaram em El Obeid foi dolorosa, sobretudo para a irmã Marietta, muito afeiçoada à irmã Josefa que muito estimava pelo seu equilíbrio, bondade e disponibilidade. Com ela partilhou a vida em Montório, o longo postulantado em Verona e o silêncio do noviciado..., mas elas sabem que a vida missionária é feita de separações, aceites por amor a Deus e ao anúncio do Seu Evangelho de Salvação.

As irmãs, tanto em El Obeid como em Cartum, inserem-se perfeitamente na atividade missionária, sobretudo entre as meninas

²³ *Escritos*, 6337

e as mulheres. Ensinam não somente catequese como também um sem número de coisas que fazem a vida de uma mulher, entre as quais o cuidado da casa e dos filhos.

Graças a Deus, embora o momento fosse extremamente crítico para Comboni, o médico ordena-lhe que regresse à pátria para se recuperar. Ele não vacilou na fé, mas reagiu à situação dramática de modo profético:

«O Instituto das *Pias Madres da Nigricia*, que eu fundei em Verona [...], possui por graça de Deus, todo o espírito apostólico para trabalhar devidamente nas árduas missões da África Central e vai-se desenvolvendo de modo que bastará para atender, por si só, a todas as obras de capital importância que se devem criar e aperfeiçoar no meu Vicariato [...]. Todas as cruzes e adversidades que sofreu este Vicariato, serviram somente para fortalecer o espírito desta grande obra, e para a pôr em condições de alcançar no futuro uma prosperidade certa, porque as Obras de Deus sempre nasceram ao pé do Calvário, e devem percorrer, como Jesus Cristo, o caminho da Paixão e Morte para alcançar a Ressurreição...».²⁴

Sigamos em frente:

As cinco irmãs estavam bem conscientes das suas próprias limitações e de que o seu número não era suficiente para formar duas comunidades. No entanto, já bem treinadas na escola do Pai, arregaçaram as mangas e tentaram fazer tudo o que lhes era possível. Sem recuar e com tal determinação, o pe. Giovanni Fraccaro foi o primeiro a tranquilizar o bispo que estava em Itália:

«Aqui, monsenhor [...] está tudo bem. Se alguém precisa de sofrer, sofre, e não pouco, devido a tantas situações permitidas por Deus [...]. Mas o que são estes sofrimentos, o que são as

²⁴ *Escritos*, 5725-26

privações quando se desfruta da paz e da tranquilidade em família [...]! As irmãs estão bem, atualmente; tiveram alguma febre, mas já melhoraram. São verdadeiras irmãs de caridade... quanto me encorajam estas boas irmãs! Fazem maravilhas para o bom funcionamento da casa e tudo o resto que for necessário, são incansáveis; são três mas trabalham por dez; muitas vezes tenho que repreende-las por não terem qualquer consideração pela sua saúde...». ²⁵

À carta do pe. Fraccaro a Comboni faz eco a da irmã Teresa a um seu tio: «Encontro-me em Cartum e estou feliz. Este ano, em África não vai tão mal como o ano passado. As doenças terminaram, o ar é saudável e há abundância de grãos [...]. Entretanto, nós cristãos, sabemos que a nossa pátria não é esta terra, mas o céu. Nós semeamos boas obras, sacrifícios e atos de caridade e virá o dia em que recolheremos com alegria...».

²⁵ *Anais*, 19 (1879):44;54

CAPÍTULO 4

O CONVITE

Solta-se a minha barca
ao ouvir o convite:
«Cruza para a outra margem!»
Sozinha, contigo
Mestre adormecido
A minha barca desliza
rumo às águas profundas.

O trigo no celeiro
Anela a primavera:
«Semeado serei pão!»
Sussurra, sonhando o pequeno grão...
«Não há sementeira sem riscos!»
Avisa o semeador,
«de ser pisada, devorada, queimada...»

Em balia do vento
O grão de trigo viu o caminho batido,
E o terreno pedregoso
E os passarinhos famintos
E no céu, o sol ardente
E que, no solo cresciam espinhos.

A tremer, abraçou-se à esperança,
E adormeceu no coração da terra
À espera da primavera... e,
das gavelas de espigas!

Por um grão de trigo que morre
O mundo inteiro se nutre de Deus.

Capítulo 4

O fogo da vocação missionária

Maria Rosa Colpo, cinco anos de noviciado

Depois de um tempo de preparação, sob a guia da nova formadora, em 1874, Maria Rosa Colpo, inicia com entusiasmo o noviciado, mas a sua saúde parece declinar. A mestra, Maria Bollezzoli, que tinha intuído a carga espiritual da jovem sustentava-a e encoraja-a. Por causa da sua debilidade física, ela terá de prolongar o período do noviciado de 2 para 5 anos, antes de ser admitida à Profissão. E, felizmente, chegou também o seu dia. Foi o próprio fundador quem pregou o retiro às noviças, que se preparavam para a Consagração, entre as quais se encontrava Maria Rosa.

O seu amor à cruz, reforçado pelos sofrimentos da vida, dava grande força às palavras do fundador.

Preocupado em formar missionárias *santas e capazes*, ricas de virtudes apostólicas, Daniel Comboni não fazia mistério das dificuldades, que se haviam de enfrentar em África e da força de ânimo que se requeria... o programa apresentava-se vasto e exigente e M.^a Rosa aceita-o na sua totalidade com grande fé. Na

manhã do dia 05 de outubro de 1879, decidida e convencida, pronunciava nas mãos do fundador os votos de Pobreza, Castidade e Obediência; sente-se forte e livre, capaz de enfrentar o futuro.¹

Amália Andreis²

Filha de Luís e Domingas Andreis, alta, elegante, de olhos negros e luminosos, desembaraçada, afetuosa e gentil, Amália parecia destinada a formar uma família feliz. Eram vários os pretendentes que a disputavam e que vinham à cidade, com a desculpa de terem negócios a tratar com o senhor Luigi Andreis. Assim, permaneciam mais tempo do que o necessário, na bela casa mobilada com gosto, onde a sua filha fazia as honras de casa.

Amália vivia a sua juventude como as outras jovens da sua idade, cultivando no seu coração o mais belo e honesto sonho juvenil: ser cortejada, amada, tornar-se esposa e mãe feliz.

Com o passar dos dias, um sentimento de vazio e de tristeza dominava o seu coração. Apercebia-se que uma declaração de amor, ser amada e cortejada não chegavam para a saciar. De maneira confusa, sentia a necessidade de um outro amor. Mas onde encontrá-lo? O seu confessor dizia-lhe para rezar e aguardar com paciência. Deus haveria de manifestar-lhe a sua vontade.

Contudo, Amália, já tem a certeza de que um amor humano está definitivamente fora da questão.

¹ Cfr. E. Pezzi, *Missionárias Combonianas, à Sombra do Baobá*, 1985.

² Amália Andreis, nasceu em Santa Maria de Zévio (Verona) o dia 30 de dezembro de 1853. Entrou no Instituto *Pie Madri della Nigrizia* no dia 1 de novembro de 1876. Foi vigária geral em Verona, superiora no Cairo, desde julho 1879 até dezembro de 1880. Com mons. Comboni e outras irmãs chegou a Cartum e em maio de 1881 prosseguiu para Delen (Gebel Nuba). Morreu o dia 7 de novembro de 1882, prisioneira do Madhi. (Cfr. A. Andreis, *Lettere*. Em AMN, Anno III, n.º 4 Ottobre 2002, p. 123).

Uma luz em noite escura

À tardinha, depois da oração do terço, o pároco de Santa Maria de Zévio sobe ao púlpito para a homília sobre Nossa Senhora. Ele diz coisas que, aos ouvidos de Amália, parecem completamente novas. Fala da virgindade praticada desde os primeiros séculos da Igreja. Lembra mesmo, nomes de mulheres jovens que seguiram a Cristo consagrando-se a Ele em pobreza, castidade e obediência; da alegria de viver só para Deus, de fazer bem a quem sofre e da maravilha de um coração inteiro e doado somente e totalmente ao Senhor...

Abrem-se, assim, espaços infinitos no espírito de Amália. Ela sente uma alegria tão intensa que não consegue distinguir se não será também dor... A cerimónia termina e a Igreja fica vazia. O sacristão agita as chaves para dar a entender à jovem que quer fechar a porta. Amália vai descobrindo a ação de Deus, que se lhe revela agradável, persistente, paciente, libertando-a gradualmente do medo, do egoísmo e do orgulho. Ela torna-se mais simples, mais atenta e mais humilde.

Um hóspede para o almoço

Lourenço Grigolini, amigo da família Andréis, depois de ter tratado os seus negócios com o senhor Luís, fica para o almoço e a conversa acaba por cair sobre a sua filha Teresa:

– Sabes, Luís, que ela daqui a uns meses irá emitir os votos religiosos e partir para África? Bom, nem quero pensar nisso...

Amália escuta em que Instituto se encontra Teresa. Lourenço fala de Comboni, da sua Missão africana e do Instituto das Irmãs Missionárias Combonianas que ele fundou.

– É um espanto ver aquele homem falar de África! Até o seu rosto se lhe transfigura! “África e os pobres negros tomaram conta

do meu coração”, disse-me um dia. E a minha Teresa caiu na sua armadilha, mas está feliz, tão feliz! Feliz é dizer pouco!

– Onde se encontra este Instituto fundado por Comboni? – Pergunta Amália, interessada em saber mais sobre o assunto.

– Em Verona, na Rua de *Santa Maria in Organo*, n.º 1.

Amália fica contente e nessa mesma noite antes de adormecer, reza longamente e resolve revelar ao pai o seu segredo.

O grande desafio para seu pai

– Pai, há muito tempo que ando a pensar no assunto. Rezei, refleti, pedi conselho e agora tenho a certeza de que Deus me chama para ser missionária; serei missionária como Teresa Grigolini!

O pai Luís ficou sem respirar e tratou de arranjar mil e uma razões para convencer Amália a desistir de tal ideia.

– Não posso, pai. Se gostas de mim, se me queres ver feliz, tens que me deixar partir. E a guerra declarada entre pai e filha termina com a vitória da jovem.

Os dois meses que se seguiram à revelação do segredo, foram difíceis para a família Andreis. Pouco a pouco, porém, o pai Luís e a mãe Domingas vão-se resignando e, apoiados na sua fé, procuram perceber os misteriosos desígnios de Deus. O pai dá o primeiro passo, facilitando o caminho à sua filha, dizendo-lhe:

– Amanhã preciso de ir a Verona ao banco, se quiseres posso acompanhar-te a *Santa Maria in Organo*. Quero conhecer, pessoalmente, esse homem de que todos falam.

Amália fica radiante. Veste-se com as suas roupas mais belas e o pai ao olhar para ela fica satisfeito. Nunca vira a sua Amália tão elegante e tão feliz como naquela manhã.

Confirmada na vocação

Na modesta sala de visitas de *Santa Maria in Organo* encontram-se mais duas jovens. A certa altura entra Daniel Comboni: majestoso, longa barba negra, olhos cintilantes e penetrantes. Sorri ao senhor Luís Andreis, estendendo-lhe a mão como se fosse um velho amigo. Depois fala com a jovem, que se mantém recolhida, com a cabeça e os olhos baixos:

– Minha filha, tu não tens as qualidades necessárias para o meu projeto.

Amália retém a respiração e olha perplexa, para aquele sacerdote misterioso, à espera do seu veredicto:

– Tu sim, foste feita para a África.

– E tu também – acrescenta dirigindo-se à terceira.

– Antes de a minha filha me deixar para sempre – diz o senhor Luís – pretendo dar um jantar em minha casa. Espero que o Senhor me honre com a sua presença.

– Com certeza! Tenha-me por convidado, para assim ter o prazer de conhecer a sua família e... olhe que vou fazer as honras da mesa... Um jantar para festejar a oferta da sua própria filha ao Senhor e à África! Nada mais apropriado.

O jantar torna-se uma festa. As tias de Amália espalharam flores por todo o lado.

As toalhas de linho bordadas transpiram um candor que parece iluminar a sala. O senhor Luís mandou matar uma vitela e encomendou em Verona doces e vinhos especiais. Nada lhe parece de mais para a sua Amália.

O lugar à cabeceira da mesa foi reservado a Daniel Comboni, que atraiu as atenções com a sua simpatia, a sua palavra fácil e os seus gestos delicados e humanos. À direita ficou o senhor Luís e à esquerda Amália. Entre os convidados estava o pe. Amabile que acompanhou Amália no seu percurso vocacional. Estava presente

também a professora de Amália, Blandina Gazzì, vários parentes, amigos e conhecidos da família Andreis. Daniel Comboni, mais que comer falava. Era uma excelente e única ocasião para dar a conhecer a sua amada África.

A hora da coragem

Era o dia 1 de novembro, dia de todos os Santos de 1876, Solenidade Litúrgica para a Igreja Universal. Amália escolheu precisamente esse dia para se despedir da família. Só Deus sabe o quanto lhe custou esta separação.

Na tarde anterior, o seu irmão Zeno, de 11 anos, regressara do colégio episcopal, onde fazia os estudos liceais, para passar esta festa com a família.

Amália mostra-se serena. Ao chegar a hora de partir, ela dá uma última volta à sua casa, olha para os objetos que adornam as paredes entre os quais tinha vivido, protegida e feliz. Abraça a mãe, os tios, as irmãs Rosa e Marta, os irmãos Alexandre e Zeno. Guilherme, o mais pequeno, abraça-se a ela a soluçar. Ela acalma-o, dizendo que lhe mandará de África um... leãozinho vivo. O pai acompanha-a a Verona, esperando encontrar-se de novo com Daniel Comboni, mas o provigário apostólico partira apressadamente para Roma, onde o esperavam graves problemas para resolver. Foram recebidos por Maria Bollezzoli e Teresa Grigolini. O acolhimento simples e jovial, suaviza à jovem postulante a separação da sua família. O pai parte consolado, com a certeza de que a sua Amália está em boas mãos. Ela estava feliz ao sentir-se parte daquela atmosfera de fraternidade.³

³ Cfr. L. Gaiga, *Mulheres em Missão*, 59-64.

Eulália Maria Pesavento⁴

A 20 metros da casa de Luísa Zago, em Montório, havia uma modesta casinha, onde morava o Casal Pesavento, vindo de S. Miguel Extra, uma grande povoação nos arredores de Verona. O casal tinha uma filha de nome Eulália.⁵

Aos 12 anos de idade, a adolescente vai trabalhar para a fiação, onde o dia de trabalho era de 12 horas, em pé, num ambiente desgastante. Ela tem de mexer a seda nas tintas de água quase a ferver, que queima as mãos e desgasta as energias. Também há turnos de noite, por uns míseros centavos. Habituada aos duros golpes da pobreza, Eulália sente-se feliz por poder apoiar a família com o seu magro salário e vence as dificuldades com serenidade e o seu bom humor. Ela estabelece amizade com a sua colega, Maria Camerlengo, e um dia diz-lhe:

– Escuta Maria, nós aos domingos não trabalhamos e poderíamos fazer alguma coisa pelos outros! Refletem juntas e lembram-se de uma velhinha muito pobre, que vive sozinha e resolvem ir assisti-la: tratam-lhe da limpeza da casa e da roupa e, entretanto, vêm a saber que nas aldeias vizinhas há mais pessoas necessitadas de ajuda. As duas amigas resolvem passar as noites de sábado para domingo a fazer o bem, junto de quem precisa.

O Pároco de Montório acompanha paternalmente aquela jovem, vinda de S. Miguel Extra, ainda pequenina e que a Providência confiara aos seus cuidados. Emprestava-lhe livros para ler, convidava-a a tomar conta das meninas da catequese, o que agradava

⁴ Eulália Maria Pesavento: vítima da Madhia e nossa 1.^a “mártir”. Nasceu em S. Miguel Extra (VR), 1856 e faleceu em El-Obeid a 27 de outubro de 1882 (*La Nigrizia*, 1(1883) 104). Foi recebida, a 13 de janeiro de 1878, pela formadora Maria Bollezzoli, no Noviciado de Verona. (Cfr. *APMR* VI/Pp/5-1383, pag. 66; *AMN* n.º 10 – A/1 Ottobre 2005, pp. 159).

⁵ Cfr. L. Gaiga, *Mulheres em Missão*, 82-87.

muito a Eulália. Com o passar do tempo, o desejo de fazer mais por Deus e pelo próximo ia crescendo em seu coração.

Aquelas simpáticas raparigas!

Quando Eulália tinha 16 anos, chegaram a casa da Sra. Luísa Zago as postulantes missionárias combonianas, Marietta Caspi e Maria Josefa Scândola. O povo dizia que elas estavam ali a prepararem-se para irem para África e a notícia espalhou-se, despertando a curiosidade da jovem. Num domingo, com outras amigas, Eulália bate á porta e pede para falar com aquelas *simpáticas raparigas*. A dona da casa recebe-as na sala e chama as duas postulantes. Elas começam a falar com entusiasmo do fundador, Daniel Comboni:

– Em África há cem milhões de pessoas que nunca ouviram falar de Jesus.

– E que podemos nós fazer por essa gente? – perguntam.

– Daniel Comboni diz que é preciso rezar, sacrificar-se e depois partir.

Eulália começa a ver um caminho novo à sua frente. Tudo o que fizera até agora já não bastava. Aparentemente, ela é sempre a mesma: vivaz, alegre, trabalhadora e disponível, dentro e fora de casa. Porém, no seu íntimo ela sofre uma grande transformação. O seu pároco e confessor ajuda-a a colocar-se em atitude de escuta, na expectativa de descobrir a vontade de Deus.

Entretanto, as duas postulantes combonianas transferem-se para *Santa Maria in Organo*.

Passaram os anos, Eulália tem agora 21 anos. É uma jovem alta e bonita. Na terra, todos a estimam e muitas mulheres sonham tê-la como nora. Mas ela vai desfazendo todas as ilusões a seu respeito.

Sábado, 12 de janeiro de 1878, Eulália convida algumas amigas para virem à sua casa; com elas, veio também um seu pretendente com uma garrafa de um bom vinho, alimentando a secreta esperança de conquistar o coração de Eulália. Ninguém sabia o motivo que a tinha levado a convidar as suas amigas naquela noite. Na lareira, fervia uma grande panela de castanhas. Entretanto, toda aquela juventude se divertia, brincando e cantando. De vez em quando, a mãe vinha ver o que se passava e retirava-se em silêncio, com uma sombra de tristeza no rosto. As castanhas vieram finalmente para a mesa, o jovem abre a sua garrafa e todos brindam alegremente.

Quando o relógio da torre bateu as 22h00, as moças levantaram-se todas para saírem, porque chegara a hora permitida pelas mães para o regresso a casa.

– Até à vista no vale de Josafat! – diz Eulália.

– Esperamos que aconteça o mais tarde possível! – responderam as amigas.

Surpresa

A resposta vem no dia seguinte, domingo, dia 13 de janeiro: Eulália não foi à Missa.

– Hoje não vimos a Eulália. – Comentaram as amigas com a mãe.

– Aconteceu-lhe alguma coisa? Está doente?

– Não! Foi para Verona para ser missionária. – Respondeu emocionada.

Eulália Pesavento foi recebida pela irmã Maria Bollezzoli e participou na Eucaristia na capela das irmãs. Depois, foi apresentada às noviças e às postulantes, que a acolheram com grande alegria.

Maria Caprini: os direitos de Deus

Em fevereiro de 1878 chegou numa nova postulante: era de Negrar (Verona), chamava-se Maria Caprini, nascida em 09 de junho de 1858. De baixa estatura, mexida e resoluta, demonstrou imediatamente que sabia o que fazia e o que queria.

Tendo ficado órfã de pai aos sete anos de idade, com três irmãs, ela tornou-se o braço direito da mãe no sustento e guarda dos mais novos. Uma vida de sacrifícios e de renúncias, forjara-lhe um carácter forte que, juntamente com uma profunda vida cristã fizeram dela uma verdadeira mulher. A leitura dos *Anais do Bom Pastor* e, talvez, a escuta das homilias de Daniel Comboni, durante as suas andanças de animação missionária, despertaram nela o amor pelas missões. Para seguir a sua vocação, Maria Caprini, teve de travar uma grande luta com a mãe, lembrando-lhe que com Deus não se brinca: *e, se eu apanhasse uma doença e morresse, tu ficarias desesperada, pensando que isso teria sido castigo de Deus pela tua recusa,... e, se eu casasse e o meu marido me levasse para além dos mares, terias alguma coisa a objetar? Então, porque não permites a Deus o que permitirias a um homem?*

Maria Caprini entra no convento no dia 19 de fevereiro de 1878, acompanhada pela mãe, que finalmente lhe dá a sua bênção.⁶

As quatro de Malcésine

A 15 de março desse mesmo ano, chegaram quatro jovens todas da mesma terra, de Malcésine (Verona), talvez influenciadas pelo exemplo da conterrânea, Maria Bertuzzi,⁷ que havia deixado a

⁶ Cfr. L. Gaiga, *Mulheres em Missão*, 87-90.

⁷ M.^a Bertuzzi, nasceu em Malcesine no dia 13 de abril de 1859; morreu em El Obeid no dia 18 de fevereiro de 1880. Foi recebida no Noviciado a 22 de

sua terra dois anos antes. À frente do grupo ia Matilde Lombardi, de 22 anos, resoluto e tenaz como um comandante. As outras são: Catarina Chincarini, Bartolomea Benamati e Marieta Casela de 16 anos, bastante tímida, que olhava para Matilde como se ela fosse a sua âncora de salvação.

A vocação missionária desencadeou a guerra em quatro famílias, provocando grande alvoroço em toda a aldeia.

Durante a última ceia, que Bartolomea passou em casa com a família – os pais e os irmãos, dez pessoas ao todo –, ela apercebeu-se de que ninguém tinha apetite e que as lágrimas corriam pelos rostos de alguns.

Bartolomea mantinha-se firme, embora com um nó na garganta. Tentando quebrar o gelo, ela dirige-se ao pai:

– Parece que o pai não está satisfeito com a minha partida.

– Pois não estou mesmo! – foi a resposta.

– Então cortem-me ao meio: vocês ficam com uma parte de mim, mas eu levo a outra parte para servir o Senhor.

Bartolomea partia para Verona no dia seguinte com as outras três amigas. Para não suscitarem comentários inúteis, em vez de apanharem o comboio na estação de Malcésine, as quatro jovens percorreram dois quilómetros a pé até à próxima estação, cantando uma canção escrita num livrinho, que Daniel Comboni lhes havia oferecido.

O velho convento de *Santa Maria in Organo* retomava vida com a presença de trinta jovens, agora os corredores ecoavam de alegria e de entusiasmo. De África, onde o fundador se encontrava, chegavam cartas interessantes, que inflamavam aqueles corações juvenis.

settembre de 1876 (Cfr. AMN, n.º 10-A/1, Ottobre 2005).

Unidas no altar, unidas no martírio

Além de Marietta Caspi, também as outras Irmãs Missionárias Combonianas que se encontravam na Missão enviavam cartas, onde falavam de muitas coisas: das viagens, dos encantadores locais por onde passavam, do fascínio do deserto com as suas miragens, do impacto com o mundo e com as novas gentes e dos erros que cometiam ao tentar falar árabe. Tudo concorria para manter bem alto o clima missionário.

Entre a noviça Amália Andreis e a postulante Eulália Pesavento havia perfeito entendimento, ambas tinham uma longa experiência de vida.

No dia 04 de julho de 1878, Amália emite os votos, enquanto que Eulália, na mesma cerimônia, veste o hábito de noviça. Daí a poucos anos estariam unidas no mesmo martírio. Quinze dias após a emissão dos votos, Amália era nomeada vigária – geral, serviço exercido anteriormente pela irmã Teresa Grigolini, agora provincial das irmãs em África.

A promessa da vida eterna

O bispo Comboni anda extenuado e consumido pelas febres, abatido por causa da carestia que vai dizimando o seu vicariato e roubando-lhe os missionários. Chega a Verona em 15 de maio de 1879. A 27 desse mês, na capela de *Santa Maria in Organo*, adornada e perfumada de rosas, recebe a profissão religiosa das noviças: Maria Bertuzzi, Maria Caprini, Eulália Pesavento e Matilde Lombardi, embora não tivessem ainda completado os dois anos de noviciado, o fundador julgou-as preparadas e, portanto, dignas de emitirem os votos.

As quatro ditosas têm a alegria de serem preparadas para esse grande passo, exatamente por aquele que bem conhece os caminhos difíceis da Missão e dá-lhes lições... desconcertantes:

– Tanto as irmãs da minha congregação em Verona como as que já trabalham na África Central e aquelas que se preparam para partir... têm a sensação de estarem a caminhar para o Paraíso, pela alegria que sentem de sofrerem e morrerem por Cristo.

A quem lhe lembra o seu precário estado de saúde Comboni responde:

– A Cruz e o martírio são a vida do apóstolo missionário... Temos de operar com humildade e confiança até ao martírio.

Tais palavras exigentes e determinantes são para a sua pessoa, em primeiro lugar, mas incluem em cheio as suas irmãs e irmãos, que Deus chamou e continuará a chamar para esta Missão.

Impondo as mãos na cabeça de cada professa, diz-lhe com voz firme e afetuosa:

«E eu, se observares tudo isto, prometo-te a vida eterna.» Estes sentimentos gravados em seus corações constituirão uma segurança nos momentos de maior dor e dificuldade.



Luglio 1879: 2ª spedizione. *Da sinistra in piedi:* sr. Matilde Lombardi, sr. Eulalia Pesavento, sr. Maria Caprini. *Sedute:* sr. Amalia Andreis e sr. Maria Bertuzzi.

A segunda expedição das missionárias para África

Na casa Mãe preparava-se a segunda expedição para a África. Entre as escolhidas, figura também a irmã M.^a Bertuzzi. Em finais de junho, o cardeal De Canossa vem pessoalmente à Rua de *Santa Maria in Organo* para entregar o crucifixo às missionárias que vão partir.

No dia 1 de julho de 1879, as irmãs – Amália Andreis de 26 anos, Eulália Pesavento de 23, Matilde Lombardi de 23, Maria Caprini de 21 e Maria Bertuzzi de 20 – despedem-se da Madre M.^a Bollezzoli, das outras irmãs e, acompanhadas pelos padres

Giovanni Digtl, Matias Máron e do irmão Giuseppe Avesani, partem para Roma, onde o Fundador as espera.

A irmã Amália escreve à família: «Não se deixem abater com a minha partida, é vontade de Deus e isto nos basta. Ele recompensará o vosso e o meu sacrifício [...] olhemos para Jesus que sobe ao Calvário. Se houvesse um caminho melhor para salvar a Humanidade, Ele no-lo teria ensinado... Nunca me esquecerei da vossa bondade...»⁸

«O encontro com o fundador, que se encontrava em Roma, prolongou-se em visitas às principais maravilhas daquela cidade. Diante das majestosas ruínas que encerram muitos séculos de história, as cinco irmãs sentem-se ainda mais insignificantes e apoiam-se, com a confiança dos jovens, no seu bispo, que lhe vai explicando tudo aquilo com palavras fascinantes. A lembrança dos mártires que aí derramaram o seu sangue por Cristo, na descrição de Comboni, aumenta no seu coração o desejo do martírio para que foram preparadas nos anos de formação.

Com o coração impregnado destes sentimentos, a 3 de julho de 1879, sempre acompanhadas pelo fundador, entram no Palácio da *Propaganda Fide*, onde são recebidas pelo prefeito, Cardeal Giovanni Simeoni. Ele exorta-as a “manterem-se fortes e inabaláveis na árdua e sublime vocação no apostolado da África Central”. Contudo, o momento mais rico de emoções foi a visita ao Vaticano. Com brio paternal, Comboni apresenta ao Papa Leão XIII as irmãs, uma a uma, primícias da sua Obra e, aproveitando a ocasião que se lhe proporciona, explica a finalidade da Congregação missionária que ele fundara.

⁸ Andreis a seus pais, *Lettere*, Verona, 27 de junho de 1879 (APMR, VI/Pp/1/7 /366; Cfr. AMN, Anno III, n.º 4, ottobre 2002, n.º 4 p. 17).

O Papa comove-se; olha ternamente para aquelas cinco jovens que sorriem timidamente e, interessado em saber se elas realmente partilham o entusiasmo do fundador pelo martírio, interroga-as de surpresa:

– E vós, minhas filhas, tendes a coragem de irdes trabalhar no meio daqueles povos, onde realmente podereis encontrar o martírio?

A menos jovem, entre as jovens, Eulália, responde em nome de todas:

– Aprouvesse ao Senhor, Santo Padre, tornar-nos dignas de uma tamanha graça.

A frase pronunciada com ímpeto, simplicidade e sinceridade, desperta no Papa uma grande admiração e comoção, de tal forma que, um ano mais tarde a lembrará ao próprio Comboni. Para compreender o valor do gesto do Papa Leão XIII é preciso lembrar a austeridade da sua figura e o rígido protocolo que então se usava.

Na Praça de São Pedro, inundada pelo sol de julho as cinco missionárias, comovidas e felizes, ficam em silêncio para não quebrar o encanto daquele momento».⁹

A despedida

Comboni acompanha-as a Nápoles, onde chegam no dia seguinte e fazem uma excursão no mar. O fundador é inexaurível em proporcionar-lhes todas as ocasiões possíveis, que mitiguem os sentimentos da despedida. Chegado o momento de partirem, Comboni queria acompanhá-las ao barco, mas, mais um ataque de malária obriga-o a mudar de plano, atirando com ele para a cama.

⁹ L. Gaiga, *Mulheres em Missão*, 96-97

Exausto, estendido na cama, o bispo abençoa as missionárias que se afastam com o coração destroçado por um adeus daquela maneira. Era o dia 5 de julho de 1879.

A travessia do mediterrâneo seria ótima, se o enjoo não as tivesse atormentado a todas. Felizmente, a viagem era relativamente curta e a 9 de julho chegavam ao porto de Alexandria.

Fundação da primeira comunidade no Egito

Enquanto Comboni permanece em Itália para recuperar a saúde, a expedição chega ao Cairo e nasce a primeira comunidade das irmãs combonianas no Egito. As missionárias vão-se habituando ao clima africano, antes de prosseguirem viagem, rumo ao interior. A irmã Amália é eleita superiora. A casa das irmãs fica pouco distante da casa dos missionários e possui uma capela onde se guarda o Santíssimo, tornando-se o conforto para aquelas jovens, perdidas no mundo árabe. É uma pequena família harmoniosa e feliz, serena e alegre.

A irmã Amália fala disso, nas cartas à sua família, com muitos pormenores. Descreve os dias que passam velozes, entre o estudo da língua árabe e o trabalho, e as surpresas que a terra dos faraós reservava às recém-chegadas. Elas mostram uma grande vontade de conhecer as pessoas no meio das quais vivem enquanto olham, sempre mais ansiosas, para a África Central.¹⁰

A 8 de agosto de 1879, uma jovem africana educada no colégio Mazza, Fortunata Quascé, resolve entrar no Instituto das irmãs missionárias combonianas. O Plano sonhado por Daniel Comboni

¹⁰ Andreis, *Lettere*, Cairo, julho 1879 (Cfr. APMR, VI/1/9/623; AMN, n.º 4, ottobre 2002, pp. 21ss).

– *Salvar a África com a África* – mostra-se em seu pleno vigor com a presença da primeira irmã africana.

No entanto, o bispo Comboni de Roma, a 16 de julho, dá notícias dos acontecimentos recentes a mons. Santiago Scurati, pedindo-lhe que publicasse no *Osservatore Católico* um pequeno artigo, que chega tarde, porque foi visitado pela febre tanto em Roma como em Nápoles, como consequência das fadigas africanas:

«Ao meio-dia de 5 do corrente, embarcava-as eu em Nápoles para o Egito nas *Messengerias francesas* e já chegaram sãs e salvas aos institutos de aclimatização do Cairo, de onde as conduzirei pelos ardentes desertos do Atmur até às missões do centro da África (...) Eis aqui os nomes dos membros desta pequena expedição apostólica, todos membros dos institutos africanos de Verona: pe. João Dichtl, pe. Moron; irmão José Avesani; irmã Amália Andreis; irmã M.^a Bertuzzi; irmã Eulália Pesavento; irmã Maria Caprini; irmã Matilde Lombardi».¹¹

¹¹ *Escritos* n.º 5741–42.

CAPÍTULO 5

NO MONTE

Empurrada
Pela dor do Teu silêncio
Trepo em direção do Monte.

No cume
Se ergue uma Cruz no horizonte escuro
E, dela brota uma fonte:
uma Fonte a jorrar
do Rochedo ferido.

Há prantos sem lágrimas!
E, vislumbra-se uma terra queimada
Que começa a florescer
porque Deus ordenara às nuvens
que a regassem.

Agora
começo a amar as Tuas palavras caladas
e os teus passos silenciosos
como os de um bailarino.

E, os meus versos mudos
dançam à melodia do Teu silêncio
Como papoulas no trigal
Ao vento da tarde.

Capítulo 5

Última Viagem, a oitava de Comboni a África

Novas Profissões

Daniel Comboni experimenta grande alegria e gratidão a Deus ao receber, no dia 5 de outubro de 1879, em Verona, a profissão das noviças: Maria Rosa Colpo; Santa Cordi; Rosa Matilde Corsi e Catarina Chincarini. Entretanto, procura obter passagens grátis ou, pelo menos, com desconto a 50% para os seus missionários.

A 3 de novembro recebe mais três profissões: Fortunata Zanolli; Elisa Suppi e Elisabetta Venturini.

O bispo, Daniel Comboni, parte de Verona a 27 de dezembro de 1880, na sua oitava e última viagem a África, acompanhado por um grupo de missionários e de irmãs.¹

¹ Cfr. L. Gaiga, *Mulheres em Missão*, 99.



A travessia do Mediterrâneo foi difícil. Abateu-se sobre a embarcação uma tremenda tempestade, entre Cândia e Alexandria, fazendo com que a entrada no porto fosse adiada por 27 horas, chegando ao Cairo só nos primeiros dias de dezembro.

As quatro missionárias, que se encontravam no Egito há catorze meses, rejubilam ao verem de novo o fundador e as companheiras. Elas acalentam, para além da alegria do encontro, a esperança de serem enviadas, finalmente, para a África Central.

Daniel Comboni, não tarda a reuni-las para lhes comunicar as suas decisões:

Três, das recém-chegadas ficam no Cairo: a irmã Faustina Stampais – que será a superiora – com as duas mais novas, Marietta Casela e Bartolomea Benamati.

As outras partirão com ele no fim do mês. E, iniciam os preparativos para a longa viagem.

Embrulhos, caixotes e trouxas começam a espalhar-se pela casa das irmãs, no Cairo. Um verdadeiro bazar. A irmã Amália vê, finalmente, surgir o dia em que os seus sonhos se tornam realidade. Antes de deixar o Cairo escreve ao seu pai. «Pai, parto contente e, se o Senhor me quiser levar deste mundo, fico satisfeita igualmente. Só lhe peço uma coisa: que aceite o sacrifício da minha vida para Sua maior glória e para a salvação de África. É este o meu único desejo».²

Na manhã do dia 29 de dezembro de 1880, o comboio leva as missionárias até Suez, onde embarcam no vapor *Nagilah*, gentilmente posto à disposição para as irmãs e um passageiro. A passagem do ano é celebrada a bordo. O mar Vermelho, normalmente difícil de atravessar, devido às súbitas borrascas que se levantam, desta vez esteve calmo. Depois de cinco dias, o *Nagilah* atraca em Suakim. Comboni vai, sem demora, procurar os camelos necessários para a travessia do deserto.

Canta que te passa

Na manhã do dia 12 de janeiro de 1881, a caravana avança deserto adentro. A irmã Maria Rosa Colpo acomoda-se, emocionada, na garupa do camelo e, tentando camuflar o medo, põe-se a cantar.

«Canta que te passa!» – diz-lhe a irmã Catarina Chincarini em tom de brincadeira. Após algumas horas de caminho, o chefe

² A. Andreis, Lettere, Cairo 26 de dezembro 1880 (APMR, VI/Pp/ 1/28/644; AMN, n.º4, ottobre 2002, pp. 49 ss). As irmãs eram: Amália Andreis; Maria Rosa Colpo; Caterina Chincarini; Elisabetta Venturini; Rosália Conte e Francisca Dalmasso.

Comboni manda parar a caravana, para alívio das viajantes. Com os pés em terra firme, comem alegremente queijo e pão, rezam o terço e adormecem debaixo de uns arbustos espinhosos. Acordam, restauradas por uma chuva miudinha e fresca, e já são horas de continuar o caminho. Em média, viajam entre 10 a 17 horas por dia, aproveitando as horas mais quentes para descansar. Que bom seria ter água fresca para beber, mas a privação está no programa e a sede vai ter que esperar. Uma tarde, a irmã Venturini sente-se mal, cai do camelo e vomita sangue. A irmã Maria Rosa, que a seguia, salta imediatamente do camelo e vai assisti-la o melhor que pode e sabe, naquelas condições. Assim que a irmã começa a sentir-se melhor, a caravana continua o seu caminho e a irmã Elisabetta Venturini, da garupa do camelo, sorri a Comboni que se aproximara, preocupado pelo acontecido.

Em Cartum...melhor que a rainha de Sabá

A 22 de janeiro de 1881, à noitinha, a comitiva, cansada e suja de poeira, chega a Berber. Ao entrar na casa da Missão, feita de barro e excrementos de camelo, a irmã Maria Rosa sai com uma das suas, instalando o bom humor e fazendo esquecer o cansaço. Ficam em Berber dois dias inteiros, depois embarcam no vapor *Fosca*, que há 11 dias os esperava balouçando nas águas do grande Rio. O vapor foi enviado pelo vice-rei do Egito, para transportar o primeiro bispo do Sudão, Daniele Comboni, com a sua comitiva. Prosseguem a viagem até Cartum, onde chegam no dia 28 à tardinha [...].³

Ao repicar festivo dos sinos junta-se o alvoroço da população. A iluminação, preparada ao longo do caminho, confere à paisagem

³ Cfr. *Escritos*, n.º 6428, ss.

contornos de fábula... A irmã M.^a Rosa apoia-se no braço da irmã Amália Andreis e terá dito:

– Felizes como nós nem a rainha de Sabá... estou atordoada, mas muito feliz.

No caminho da Missão, adornado de bandeiras desfraldadas ao vento, encontram-se com as irmãs que as precederam. Permanecem com elas durante todo o mês de fevereiro, em Cartum. O calor, ainda suportável naquela estação, permite às recém-chegadas recuperar as forças perdidas durante a viagem e conhecer as realidades da Missão. Nos primeiros dias de março daquele ano, Comboni envia para El Obeid as quatro irmãs, que por mais de um ano haviam permanecido em Cartum»⁴

A irmã Amália recorda que, no dia 7 de março à noite, montaram os camelos e viajaram pelo deserto durante 16 dias e 16 noites; e, chegando, felizmente, no dia 23 ao Cordofão abraçaram as outras irmãs, Teresa, Concetta e Fortunata Quascé. Aqui, encontraram uma igreja bonita e nova; as casas eram pequenas, mas isso não é nada, se lá está Deus.⁵

Vou partir e sou feliz!

«Cairo, 16 de dezembro 1880

«... te anuncio, ó caríssimo, que no dia 29 do corrente parto para a África Central. Se te interessa saber com quem e quantos somos, aqui tens os números: A nossa caravana é composta por 16 pessoas: 6 irmãs; 4 padres; 5 catequistas e capitaneada por mons. Daniel Comboni, fundador desta Missão, o qual chegou de Itália no dia 02 do corrente mês, com mais 3 irmãs e 2 catequistas.

⁴ L. Gaiga, *Mulheres em Missão*, 112-114.

⁵ A. Andreis, *Lettere*, El Obeid, 9 de abril 1881. (Cfr. APMR, VI/Pp/1/32-646; AMN, n.º 4, Ottobre 2002, pp. 62 ss).

Querido irmão, antes de partir, peço-te um grande favor, na certeza que não mo negarás: manda celebrar uma Santa Missa no altar de Nossa Senhora para que nos proteja nesta viagem...

Tua querida irmã, Maria Colpo»⁶

Comboni em Delen

No dia 7 de março, à tardinha, da garupa do seu camelo, a irmã M.^a Rosa Colpo manda beijinhos às irmãs que ficavam em Cartum.

«Olá, já não tenho medo! Pelo contrário, isto é um divertimento! Até à vista!», diz-lhes acenando.

Com Maria Rosa Colpo seguiam Amália Andreis, Catarina Chincarini e Elisabetta Venturini. À frente da comitiva vai o pe. Luís Bonomi. Chegarão a El Obeid no dia 23 de março, onde se precisava de sangue novo! – diz a irmã Teresa. Ficámos apenas três, porque as irmãs Maria Caprini e Eulália foram para Delen, no final do ano passado. Eu não as queria mandar com receio do clima violento, mas o pe. Losi⁷ insistia, dizendo-me que eu era uma egoísta... agora temos de pensar também em Malbes, onde há uma aldeia cristã que espera por nós. As missionárias estavam contentes e felizes também, porque sabiam que o fundador iria lá visitá-las.

⁶ M. Colpo ao irmão Pedro, Cairo, 16 de dezembro 1880. (APMR, VI/Pp/3/11-4874). Em AMN, n.º 10-A/1 Ottobre 2005, p.43 ss).

⁷ Giovanni Losi. Nasceu em Landi (Milão) a 20 de novembro de 1838. Entrou no Instituto de Comboni, em Verona, já sacerdote, no dia 1 de julho de 1872. Pouco depois foi enviado para Cartum. Exerceu o cargo de superior em El Obeid (1874-1878) e em Delen (1878-1881) Regressou a El Obeid, ainda como responsável da comunidade. Depois da morte de Comboni, foi nomeado superior ad ínterim das Missões do Vicariato da África Central. (Cfr. *Memórie della prigionia Madhista*, em AMN, 2000 n.º 1 p. 18 nota 4).

A 24 de maio, os padres Luís Bonomi e Vicente Maranhão, as irmãs Amália Andreis e Catarina Chincarini deixam El Obeid em direção a Delen, onde chegam no dia 28.

A alegria do encontro com as irmãs Eulália e Maria Caprini é indescritível. A população junta-se à volta dos missionários para manifestar a sua alegria, e o sino repica festivamente, como parte integrante dos sentimentos daquele povo em dor e alegria.

Terminada a exploração dos Montes Nuba, tendo em vista a abertura de uma nova Missão, onde o povo se mostrara disponível ao anúncio do Evangelho, Comboni regressa a Cartum. A sua despedida dos missionários e das missionárias de Delen foi comovente. A comunidade feminina de Delen conta, agora, com quatro irmãs jovens e cheias de entusiasmo. A irmã Amália Andreis substituiu a irmã Eulália Pesavento, no cargo de superiora. Entre a população e a comunidade missionária há perfeito entendimento. As irmãs aprenderam a trepar por aqueles montes para irem visitar as casas, onde moravam crianças e mulheres necessitadas de ajuda. Junto da casa das irmãs encontra-se um *Baobá*, árvore com 20 metros de altura e um diâmetro enorme, junto à qual foi nascendo uma espécie de escola, onde as irmãs ensinam as mulheres a costurar, a tratarem da casa, a cuidar dos filhos e a rezar juntas: as irmãs contam-lhes as histórias do evangelho, especialmente as que se referem a Jesus e a Maria, sua mãe».⁸

A família missionária

Que bela é a vida naquela Missão! As irmãs vivem felizes, abandonadas nas mãos de Deus, em plena confiança. O pe. Luís Bonomi, superior da Missão, é realmente o homem que vela sobre

⁸ L. Gaiga., *Mulheres em Missão*, 114-116.

a família de Deus com coração de pai. Certa manhã, ele vai à caça e regressa com alguns pássaros, que manda entregar às irmãs para que, *pelo menos hoje, possam ter uma boa refeição*. Elas, puxando pelos seus dons culinários, assam os pássaros e reenviam-nos num prato enfeitado para a comunidade dos padres. «Pobres padres», dizem elas, *que pelo menos hoje os padres saboreiem algo de bom!* Os quatro missionários estavam à mesa, quando entra um rapaz com um prato tapado:

– Que perfume! – exclama o pe. Josef Ohrwalder, destapando o prato.

– Não é justo que sejamos nós a comer os pássaros! Pe. Superior, remeta-os de novo às irmãs, com a ordem de os comerem, que bem precisam de se alimentarem... – protesta o irmão Regnotto. Discussões destas, aconteciam frequentemente na Missão de Delen, onde reinava um verdadeiro espírito de família»⁹.

Malbes

A 24 de abril de 1881, Daniel Comboni chega à colónia agrícola de Malbes, onde permanece 20 dias. De lá, à sombra do Baobá – que ainda hoje existe –, no mesmo dia da sua chegada, escreve uma carta ao seu pai. Fala-lhe do projeto de uma comunidade cristã, com casais jovens que receberão formação e aos quais será entregue um terreno para que o possam cultivar e viver em segurança com as suas famílias. Os terrenos são férteis pela presença de poços naquela região. Era a tentativa de introduzir o modelo de família católica, possivelmente facilitando casamentos entre africanos educados na Missão.

⁹ L. Gaiga, *Mulheres em Missão*, 114– 116.

Fala com o seu pai também a respeito do pe. António Dubale, que ele conhecera a Limone e das irmãs que viriam para formar as meninas.¹⁰



Vicarito da África Central

O quadro do vicariato

Depois da visita pastoral do bispo iniciada no dia 06 de abril de 1881 e concluída nos fins de julho, as comunidades eclesiais já constituídas, para além daquela de Cartum, eram três (mais outra

¹⁰ *Escritos*, 6674.

em projeto): Delen nos montes Nuba e duas no Cordofão, isto é, El Obeid e Malbes.

De facto, em El Obeid, capital do Cordofão, que se encontra a 160 quilómetros de Delen, Comboni tinha dividido a comunidade original, estabelecendo que também na colónia agrícola de Malbes residisse um pároco, pe. António Dubale.

Parecia alcançar uma etapa importante para a realização do Plano, permitida pelas novas forças, recém-chegadas ao Sudão.

A irmã M.^a Rosa Colpo foi acompanhar a irmã Concetta e juntas, nos primeiros dias de agosto de 1881, por decisão do bispo, abriram a comunidade em Malbes, colónia agrícola que dista 18 quilómetros de El Obeid.

O palácio das irmãs consistia numa cabana circular bastante ampla. Aí, põem duas camas feitas de cordas, uma arca de ferro com alguma roupa e uma mala de madeira com medicamentos. No centro, ergue-se um barrote que sustenta o teto da casa. As irmãs espetam alguns pregos no barrote para pendurarem duas painéis, uma caçarola, uma cafeteira, uma concha, uma alfofa com víveres, dois chapéus de palha e um avental.

– Parece mesmo o *pau-de-sebo* que se ergue na minha terra, nas festas do povo! – comenta a irmã M.^a Rosa que ainda não perdeu a vontade de rir.

As duas missionárias visitam as famílias, vão com as mulheres para os campos e reúnem-se à noitinha para a catequese e a oração do terço. Para o acolhimento das crianças mais pequenas improvisa-se uma creche, que serve também de escola para as mais crescidas, que vão atingindo a idade escolar. Ensina-se tudo o que se pode: a ler e a escrever, a rezar e a cantar, como também, a tratar dos doentes com os poucos recursos que se conseguem.

O dia inicia com a Eucaristia. O pe. António Dubale, primeiro sacerdote africano, comboniano, homem bondoso e acolhedor,

organiza com as irmãs os programas, tendo em vista o bem da população de Malbes.

– Ninguém é mais feliz do que nós! – proclamam.¹¹

Daniel Comboni, apesar das muitas preocupações e atormentado pelas febres sente-se feliz ao ver a extraordinária atuação dos seus missionários e missionárias. «Sinto um grande conforto ao ver os missionários e as irmãs tão alegres e contentes...»¹².

O mês de agosto de 1881 passa velozmente. Corre tudo às mil maravilhas! Belo demais para que possa durar.

Certa manhã, o pe. António não sai da cama. Sente-se mal e no dia seguinte piora ainda mais. O superior de El Obeid chama-o para lá, para que tenha melhores condições de recuperação.

As duas irmãs ficam sozinhas, levando por diante o trabalho de apostolado e de caridade. Agora, falta-lhes o conforto da Eucaristia, mas sentem a presença de Deus, palpitante dentro delas.

«A irmã M.^a Rosa está sempre bem-disposta, mas, cada dia que passa, ela vai empalidecendo e emagrecendo.

Na manhã do dia 16 de setembro, enquanto estava com as crianças à sombra do grande *baobá*, a irmã sente-se mal. Encosta-se ao tronco da árvore, e manda uma das crianças chamar a Marta. A mulher, que andava a trabalhar no campo, vem imediatamente. A irmã M.^a Rosa entrega-lhe as crianças e consegue, apenas, arrastar-se até à cabana, antes de cair na cama inconsciente. Quando abre os olhos, ela vê junto de si a irmã Concetta, que lhe aplica panos de água fria na testa que ajudariam a acalmar a febre. A irmã Concetta estava aterrorizada, mas M.^a Rosa tranquilizou-a:

– Não é nada, irmã Concetta, isto vai passar!

¹¹ Cfr. L. Gaiga, *Mulheres em Missão*, 117.

¹² *Escritos*, 6751.

Mas ela não se tranquilizou: escreve algumas palavras num papel, chama Allagiabo, um rapaz de confiança que anda a tratar dos feijões, entrega-lhe o papel, pedindo-lhe o favor de correr à Missão de El Obeid e entregá-lo à superiora.

O jovem, afeiçoado às irmãs e muito prestável, parte imediatamente e cobre os 18 quilómetros, que separam Malbes de El Obeid, em cinco horas. Chega à Missão cansado e ofegante.

Em El Obeid, estavam a sepultar, nas ardentes areias do deserto, o corpo do pe. António Dubale, falecido naquela manhã, dia 16 de setembro de 1881.¹³

A irmã Teresa corre a Malbes

A irmã Teresa Grigolini intui a tragédia que está para se abater sobre Malbes. Não obstante, a noite que estava caindo e contrariando o parecer do pe. Superior, põe-se a caminho, acompanhada pelo pe. Josef Ohrwalder. O camelo avança lentamente no meio dos sulcos profundos abertos pela chuva, sobe e desce pelo leito das ribeiras que o sol já havia secado. Entretanto, a irmã M.^a Rosa parecia recobrar as forças e ter superado a crise, encorajando mesmo a irmã Concetta:

– Não te posso deixar sozinha, por isso não posso morrer! – e sorri.

A irmã Concetta fica cada vez mais inquieta, esperando que alguém apareça. Vencida pelas emoções e pelo cansaço, estende-se no leito ao lado da doente e adormece. Às 22h00 acorda de sobressalto, pois alguém tinha parado diante da cabana: «Senhor, obrigada, são eles!» E, corre para fora.

¹³ Cfr. Teresa a Comboni, El Obeid, 20 de setembro de 1881 (ACR, A/31/22/2; AMN, n.º 12 ottobre 2006 pp.101-103).

Após longas horas de espera, este encontro provoca uma alegria imensa. É a irmã M.^a Rosa que se mostra mais feliz. Aperta as mãos da irmã Teresa e as do pe. José, agradece e sorri. Pouco depois tem um ataque de vômitos e a febre sobe.

O jejum do pe. Josef

A irmã M.^a Rosa apercebe-se da sua condição e com muita calma pede para se confessar e comungar. O pe. Ohrwalder que, vencido pelo cansaço e pelo jejum, tinha tomado uma xícara de café depois da meia noite, não pode celebrar Missa, senão 24h00 depois, segundo a legislação eclesiástica do tempo. Com tristeza, assegura-lhe que celebrará a Missa junto do seu leito na noite seguinte. A irmã compreende, sorri e diz-lhe baixinho:

– Não importa, padre, mas fique junto de mim até ao fim, reze as orações pelos moribundos, lentamente, para que eu possa acompanhar... – dito isto, fechou os olhos.

As irmãs apercebem-se que a doente está a mudar de cor. As feições alteram-se. O pe. Josef administra-lhe a Santa Unção, “a irmã Rosa segue as orações com uma fé e um fervor nunca vista antes”, dirá pe. Josef Ohrwalder. A moribunda sorri, grata pelo dom da vocação missionária, que ela procurou seguir fielmente. Deus é a sua paz e conforto no momento supremo.

– Que grande graça poder-me preparar assim, em plena posse dos meus sentidos, para o encontro com o Senhor!

A sua voz assume um tom de suavidade e de ternura infinitas. Pede perdão a Deus pelos seus pecados, exprime a sua imensa confiança na Sua Infinita Misericórdia. O rosto mantém uma serenidade surpreendente. O pe. Josef, vencido pela emoção, sai da cabana.

Sentada junto ao leito, segurando-lhe as mãos, a irmã Teresa pergunta-lhe se ela deseja alguma coisa...

– Aqui na terra nada mais desejo, Madre. Estou feliz, imensamente feliz.

Olha com ternura para as suas irmãs e fecha os olhos.

Aos 33 anos, à mesma hora em que Jesus expirara na Cruz, a irmã M.^a Rosa abre os braços e morre. Era o dia 17 de setembro de 1881». ¹⁴

A sepultura

As irmãs Teresa e Concetta procuram fazer um caixão, mas não há madeira nem pregos. Desoladas, elas vestem com o único hábito que encontraram no baú de ferro, o corpo da irmã e envolvem-no numa esteira. No dia 18 de manhã, terceiro domingo de setembro, sepultam-na à sombra do grande *baobá*.

No dia em que Daniel Comboni escrevia ao seu pai, sentado à sombra do Baobá de Malbes, não previa nada disto, antes pelo contrário, no seu plano apostólico ele incluía novas fundações.

Aquele mês de setembro de 1881, que parecia prometer tanto à Missão da África Central, marcou um trágico início da sua história.

E assim, não podendo a irmã Concetta Corsi ficar sozinha, voltou para El Obeid por *algum tempo*. E, as peripécias que se seguiram não irão permitir a reabertura de Malbes.

¹⁴ T. Grigolini, a Giulianelli, El Obeid, 13 settembre 1880 (*Scritti*, 1877-1931; *ACR*, A/31/23/1; *AMN*, n.º 12, ottobre 2006, p. 99).



Malbes o Baobá à sombra do qual foi sepultada a irmã M.^a Colpo

Os lutos do bispo Comboni

Daniel Comboni encontra-se agora no campo de batalha, mergulhado num oceano de perturbações e calamidades, que lhe oprimem e dilaceram a alma.

Em 22 de setembro de 1881 a sombra perturbadora da irmã morte voltou a cobrir o céu do meu Vicariato. Anteontem – escreve o bispo à *Propaganda Fide* – chegou-me a notícia da morte do meu bom pe. Matias Moron [...] celebrámos o Ofício e a Missa de Requiem pelo descanso da sua alma. – Em seguida – acrescenta – não tínhamos ainda retirado o catafalco, quando recebi a notícia da morte do pe. António Dubale [...]. Depois, a meio da manhã...

chegou um telegrama do Cordofão a anunciar-me a morte edificante e invejável, da irmã M.^a Rosa Colpo.

Era demais! Dominado por um sentimento de tristeza, Daniel Comboni, confiou a um dos seus correspondentes:

– Esta manhã ordenei que deixassem o catafalco na Igreja, porque espero novas provas do Amor de Jesus.

De facto, às sete da manhã, do dia 2 de outubro, morreu de morte muito edificante também, o pe. Paulo Scandi, de Roma.

Mas ainda não tinha acabado. No dia seguinte, 03 de outubro, o pe. Giovanni Fraccaro, recém designado, seu Vigário Geral, foi-se deitar atacado pela febre e morreu o dia 9 de outubro.

Para o pe. Giovanni Dichtl que cuidou de mons. Comboni, a noite de 9 para 10 de outubro foi como de costume uma noite em branco. Na manhã do dia 10, o pe. Fraccaro foi sepultado.¹⁵ Por volta do meio dia, Comboni vai visitar as irmãs para lhes dar coragem.

¹⁵ *Cfr. Escritos*, 7145 -7147.

CAPÍTULO 6

TIPTOEING

Although
these days are short
they already belong to the Eternal.
I am glad, so glad!
I know now
I can't really die!

You'll tiptoe into my tomb
To call me out by my name.
You don't have to knock
You just tiptoe
Into the darkness of my death
and I shall awake.
My being can't disintegrate
Since it bears your Signature
In all places
For all Ages.
Amen

EM BICOS DE PÉS

Ainda que
Estes dias sejam curtos
Já pertencem ao Eterno.
Estou jubilante!
Eu sei que jamais poderei morrer.

Tu virás
em bicos de pés
ao meu sepulcro
e chamar-me-ás pelo meu nome.
Tu entrarás em bicos de pés
na escuridão da minha morte
E far-me-ás despertar.
O meu ser não conhecerá a corrupção
Pois contém a Tua Assinatura,
Em todos os lugares
e por todos os Séculos.
Amem.

Capítulo 6

A proclamação da “Mahdia”

A proclamação da “Mahdia”

Entre finais de junho e inícios de julho de 1881, enquanto o bispo de Cartum andava na sua última visita pastoral ao vicariato, o autoproclamado profeta Muhammad Ahmad já se confirmara como o novo Mahdi, “o bem guiado por Deus”, para restaurar no mundo a religião muçulmana e estabelecer um reino de justiça universal.

O Mahdi, Said – Dervis, é um homem de cor negro-avermelhada, de turbante branco e de ‘jelaba’, bem decorado com pedaços de tecido de diversas cores, sinal de todos os seus seguidores. Nós, por exemplo, não o podemos trazer, porque não o reconhecemos como Madhi, podemos usar apenas uma ‘jelaba branca’. O Mahdi, segundo a sua doutrina, é o profeta que precede Cristo para que todo o mundo seja convertido ao Islão. Até o próprio Cristo descera do Céu e se unirá ao Mahdi para declarar diante de todos os povos que ele é profeta, mas não Filho de Deus. No seu rosto brilha sempre um sorriso, falso, cheio de doçura, que não parece ser tão mau. Era sempre cortês e controlado quando conversava com os missionários, mas permitia aos seus subordinados

que usassem outros métodos, muito menos respeitosos, especialmente com as irmãs, para as submeter.

Em março de 1882, o *profeta* Mahdi, inicia aquilo que os historiadores chamarão a *Mahdia*, um movimento revolucionário que permanecerá ativo durante 17 anos. Para além de reformador religioso, o novo *profeta* dizia estar pronto para assumir a reforma do Islão e também a função governativa do Sudão.

O descontentamento geral contra o governo turco-egípcio provoca uma espiral de ódio nos adeptos que a ele se iam juntando, contra as denominações religiosas, a que chamam *seitas*, em especial o cristianismo.¹

Mohammed Ahmed,
dito o *Mahdi*



¹ Cfr. G. Ohrwalder a Dichtl. El Obeid, 25 de dezembro de 1882 (ACR, A/32/1/1; AMN, n.º 18 abril 2011 pp. 37-40).

Os últimos dias do Fundador

Ao flagelo da escravidão, contra o qual Comboni lutou toda a sua vida, encontrando inimigos nas altas esferas, juntaram-se também em todo o Sudão, a carestia, a fome e a peste. Para mitigar tantas desventuras, o bispo contraiu muitas dívidas que esperava pagar, pedindo recursos à Europa, como sempre fizera.

Regressando dos montes Nubas para El Obeid, foi apanhado no caminho por um violento temporal, ficando molhado até aos ossos durante várias horas. Quando, finalmente, chegou a Cartum, as febres, as insónias e um sem número de preocupações haviam-no desfibrado.

Regressando a Cartum, em agosto de 1881, Comboni está nas últimas. Os outros missionários também estão doentes.

Aos sofrimentos físicos juntam-se também os morais, sobretudo a morte do pe. António e das irmãs Maria Caspi e Maria Rosa Colpo. Alguns colaboradores, vendo a Missão insegura, abandonaram o campo de trabalho, outros sofrem as febres; os credores fazem pressão impiedosa sobre ele; os benfeitores estão desanimados e retraem-se nos donativos. Como se tudo isto não bastasse, Comboni foi injustamente caluniado por antigos amigos e admiradores... ele suporta tudo com paciência e heroísmo.

A irmã Elisa Suppi nunca se esqueceu disto: ela era a cozinheira e contava à irmã Hermenegilda Morelli, que monsenhor, com muita dificuldade, veio até á cozinha e sentou-se num banco de pedra. Estava ofegante por causa da febre e mal podia falar. Deu-lhe um pouco de café. As irmãs ficaram perto dele, pois bem se via que estava muito angustiado; mesmo assim, tratava de as consolar pela morte do pe. Giovanni Fraccaro.

Daniel Comboni viveu intensamente a união com Jesus Crucificado e aprendeu que «... o missionário apostólico não

pode percorrer senão o caminho da Cruz do Mestre, semeada de espinhos e fadigas; a cruz e o martírio são o seu triunfo².

«... e deixando tudo o que me era mais querido no mundo, vim, há dezasseis anos, a estas terras, para oferecer o meu trabalho como alívio...quero partilhar a vossa sorte e o dia mais feliz da minha existência será, aquele, em que darei a vida por vós...».³

Um após outro, todos morrem à volta dele. De todos os missionários recém-chegados, restam apenas dois ou três sobreviventes.

Ele exercia ao mesmo tempo a função de bispo, pároco, vigário, superior, administrador, médico, cirurgião, enfermeiro e assistente de doentes, dia e noite!

«A certa altura, quis comprar a peso de ouro um pouco de carne para fazer um caldo, mas foi-me impossível encontrá-la»⁴.

A sua merecida dignidade de bispo usou-a apenas para servir, não só os missionários, mas a todos os que expiravam à sombra da Cruz.

Sem a Cruz não há Missionários nem Missão. O coração humano do Verbo Encarnado é o símbolo real do amor com que o Redentor ama incessantemente o Pai e todos os seres humanos, seus irmãos e irmãs. «Este Divino Coração deve inflamar toda a África Central e converter à fé todos os povos...»⁵.

O apaixonado apóstolo da África Central termina a sua peregrinação terrena no dia 10 de outubro de 1881, às 22h00. Tinha 50 anos.

² *Cfr. Escritos*, 5647.

³ *Escritos*, 3156. Homilia de Comboni em Cartum, 11 de maio de 1873.

⁴ *Escritos*, 5873.

⁵ *Escritos*, 3203.

A incrível notícia

A notícia da morte de Daniel Comboni chega a Delen alguns dias mais tarde. É algo incrível, como se o coração de todos tivesse parado.

Os missionários e as missionárias em Itália e África, ao receberam a notícia da morte do fundador sentem-se desolados e são invadidos por um triste sentimento de orfandade e desamparo. Poderá a Missão durar? Uma Missão assim, tão difícil, sem Daniel Comboni?

A irmã Teresa, profundamente desolada pela morte do Fundador, preocupa-se pelo futuro da Missão e confia a sua dor e desolação a outros missionários e missionárias, que com ela sofrem as mesmas incertezas e dificuldades do momento presente. Como se não bastasse, há outros missionários, entre eles o pe. Josef, que lutam pela vida, aflitos pela doença e o clima de fogo que não os deixa respirar.

Estão todos imersos em profunda desolação, atualmente a Missão está nas mãos de ninguém [...].

O vazio que deixaram as várias mortes dos últimos meses, especialmente o monsenhor, pai muito amado e líder generoso, são indiscreíveis.⁶

Mas a fé reacende a esperança e chegam mensagens de conforto: os missionários e as missionárias de Cartum, de El Obeid e de Nuba estão profundamente decididos, com as forças que o Senhor lhes dá e com a sua graça, a prosseguir com a Santa Obra, onde, se não serão dignos de dar frutos, estão igualmente dispostos a sofrer por Jesus Cristo e para a Sua Glória. Deste modo, o pe. Luigi Bonomi interpretava o sentir de todos os outros.⁷

⁶ Teresa a Sembianti, El Obeid, 15 de outubro 1881. Em T. Grigolini *Scritti, 1877-1931* (ACR, A/31/24/5; Em AMN, n.º 12 Ottobre 2006, pp. 105 ss).

⁷ L. Bonomi al Sembianti, Delen, 7 de novembro 1881 (ACR/A/26/12/10; Cfr. E. Pezzi, *Istituto Pie Madri della Nigrazia*, 1881-1901, p. 6, nota 2).

E assim, também a irmã Amália Andreis, está perfeitamente de acordo: «somos poucos, é certo, mas a Missão é Obra de Deus e Ele a protegerá e conservará. O Senhor da Vinha recompensará os seus obreiros... seja qual for o resultado, é tudo pura Obra da Sua Graça. Não nos podemos perder em pensamentos inúteis, pelo contrário, vamos trabalhar com todas as nossas forças para a Maior Glória de Deus»⁸.

À morte do fundador, o Instituto das *Piedosas Mães da África*, hoje conhecidas como Irmãs Missionárias Combonianas, contava apenas sete anos de vida.

As irmãs professoras eram 22: destas, 17 em África, 5 em Verona, 14 noviças e 5 postulantes.

O missionário Daniel Comboni está mais vivo do que nunca na memória daquelas e daqueles que assumiram o seu legado.

A irmã Maria Bollezzoli, a 18 de outubro, envia uma circular a todas as irmãs:

«Sejam fortes e generosas; não se deixem abater, não fiquem desorientadas, mas sejam constantes e intrépidas, mantendo-vos nos lugares que a Providência Divina vos destinou. Não olhem para trás, mas caminhai resolutas pelo caminho que o nosso magnânimo pai nos traçou. Escutem como Ele do cimo do monte, onde já chegou e nos grita: em frente, em frente!...»⁹

Testemunhos semelhantes chegam da irmã Vitória Paganini, superiora de Cartum, da irmã Teresa Grigolini, provincial em El Obed e outras. Numa palavra, é a Missão que salva a Congregação.

Como se não bastasse, em finais daquele terrível ano 1881, a irmã Catarina Chincarini, que desde o dia 22 de maio se encontrava em Delen, adoece gravemente. Reza-se, fazem-se consultas

⁸ A. Andreis, *Lettere*, a seu pai, Nuba 03 de dezembro 1881 (Cfr. APMR, VI/ Pp/43/659; Em AMN, n.º 4 Ottobre 2002, pp. 84 ss).

⁹ M. Bollezzoli, *Circular* n.º 2, Verona 18 de outubro 1881 (APMR/VI /B/1/2; Cfr. E. Pezzi, *Istituto Pie Madri della Nigrizia, 1881-1901*, p. 6, nota 1).

para tentar salva-la e não se encontra melhor solução que enviá-la, rodeada de cuidados, para El Obeid, onde é mais fácil encontrar um médico e medicamentos. A irmã Catarina parte, deixando um grande vazio na pequena comunidade de Delen. Mas, ainda não era tudo para a Missão dos montes Nuba: a 16 de novembro de 1881, morria o irmão José Avesani, que entrara no Instituto Comboniano a 3 de junho de 1879, partindo para o Cairo a 1 de julho desse mesmo ano.

Sobressaltos na Europa

É muito provável que os jornais tenham difundido na Europa a notícia do massacre do dia 9 de dezembro de 1881, pelos soldados do Mahdi, perto de Fashoda, no sul do Sudão. Corriam boatos de que alguns missionários, entre os quais Amália Andreis, tinham sido trucidados. Era mesmo isto que Amália não queria. Com grande preocupação, os seus pais foram informar-se junto dos responsáveis da Missão, em Verona, e até com a própria filha; e, nem a resposta da irmã Amália acalmou as ansias da sua família:

«Não posso contar-vos a minha amargura ao ouvir o triste burburinho que se espalhou sobre mim. Porém, mais cedo ou mais tarde, vos chegará esta novidade; mas vós não fiquéis tristes. A morte é o sacrifício que já oferecemos a Deus. O nosso Salvador também sofreu a morte, e Morte de Cruz, para nossa Salvação. Assim, também nós, daremos esse grande passo por amor Àquele que se sacrificou por nós»¹⁰.

¹⁰ Cfr. A. Andreis, a seu pai, Nuba, 13-01-1882. *Lettere* (APMR, VI/Pp/1/49//662; Em AMN, 2002 outubro n.º 4, p. 94).

No Vicariato, o pessoal da Missão ainda não tomava a sério os sinais ameaçadores que pairavam por toda a parte.

É um facto que, missionários e missionárias, pensavam sobretudo na nova fundação que Daniel Comboni tinha projetado para os montes Nuba. A irmã Amália Andréis na carta já citada, 13 de janeiro 1882, informa-nos que havia somente dois padres por cada Missão e que, se viesse mais algum, poderia abrir-se outra Missão nos montes do Golfan, situados, aproximadamente, a um dia de caminho de ali.

Por sua vez, a irmã Teresa Grigolini, escrevendo ao irmão no dia 2 de fevereiro seguinte contava-lhe que estavam em “grandes preparativos para uma expedição”, isto é, aos montes de Golfan, porque “segundo os projetos e os planos feitos, deveria estabelecer-se lá a Missão mais forte da África; de maneira que, parte do pessoal seria transferido para aquela Missão, já explorada pelo nosso saudoso monsenhor».¹¹

A última visita da superiora provincial a Delen

«No dia 12 de fevereiro de 1882,¹² a irmã Teresa Grigolini, acompanhada pelo pe. Luigi Bonomi, superior da Missão de Delen, podia finalmente deixar El Obeid para visitar a outra comunidade feminina, como Daniel Comboni tinha programado no Outono precedente.

Embora, infelizmente, o principal motivo da viagem tivesse sido alterado ou suspenso, de facto, a irmã Teresa deveria ir para Jebel Nuba, em vista da nova Fundação, só que, o pe. Luigi Bonomi tinha-lhe pedido para esperar pelo momento mais oportuno, porque não seria prudente enfrentar a viagem sozinha.

¹¹ T. Grigolini, *Tutti sapevano che ero stata suora*, p.83.

¹² Comboni a Simeone, Cartum, 24 de setembro 1881 (*cfr. Escritos*, 7117).

«Hoje parte para El Obeid o nosso pe. Superior Luigi Bonomi, para trazer provisões. Espero que ele chegue quanto antes e que possa trazer a madre Teresa Grigolini. Não sei por quanto tempo ficará aqui» (...), escreve Amália a seu pai, no dia 10 de janeiro 1882. E logo no dia 17, ela confirmava o regresso do pe. Bonomi e da irmã Teresa: «Não tenho palavras para vos descrever a minha alegria»¹³

A emergente revolta Madhista

A deslocação estratégica do Mahdi e da sua comitiva voluntária em direção ao Cordofão, acontecia num momento muito delicado e difícil para a Igreja Católica do Sudão, por causa da morte imprevista do seu primeiro e único bispo Daniel Comboni. Para os responsáveis da Missão, impunha-se, portanto, como prioritária a questão da sucessão. Ele já se tinha preocupado com o assunto: «De facto, o bispo Comboni escrevia ao pe. Sembianti, em 12 de fevereiro de 1881: «Ainda hoje, se eu tivesse de eleger um Vigário Geral, o único capaz seria o pe. Bonomi»¹⁴.

Mas a pessoa encarregada de *regência*, enquanto se esperava o sucessor foi, pelo contrário, o pe. Giovanni Losi. Ele tinha chegado, havia poucas semanas, a El Obeid, para substituir o então superior, Giovanni Battista Fraccaro. Foi uma grande imprudência, porque, como se verá, El Obeid mostrar-se-á o lugar mais perigoso para enfrentar a *guerra santa*, já decidida pelo Mahdi.

A Santa Sé escolherá, a 22 de setembro de 1882, o pe. Francisco Sogáro, amigo íntimo de Comboni e pároco da Igreja de São Jorge em Verona, onde o primeiro bispo da África Central, havia celebrado o seu primeiro pontifical, a 15 de agosto de 1877.

¹³ A. Andreis a seu pai, Nuba, 10 de janeiro de 1882. Lettere (Cf. *APMR*, VI/Pp/1/48/661; Em *AMN*, n.º 4 Ottobre 2002, p. 92 ss).

¹⁴ *Escritos*, 6460.

Os baggara de Delen

Os *baggara*, pastores nómadas que habitavam as planícies nubas, eram ferozes inimigos da população de Delen, que consideravam uma reserva de escravos. Entraram a fazer parte do exército Mahdista, comprometendo-se a cortar o caminho de El Obeid aos missionários. Foram exatamente os *baggara* que, em 1883, raptaram, no Cordofão a Serva de Deus, Zeinab Alif, e no Darfur, em 1878, a irmã Josefina Bakhita, beatificada em 1992 pelo Papa João Paulo II.

«Há dias, uma grande expedição vindo do Cordofão e reforçada pelos ‘baggara’, armada com 100 espingardas e 200 cavalos, invadiu alguns montes Nuba, a cerca de um dia de viagem daqui. À sua passagem, destruíram e queimaram umas 600 habitações e levaram consigo 80 negros, atados uns aos outros, para os venderem como escravos. Entretanto, o inspetor Roversi, também com 80 soldados, apanhou-os de surpresa e conseguiu dispersá-los».¹⁵

Tristes pressentimentos

Até agora, a última série de ataques, nos montes Nuba, foi interrompida e dispersada graças à intervenção do inspetor Roversi, que tinha enfrentado os escravagistas, tirando-lhes o que tinham roubado e libertando os presos.

Foi por isso que o pe. Luís Bonomi procurou convencer a irmã Teresa a esperar o momento adequado, para regressar a El Obeid:

«Nesta viagem, eu era acompanhada por dois rapazes e dois soldados de cavalaria. O pe. Luís pensou que não era prudente

¹⁵ Bonomi a Sembianti, Delen, 17 de março 1882 (ACR, A/26/12/13; Em AMN, n.º 18 abril 2011, pp. 29-30).

partir só com os rapazes, e que deveria aproveitar a presença destes dois soldados, considerando a insurreição que reinava em quase todo o Sudão. De facto, dois dias antes, pelo mesmo caminho, foi intercetada a passagem a 30 soldados que iam na direção de Jebel Nuba, os quais foram obrigados a voltar a El Obeid. Mas nós, desta vez, passámos sem problemas. Porém, a verdade é que isto não soava como um feliz preannuncio. Não muito longe daqui, no deserto, foram roubadas várias caixas de dinheiro do governo. O dinheiro era tributo recolhido e levavam-no à sede do governo de El Obeid. Os soldados portadores não conseguiram defender-se dos assaltantes. Diz-se que a três dias daqui está o chefe da revolução que reuniu um enorme grupo de árabes, os quais se recusam de pagar tributos ao governo, e dizem que um bom numero de *baggara* está à espera do momento oportuno para atacar a cidade de El Obeid, saqueá-la e roubar o cofre do governo».¹⁶

¹⁶ Teresa a Sembianti, 16 de abril 1882, T. Grigolini, *Scritti 1877-1931*, (Archivo Comb. ACR, A/31/24/7; em AMN, n.º 12 outubro 2006, pp. 127-128).



Irmã Fortunata Quascè

Último parêntesis de serenidade

No dia 9 de abril 1882, domingo de Páscoa, Fortunata Quascé fazia a sua consagração para a Missão, a primeira missionária comboniana africana, na bonita Igreja de El Obeid. Era um dia de festa pela meta alcançada, e de muitas saudades pela ausência do nosso Pai, Daniel Comboni, mas sobretudo, de muita preocupação pelo futuro que se mostrava ameaçador.

Não sabemos que conhecimento tinha o pessoal da Missão acerca de tudo isto, ou se a irmã Teresa Grigolini tinha apenas alguma intuição, visto ela insistir para deixarem a cidade a todos os custos, enquanto havia tempo. Tanto que o pe. G. Sembianti

fala disto nas suas *Memórias*, embora não diga nem quando nem como tiveram esta informação. Da sua parte, o Mahdi não esperava outra coisa, senão o ataque a El Obeid. Estava convencido e seguro de que a capital do Cordofão ficaria nas suas mãos; convocou então, os seus fiéis e fez distribuir entre eles o dinheiro roubado à “Casa do Tesouro”, dizendo-lhes para estarem prontos em Kaba, no início do mês de setembro.

Tentativas de defesa e de resistência

Quando o governador de El Obeid teve conhecimento dos projetos do Mahdi, considerando a extensão da sua cidade, a qual não lhe consentiria uma defesa fácil, sobretudo pelas poucas forças de que dispunha, procurou a melhor maneira de se defender; construindo uma fortaleza na parte sul-oriental. O cinto poligonal contínuo deste campo, seguia o trajeto das ruas interligadas, com trincheiras de barro e casas colocadas nas muralhas em estado de defesa.

«Era esta a fortaleza que a irmã Teresa Grigolini citava nas suas *Memórias* e, da qual, as construções da Missão católica tinham ficado de fora:

Fui ao superior, pe. Giovanni Losi, e perguntei-lhe como estavam as coisas, ele respondeu-me que tudo isto não era nada, mas, se tínhamos medo, que fossemos embora. Foi uma resposta fácil, mas talvez o pe. Losi quisesse esperar que o pessoal de Delen chegasse. De facto, segundo as últimas notícias, os que estavam em Delen iriam para El Obeid e partiriam juntos para Cartum. Infelizmente, foi uma espera inútil. Já todos se interrogam, por quanto tempo mais irá El Obeid resistir ao inexorável avançar dos muçulmanos fanáticos. A irmã Grigolini, dotada de forte sentido prático, insiste para que se abandone rapidamente a cidade, refugiando-se em Cartum.

Os preços de bens de primeira necessidade aumentam de dia para dia. Ninguém cultiva os campos, a fome está eminente e o pe. Losi hesita em tomar uma decisão, quando seria necessário fugir o mais depressa possível para Cartum. No mês de julho, os efeitos da fome começam a ser visíveis.

O governador e a guarnição refugiam-se na fortaleza; a casa das irmãs e a Missão encontram-se fora dela, expostas a todo o tipo de assaltos.

Quando a situação piora, o pe. Losi decide-se a partir, mas agora é o chefe de El Obeid que se lhe opõe porque, se eles partirem, uma grande parte dos comerciantes partem com eles e a cidade ficará mais vulnerável.

A urgência da fuga

«O pe. G. Losi – conta Teresa – que finalmente se apercebeu da situação desesperada, reúne o pessoal da Missão na Igreja e celebra a Eucaristia, durante a qual todos comungam com grande fervor. Todas as hóstias do Santíssimo Sacramento são consumidas. No final, o celebrante alude aos graves perigos que todos correm e acrescenta:

– Diante dos acontecimentos que estamos a viver, sinto-me inspirado a libertar as irmãs dos votos religiosos, se quiserdes podeis renová-los privadamente todos os dias.»

«Nós, irmãs, – escreve Elisabetta Venturini – ficámos imensamente tristes com isso: estávamos a preparar-nos com grande fervor para a renovação anual dos nossos votos.

Com o coração apertado, em silêncio, no fim da Missa, enterámos os vasos sagrados e tudo quanto dizia respeito ao culto e preparámo-nos para nos mudarmos para a casa, que Marietta

Maragasse Combatti¹⁷ nos havia oferecido, dentro da fortaleza e que consistia num amplo local escuro, sem janelas. Levámos para lá os nossos angareb (camas),¹⁸ o baú pessoal e alguns objetos da Missão.

Os padres Giovanni Losi, Paolo Rosignoli¹⁹ e o irmão Isidoro Locatelli²⁰ foram recebidos em casa de amigos».

Os horrores de uma cidade assediada

El Obeid, a cidade branca, com os seus cem mil habitantes, de clima bastante suportável, rodeada de colinas verdejantes e rica de água, bem depressa se torna meta das caravanas, que lhe trazem bem-estar. A numerosa guarnição sediada no forte governativo inspira segurança aos habitantes. Contudo, a situação

¹⁷ Marietta Maragasse Combatti, (1848-1905) escrava de origem nubiana foi resgatada no Cairo pelo pe. Nicolau Olivieri e levada para a Itália onde permaneceu até completar a sua formação. Foi levada para o Egito, como catequista, por Comboni, durante a sua segunda expedição, (1869) e mais tarde partiu para El Obeid, onde ficou sozinha durante a Madhia revelando-se extremamente corajosa e generosa, merecendo assim o alcunho de *Combatti*. Em 1887 consegue deixar o Sudão para voltar a Gesira (Cairo) na Colónia dos Negros (cfr. *AMN*, n.º 18 abril 2011, p. 177).

¹⁸ Angareb: cama sudanesa, feita com cordas entrançadas em torno a um tear de madeira.

¹⁹ Paolo Rosignoli, sacerdote italiano que encontrando Comboni no Colégio dos SS. Pedro e Paolo em Roma, no qual se preparava para a Missão, seguiu-o no Sudão onde foi encarcerado com os outros missionários. Conseguiu fugir do cativeiro em novembro de 1894. Ficou algum tempo no Egito. Passou os últimos 19 anos da sua vida em Roma onde faleceu a 14 de março de 1919 (Cfr. *AMN*, n.º 18, abril 2011, p. 180)

²⁰ Isidoro Locatelli, nasce em Bergamo (Itália) a 12 de outubro de 1852. Entrou no Instituto das missões africanas como irmão leigo em 1879. Trabalhou por algum tempo no Egito até que foi enviado para o Sudão com destino à Missão de El Obeid e feito prisioneiro do Mahdi. Conseguiu fugir em 1887 (cfr. *AMN*, n.º 18, abril 2011, p. 176).

torna-se cada vez mais caótica. Todos os dias, centenas de pessoas que não se querem submeter ao Madhi, pedem proteção. Pouco a pouco, os géneros de primeira necessidade começam a faltar, porque as caravanas são assaltadas pelos Madhistas antes de chegarem ao destino.

Ninguém, como os protagonistas nos poderia dar um relato realístico sobre El Obeid, a cidade Capital do Cordofão, durante o cerco que a levou à sua rendição. Eis o relato da irmã Teresa Grigolini a Calisto Legnami:

«Com astúcia, o Mahdi enviou mensageiros para dentro da cidade a fim de convenceram a população a passar para o seu lado. Não faltaram traidores, mesmo no seio do exército. A 8 de setembro de 1882, de madrugada, ao grito de Alá, as hordas do Mahdi iniciam o assalto a El Obeid, recebidas com tiros de canhão e de espingardas.

Eu encontrava-me num lugar elevado a observar tudo. Pareceu-me que, se os soldados fossem comandados por um capitão, por medíocre que fosse, teriam destruído os Madhistas em poucas horas: de facto, eles não traziam sequer uma espingarda. Depois do assalto, seguiram-se dias de relativa calma.

As missionárias aproveitaram para ir à Missão buscar víveres. Ajudadas pelos jovens, levaram para a fortaleza todas as provisões que tinham guardadas e cederam ao²¹ governo parte dos cereais que ainda possuíam. A esperança de que tudo iria acabar bem, incutia resistência à população, mas o Mahdi, sempre bem informado das precárias condições em que se vivia na cidade, vai

²¹ C. Legnami, 1852-1897, de Como-Itália, encontrava-se no Sudão como comerciante, e por parte do Governo Italiano, em 1880, exerceu o cargo de Agente Consular a Cartum. Era amigo dos missionários e por isso, Teresa não hesita a comunicar-lhe as suas preocupações e a sua urgente necessidade de socorro após o assalto das forças Madhistas no dia 8 de setembro de 1882 (*Cfr.* Teresa Grigolini, *Scritti 1877-1931*, 145-148).

apertando o cerco, aguardando tranquilamente que a população se rendesse.

No início, tínhamos algum dinheiro, obtido com a venda de um camelo, e podíamos comprar coisas de primeira necessidade, mas depois nem o dinheiro servia, porque não havia nada para comprar.

Os burros, os cães e os ratos foram comidos; comiam-se as folhas das árvores e fazia-se sopa com ossos de animais mortos que se iam desenterrando; por fim, até a pele dos sapatos e as tiras de couro das camas... tudo era devorado. Procurava-se sobreviver mastigando a goma que abundava no lugar, mas que provocava disenteria.

O espectro da fome perfilava-se com todos os seus horrores. Os caminhos estavam cheios de esteiras e de farrapos, de crianças a morrer de fome, esqueletos vivos que estendiam a mão em busca de auxílio e que morriam naquela atitude.

Todos os dias, os soldados limpavam as ruas dos cadáveres, atirando-os para fora das muralhas, onde já se encontravam amontoados os Madhistas mortos durante o primeiro ataque à cidade. Um cheiro horrível, naquele clima ardente, invadia a fortaleza, tornando a vida sempre mais intolerável. Sobreveio o escorbuto: hemorragias, manchas violáceas no corpo, dores nas articulações, gengivas e mucosas infestadas, queda de dentes e... cada vez mais mortes»²².

Os acontecimentos de Delen

Aquilo que realmente aconteceu em Delen, naquele Outono de 1882, foi escrito, pela primeira vez, pelos padres Luigi Bonomi, e Josef Ohrwalder a pe. Giovanni Ditchtl, que se encontrava em

²² Cfr. T. Grigolini, *Memórie della prigionia mahdista*, pp. 7-9.

Cartum. No dia 1 de janeiro de 1883, os dois começavam também a redigir uma longa e completa relação, destinada a D. Luigi de Canossa (bispo de Verona) e assinada por Luigi Bonomi, na qualidade de superior. Esta última, foi muito conhecida, graças à revista *Nigrizia*, que em maio de 1883 a publica quase na íntegra. Mas, para recordar alguns factos fazemos referência à síntese do pe. Ohrwalder ao pe. Dichtl.²³

«Desde o dia 15 de abril de 1882, todas as manhãs se ouvia o rufar sinistro dos tambores de guerra. Mak Omar, braço direito do Madhi, encontra-se acampado nos arredores. Nunca mais tivemos paz, havia litígios e barafundas todos os dias. Estávamos alerta dia e noite. No início, éramos ameaçados pelo inimigo de fora e, ultimamente, também por um grupo de Delen. Alguns dias mais tarde, envia uma carta ameaçadora à Missão, onde, mentindo, afirma que El Obeid já tinha caído nas mãos do Madhi e pede aos missionários e aos soldados para se renderem, pois, qualquer resistência seria inútil. Em ondulações sucessivas, chega-lhes aos ouvidos o eco de um canto arrastado: eram os Madhistas chefiados por Mak Omar que, entoando canções a *Alá*, vinham tomar posse da estação missionária e já se dirigiam para a Igreja. Depois de a terem saqueado, inspecionavam as diversas cabanas: nada escapa à sua fúria. Satisfeitos com os despojos, dividem entre si, como se fossem animais no mercado, os rapazes e as moças da Missão. A outro canto amontoam as crianças e os velhos, ameaçados com lanças e bastões.

Sob o olhar impotente dos padres e das irmãs, com ameaças e pancada, forçam aqueles infelizes a renegar a sua fé e a tornarem-se muçulmanos. A angústia aperta o coração dos missionários. O fruto de tantos sacrifícios e renúncias está sendo engolido pelo

²³ G. Ohrwalder, a Giovanni Dichtl, *Síntese da Relação, do acampamento do Dervis de El Obeid*, 26 de dezembro 1882 (ACR, A/32/6/1; *La Nigrizia*, N. 5 setembro 1892, L. Gaiga, *Mulheres em Missão*, 133-149).

inferno Madhista. A dor maior dos missionários é verem tantos cristãos maltratados. Aqueles infelizes agarravam-se a nós e à nossa roupa como podiam e não queriam separar-se de nós. Meu Deus quanta dor!»

O crucifixo de bronze

A 18 de setembro, de 1882, Mak Omar dá ordem de abandonar Delen, em direção ao acampamento do Mahdi, que se deslocou para os arredores de El Obeid, e encarrega o filho de Nasr e alguns dos seus fiéis de escoltarem os prisioneiros ao acampamento do Mahdi, nos arredores de El Obeid. Um deles põe às costas do pe. Ohrwalder o crucifixo de bronze que estava na capela e diz-lhe:

– Carrega isto, cão danado. É um belo troféu que levaremos para o Mahdi!

O missionário vai derreado com o peso do crucifixo, à semelhança do Cireneu, carregando a Cruz de Jesus. Iniciava-se, assim, a Via-Sacra dos missionários e das missionárias de Daniel Comboni.

Os padres conseguem arranjar cavalgaduras para as irmãs, mas bem depressa lhes serão tiradas, tendo assim de prosseguir a pé. Cai a noite do primeiro dia. As irmãs, no esforço de acompanharem o passo da caravana, estão exaustas e com os pés a sangrar. Finalmente, Nasr dá ordem de pararagem. O pe. Bonomi não se resigna:

– O crucifixo para o Mahdi? Para quê? Certamente para o profanar. Não, não o irão conseguir!

Da colina de Kudru, no sopé da qual acamparam, correm pequenos riachos de água cristalina que alimentam as fontes dos arredores. Todos os prisioneiros bebem água e depois, mais mortos que vivos, deitam-se no chão e todos adormecem. Só

os missionários não dormem. Em bicos de pés, os padres, Josef Ohrwalder e Luigi Bonomi, pegam no crucifixo de bronze e afastam-se uns cinquenta metros. Levantam as pedras e aproveitando os buracos das mesmas, alargando-os e afundando-os com lascas aguçadas, conseguem abrir uma grande cavidade. Beijam o crucifixo, depositam-no na cova e cobrem-no com as mesmas pedras.

– Ninguém o irá encontrar – sussurra o pe. Ohrwalder.

Os missionários regressam ao seu lugar. Os mahdistas não se apercebem de nada e, na manhã seguinte, na azáfama de levantar o acampamento, esquecem-se do crucifixo. Passaram 140 anos, desde aquela noite, e o crucifixo de bronze repousa no sopé da colina Kudru, junto da fonte de água límpida que brota das rochas, ninguém o conseguiu encontrar. O pe. Ohrwalder foi profeta.

A caminho de El Obeid

Estamos na estação das chuvas. A viagem é penosa, devido ao capim alto e molhado pelos ribeiros que é preciso atravessar, por vezes com a água até ao pescoço e depois continuar o caminho, sob o sol abrasador. A disenteria e as febres minam as forças dos viajantes. As irmãs andam descalças, porque lhe tiraram os sapatos. Em todas as aldeias *baggara* por onde passam, a multidão acorre para ver o espetáculo e insultar os prisioneiros, sobretudo as irmãs.

O irmão Gabriel Mariani está tão doente que mal se pode arrastar, de maneira que os companheiros têm de carregar com ele. À sua volta uma grande multidão grita, ameaça com machados, lanças e varapaus. Nasr, que pretende entregar ao Mahdi os prisioneiros sãos e salvos, começa a temer pelas suas vidas e ordena aos menos exaltados que formem uma barreira para os proteger.

Depois de nove longos dias, chegam ao acampamento do Mahdi. Aí se abrigavam, em cabanas rústicas, mais de cem mil

pessoas armadas. Gritam em uníssonos. Centenas de tambores emitem sons lúgubres e ouvem-se disparos cadenciados de espingardas, intervalados pelo soar dos canhões.

Enquanto esperam para serem conduzidos à presença do chefe, sentam-se à sombra de um grande baobá a descansar. Nasr, que se afastara pouco antes, regressa com um grupo de mahdistas que se atiram como feras aos missionários, tirando-lhes tudo o que tinham, inclusive o relógio e a roupa. O mesmo acontece às irmãs a quem arrancaram, com raiva, os véus e tentavam tirar-lhes os vestidos. Armou-se ali uma zaragata desigual, entre os Madhistas e os missionários, que conseguiram defender as irmãs com os seus vestidos, pelo menos por agora.

É meio-dia, quando os missionários de Delen são levados à presença do Madhi, que sai de uma tenda e se senta no chão, numa esteira, conforme o costume árabe.

Cumprimenta os missionários com um sorriso, interroga-os sobre a sua nacionalidade e pergunta-lhes se nunca ouviram falar do Madhi. Sem esperar pela resposta, explica aos prisioneiros a *Missão divina* de que se encontra revestido e o seu total triunfo sobre os inimigos de Deus e do Profeta. Mas, ao aperceber-se do estado de prostração física dos prisioneiros, dá ordens para lhes trazerem marmelada, que num instante ficou coberta de moscas.

Mais tarde, chama um certo Jorge Stambulieh²⁴ e diz-lhe para descrever aos padres e às irmãs a grandeza e a nobreza da religião islâmica. Dito isto, fecha os olhos e abandona-se a uma espécie de visão. Rodeiam-no alguns escravos, agitando leques para o refrescar. Por fim, abre os olhos, levanta-se, convida os missionários a comerem a marmelada e vai-se embora.

²⁴ Jorge Stambulieh (1840-1926:) de origem Siriana foi vice-cônsul inglês e procurador da Missão (*Cfr. Escritos* 5711). Passou para o lado do Madhi para salvar a vida, tornando-se o homem da sua confiança

Regressa pouco depois com uma casula bordada, roubada das alfaías sagradas, durante o assalto à Missão e volta a falar, descrevendo as estrondosas conversões ao Islão que se verificaram no tempo do Profeta.

Vendo que os missionários não lhe prestam atenção, vai-se embora entregando-os ao Califa Abdullahi²⁵, que os manda sentar ao sol, junto de vinte salteadores atados uns aos outros.

Muçulmanos ou morte

Uma multidão de curiosos observa os missionários. São guardados por sentinelas armadas de espingardas, junto do cavalo de Abdullahi. Pouco mais além, grandes quantidades de bandeirinhas garridas agitam-se ao vento. O califa cumprimenta-os amigavelmente e convida-os a tornarem-se muçulmanos para salvar as suas vidas, doutra forma as coisas irão correr muito mal.

Aparece também Jorge Stambulieh para lhes anunciar que a sorte deles está traçada, se não se convertem a Maomé.

O Madhi envia-lhes diversos *ulemas*²⁶ para que os levem à apostasia. Inicialmente, estes mostram-se gentis para passarem das lisonjas às ameaças.

– Se não vos tornardes muçulmanos, morrereis!

– Morrer, morrer, sim, morrer! Quantas vezes vamos ter de vo-lo repetir? – responde sem rodeios o pe. Luís Bonomi.

O califa Abdullahi, furibundo pelo falhanço dos *Ulemas*, grita aos prisioneiros que têm aquela noite para tomarem uma decisão; depois será tarde demais.

²⁵ Abdullahi, (1846-1899): originário do Darfur, foi o primeiro dos seguidores do Mahdi, tornando-se assim o principal dos 4 califas, nomeados pelo Madhi em 1881 com direito de sucessão.

²⁶ Teólogos do Corão.

Era já noite, quando Jorge Stambulieh regressa: parece preocupado. Informa que ofereceu dinheiro ao Mahdi pelo resgate, mas que ele recusou.

Os missionários entregam-lhe os poucos tostões que conseguiram esconder até àquele momento e pedem-lhe (a Stambulieh) para regressar na manhã seguinte, antes da execução. Ele promete».

O cometa do martírio

Nesta página heroica, temos o testemunho escrito pelo pe. Bonomi, superior daquela comunidade comboniana, prisioneira no acampamento de Boga, que nos revela os seus sentimentos na expectativa do martírio:

«Na noite de 27 de setembro de 1882, Jorge Stambulieh, vindo até junto de nós, disse-nos que o dia seguinte seria, com a graça de Deus, o dia do nosso martírio. Esta notícia, provocou no nosso coração uma tal alegria, que, penso, transparecia nos nossos rostos.

Entregámos ao amigo sírio os tostões que ainda possuíamos e dispusemo-nos a passar alegremente, na melhor forma possível, aquela última noite. Os guardas estavam deitados, um pouco afastados de nós, mas podíamos falar à vontade em italiano, porque ninguém nos entendia. Rezámos, como de costume, e sentados uns ao lado dos outros, fizemos a nossa confissão e recebemos a absolvição para nosso grande conforto, permanecendo algumas horas em silêncio, a rezar.

Ao clarão de uma esplêndida Lua, escrevemos no último pedaço de papel que possuíamos, uma breve memória que todos assinámos, para entregar na manhã seguinte ao senhor Jorge, a fim de que a fizesse chegar às nossas terras.

Por fim, recebida a bênção e beijada a relíquia da Santa Cruz, deixámo-nos adormecer, serenamente, nas últimas horas que nos restavam. Acho que, nenhum de nós, jamais tinha dormido um sono tão tranquilo.

Ao amanhecer, um magnífico cometa desponta no firmamento. É lindo! Os prisioneiros veem nele o cometa do martírio e da glória.

O encantamento dos seus pensamentos é quebrado pelo rufar dos tambores e do som prolongado das cornetas de guerra, que despertam o acampamento. Os soldados preparam-se para a revista geral que o Madhi fazia todas as sextas-feiras. Como prometido, Stambulieh regressa e anuncia aos missionários aquela que julgava que seria a sentença final. Eles entregam-lhe a memória escrita durante a noite, com o último adeus para as suas famílias e amigos, pedindo-lhe que faça com que chegue a Itália o mais depressa possível.

Na manhã seguinte, um dos chefes, montado num soberbo cavalo, veio ter connosco, parou bruscamente e interrogou-nos:

- Então tornam-se muçulmanos ou querem morrer?
- Antes a morte! – respondemos em coro.

Fez então a mesma pergunta a cada um de nós, mas obtive a mesma resposta. Alguns de nós, sabíamos pouco de árabe, mas, naquele momento, ninguém teve dificuldade em se fazer entender claramente. Soberbo, fez rodar o cavalo e foi-se embora.

A narração destes factos, é semelhante aos capítulos dos Atos dos Mártires, dos primeiros séculos do cristianismo, e não só. A execução não aconteceu, porque o Madhi preferia prisioneiros reféns a mártires.

Foi então que apareceram alguns homens armados, que ordenaram aos prisioneiros para os seguirem. Com esta escolta, padres e irmãs, cheios de esperança no martírio, põem-se a caminho. Andam mais de meia hora no meio de gente hostil, rezando, fechando os ouvidos aos insultos e às ameaças da multidão.

Espera-os um numeroso grupo de guerreiros em formação. O acampamento parece um formigueiro. De um grupo de soldados em marcha, destaca-se um deles, que se aproxima dos missionários e grita-lhes:

- Querem-se tornar muçulmanos ou preferem que vos corte a cabeça? – sem responderem, os prisioneiros estendem o pescoço.
- Caminhem! – grita furibundo».

O Interrogatório

O Madhi espera por eles, montado num camelo branco, de busto direito, imóvel.

As tropas em parada formam um quadrado. Ele faz sinal aos prisioneiros para se aproximarem:

- Deus vos conduza à verdade – diz-lhes.

E, puxando pelas rédeas do camelo, dá meia volta para se afastar. A um gesto seu, as tropas estão prontas para se atirarem aos missionários e esmagá-los... Mas, o Madhi retrocede: acalma os soldados e ordena aos missionários que caminhem à frente do seu camelo para a sua residência.

– Viram o meu exército? – pergunta-lhes o Madhi antes de se retirar.

É evidente que procura aterrorizá-los. Eles, perplexos, aguardam os acontecimentos.

Novamente, apresenta-se-lhes um oficial das tropas para os interrogar, repetindo as perguntas de sempre:

- Preferem tornar-se muçulmanos ou morrer?
- Morrer! – respondem em uníssono.

O oficial interroga-os, então, um a um:

– Tu! – dirigindo-se à irmã Amália Andreis – queres tornar-te muçulmana ou preferes morrer?

Com o mesmo ardor com que tinha respondido ao Papa, a irmã Amália diz-lhe decidida:

– Antes prefiro morrer do que renegar a minha fé!

E, como lhe parecia que o oficial não tinha entendido bem a sua resposta, voltou a repetir:

– Morrer, compreende!?

Com os olhos em chamas, o oficial dirige-se à irmã Eulália Pesavento, fitando-a:

– E tu, minha cadela, o que escolhes?

Altiva e solene, Eulália responde com uma única palavra, sublinhando cada sílaba:

– Morrer!

Restava interrogar, depois dos missionários, a irmã M.^a Caprini, a mais jovem do grupo, a mais pequena de estatura e, aparentemente, a mais frágil.

O oficial escondia uma secreta esperança que ela cedesse, tornando menos humilhante o seu desaire, e com uma falsa calma pergunta-lhe:

– E tu? – indaga.

– Prefiro morrer que renegar o meu Deus – responde prontamente a irmã.

– E vão morrer, seus cobardes! – grita, furiosamente, o oficial.

Gerou-se no acampamento grande agitação: clamor, ameaças e gritos de: – «à morte, à morte!» atroam, ferozmente, os ares. Lanças, machados e catanas levantam-se no ar.

Nos consagrados não se toca

De pé, serenos, os missionários aguardam o momento supremo. A certa altura, uma voz ergue-se acima de toda aquela barulheira. Pouco a pouco, a multidão emudece. Hali Helet, um

estudioso do Corão, com a autoridade de um chefe religioso, lembra à turba o que o livro sagrado ensina:

– Não é lícito aos fiéis, adoradores de ‘Alá’ matarem pessoas consagradas a Deus, se não forem encontradas a combater de armas em punho. O Corão proíbe-o!

Aquilo que demonstrava a estatura religiosa de Hali Helet é, para os missionários, um rio de água gelada. Padres e irmãs veem afastar-se com grande tristeza a ocasião, que tiveram tão próxima, de testemunhar com o seu sangue, o amor a Cristo e aos africanos.

A visita da irmã morte

Nesse mesmo dia, os prisioneiros são entregues a Jorge Stambulieh que à noite os leva para a sua pequena cabana, onde nem sequer cabia a sua família. Por mais de quinze dias, os missionários são obrigados a permanecerem ao ar livre, recebendo insultos e ameaças dos desencantados árabes que, com gosto, teriam visto rolar as suas cabeças a golpes de catana. Finalmente, com a ajuda de Jorge conseguem levantar uma cabana, muito pequena, por falta de materiais, onde, muito mal, cabem os sete missionários.

A emoção, a angústia e o medo dos últimos dias, os maus tratos, a calamitosa viagem – desde Delen até ao acampamento do Mahdi – a falta de bens essenciais, o ar doentio do acampamento e a água contaminada, abateram as suas resistências. Todos adoecem gravemente. Sem roupa para se mudarem, sem água para se lavarem, enchem-se de insetos nojentos que aumentam o suplício. Deitados no chão, daquela escura cabana-prisão, uns ao lado dos outros, sem qualquer conforto, vão proferindo palavras de estímulo entre si, enquanto aguardam a irmã morte.

A morte da irmã Eulália Pesavento

No dia 28 de outubro de 1882, a irmã Eulália entra em agonia. A febre altíssima fá-la delirar. É noite profunda. Junto dela, sem nada poderem fazer, os sacerdotes Luís Bonomi e José Ohrwalder traçam a custo, sobre o seu corpo, o sinal da cruz. As irmãs M.^a Amália e M.^a Caprini tateiam na escuridão as suas mãos para lhe fazerem sentir a sua afetuosa presença. O irmão Gabriel Mariani esforça-se por recitar uma oração que acompanhe a sua agonia. Por volta da meia-noite, a respiração da enferma relutando logo se apaga. Morria, assim, a irmã Eulália, aos 26 anos de idade.

Ao amanhecer, os sobreviventes não tinham forças para sepultar o cadáver e nenhum dos árabes que povoavam o acampamento iria sujar as mãos com *aqueles cães de cristãos*. Finalmente, um pobre, em troca de uma moeda, esqueceu o seu ódio para com os cristãos e arrastou para cerca de cem metros dali o corpo sem vida da irmã Eulália, cobrindo-o com um pouco de areia. As hienas e os abutres fariam o resto.

Mãe, não chores!

Em Verona, os familiares das missionárias viviam tempos de grande angústia. Desde o dia 2 de abril, daquele infausto 1882, que não recebiam notícias das suas filhas. Os jornais escreviam acerca de guerras, de razias, de missionários e missionárias trucidadas, assassinadas ou decapitadas pelos Madhistas no Cordofão.

No dia 27 de outubro à noite, depois de ter desfiado, por longo tempo o terço, a mãe de Maria Pesavento adormece e sonha: vê um jardim com flores lindíssimas e entre as corolas de várias cores, sorridente e envolta de luz, a sua Eulália:

– Mãe, não chores, porque eu estou feliz, tão feliz! Do Paraíso eu rezo por ti e por toda a nossa família...

Aquela mãe acorda consolada. Invade-a, agora, uma estranha alegria, que ela não consegue distinguir da dor... levanta-se, tira da lareira um pedacinho de carvão e com ele escreve na parede a data e a hora do sonho. Um ano mais tarde, chega a notícia oficial da morte da irmã Eulália e traz a mesma data que ela escreveu na parede junto da lareira: meia noite, 27 de outubro de 1882.

A morte do irmão Gabriel Mariani

A 31 de outubro, também de noite, é a vez do irmão Gabriel Marani de 29 anos de idade. O mesmo doloroso fim e, na manhã do dia 1 de novembro, festa de todos os Santos, com idêntico rito fúnebre. O irmão Gabriel nascera em Milão a 13 de julho de 1853. Entrou para fazer parte dos missionários de Comboni em 1879; no mês de dezembro desse mesmo ano foi enviado para o Cairo para se aclimatar. Chegara a Cartum em setembro de 1880 e a Delen em maio de 1881.

Era um jovem hábil, prático, humilde e de grande generosidade, sempre o primeiro a perdoar e a estender a mão.

A morte da irmã Amália Andreis

– Agora é a minha vez – diz a irmã Amália à irmã Maria Caprini.
– Ficas sozinha, irmã Maria, e enquanto o Senhor o permitir, tu vais ser mãe e irmã destes pobrezinhos.

A minúscula irmã, que já nem lágrimas tem, inclina-se para beijar o crucifixo que a irmã Amália segura na mão. Passa-se uma

semana e a irmã Amália, atacada pelas febres e pela disenteria, morre dia 7 de Novembro de 1882.

Entretanto, o senhor Andréis vive com uma terrível angústia no coração, à espera de notícias.

A 4 de agosto de 1883, chegava a Santa Maria em Zévio (Verona), a notícia oficial de que sua filha morrera em El Obeid a 7 de novembro de 1882. Aquele pobre pai está inconsolável. A pequena esperança que acalentava apagou-se. Uma verdadeira tortura.

Encontra um pouco de conforto, lendo e relendo as cartas que Amália lhe enviara de África.

Vai à gaveta das cartas, tira uma ao caso e lê:

«Pai, parto contente e, se o Senhor me quiser levar rapidamente deste mundo, fico satisfeita. Só lhe peço uma coisa: que aceite o sacrifício da minha vida para Sua maior glória e para a salvação de África. É o meu único desejo...É verdade pai, que quando foste cumprimentar Daniel Comboni a Verona lhe dissestes que gostavas que a tua filha fosse morrer por Cristo? Pai, isso é de grande consolação para mim e agradeço-te de todo o coração...»

Uma paz imensa toma conta do seu coração de pai. Tem a nítida sensação de que a sua Amália se encontra na glória dos bem-aventurados. Para os leitores da revista *La Nigrícia*,²⁷ a morte das irmãs Eulália Pesavento, Amália Andréis e do irmão Gabriel foi anunciada, através da publicação da carta do pe. Luís Bonomi, do dia 25 de dezembro de 1882, da qual conseguimos ter a notícia do indispensável. Num dos pontos *censurados*, estava escrito: «E, diga-se ainda, que, o que se projetava sobre nós, causava grandes temores. Diziam que nos separariam, isolando-nos uns

²⁷ Nota 126 em AMN, n.º 4 outubro 2002 p. 122. Cfr. “*Corrispondenza di p. Luigi Bonomi*” prisioneiro do Madhi ao missionário Giovanni Dichtl em Cartum, onde chegava a 13 de abril e a Verona a 12 de maio de 1883 (Cfr. *La Nigrizia*, n.º 1, 1883, pp. 73-97).

dos outros, pondo-nos como escravos ao serviço de uma família e isto preocupava as irmãs, que sabiam muito bem onde iriam acabar».

Neste contexto, perante as ameaças de serem distribuídas pelos haréns dos Emires (chefes) muçulmanos, é mais que lógico que as três jovens missionárias desejassem a morte como única libertação. Até porque, para todos, se tornou claro, que ao Madhi não interessava que os presos morressem pela sua fé; se os quisesse mortos, tê-los-ia decapitado, logo depois do segundo interrogatório, durante o qual ficou claro que nenhum deles estava disposto a renegar a sua fé para se tornar muçulmano.²⁸

Entretando na Missão de El Obeid

«O Padre Giovanni Losi, superior da Missão de El Obeid, foi atacado pelo escorbuto.

As irmãs, com as últimas moedas que tinham, compraram uma galinha para darem os ovos cozidos ao doente. Mas, ele, com a ternura que lhe era natural, dizia-lhes:

– Comei-o vós que sois jovens, podeis curar-vos e continuar a trabalhar pela Missão. Quanto a mim, já nada me serve, pois sinto que a morte se aproxima...

Na manhã do dia 27 de dezembro, pede à irmã Teresa que lhe leia a encomendação da alma. Mentalmente, o missionário acompanha as invocações a São José, a Nossa Senhora das Dores, a Jesus Crucificado, e de vez em quando exclama:

– Oh, que grande caridade para comigo!

²⁸ Cfr. AMN, n.º 4 outubro, 2002, anexo 2, pp. 118-122. A versão dos factos do pe. Josef Ohrwalder, foi confirmada pelas demais testemunhas, entre as quais o pe. Luís Bonomi (Cfr. *La Nigrizia* n.º 1 1883, pp.73-97).

Acorre também ao pe. Paolo Rosignoli, também ele gravemente doente, que o conforta e lhe administra a Santa Unção. Pediu para ser paramentado.

À noitinha, desse mesmo dia, o padre Giovanni Losi, partiu deste mundo para o Céu.

Era o dia 27 de dezembro de 1882. Tinha 44 anos de idade.

«Enterrámo-lo a dois metros de distância da nossa porta, não tínhamos outro lugar...», lembra a irmã Teresa e acrescenta: «gravemente doentes, privadas da Eucaristia e da comunhão, no meio de um cheiro pestilento, incapazes de rezar pela fraqueza do corpo e da alma, sentíamos a cabeça confusa e já sem esperança de vermos o fim das nossas desventuras... ainda tínhamos um punhado de farinha, depois só nos restava aguardar a morte pela fome, juntamente com os jovens da Missão. Contudo, ainda mandámos, por Marietta, 200 *tólares* e quatro cobertores aos nossos missionários de Delen, presos no acampamento de Boga.»²⁹

Noticias dos missionários de Delen

«Um dia – conta a irmã Teresa – um rapaz que nos conhecia veio dizer-nos, em segredo, que os nossos companheiros de Delen estavam ali perto, exatamente no acampamento do Madhi, em Boga, e que passavam necessidades.

Todas as portas da fortaleza eram guardadas pelos soldados e por isso era impossível sair. Uma vez mais, a corajosa Marietta Combatti, que nos hospedava, veio ao nosso encontro, oferecendo-se para ir pessoalmente em busca de notícias e levar-lhes alguma ajuda...»

²⁹ Cfr. T. Grigolini, *Memórie della prigionia Madhista*, pp. 14-16 (Em AMN, n.º 2000, n.º 1 pp. 23-23).

Foi uma agradável surpresa para os prisioneiros de Boga, a visita de Marietta. Ficou com eles um dia inteiro, informou-se de tudo e na noite seguinte regressou à fortaleza, trazendo consigo as desejadas notícias.

Só então, a irmã Teresa Grigolini e os outros souberam da morte das irmãs, Eulália e Amália, e do irmão Gabriel». ³⁰

A queda de El Obeid

A cidade recebeu o seu ultimato no dia 16 de janeiro de 1883.

«Já em dezembro, os assediados estavam em condições duríssimas, notava o Major Gozzi e observava que o presídio estava muito “diminuído [...] com as mortes, deserções, ferimentos e com o escorbuto”; e, por isso, “na fortaleza havia um numero de habitantes muito reduzido”, entre os quais os negociantes gregos, sírios, os missionários católicos e as irmãs [...], alguns oficiais e umas centenas de soldados, esqueléticos pela fome, pela penúria e muito mais sofrimento.”

O Madhi, que conhecia a situação, propôs a rendição para o dia 16 de janeiro de 1883.

O governador estava mais disposto a fazer explodir toda a cidade, lançando fogo ao paiol, do que a render-se». ³¹

³⁰ Cfr. T. Grigolini, *Tutti sapevano che ero stata suora*, 104.

³¹ Cfr. R. Slatin, *Fire and sword in the Sudan*, 1896, p. 252. Slatin, Rudolf (1857-1932) austríaco ao serviço do Governo egípcio e sudanês. Em 1878 foi enviado por Charles Gordon, então governador geral do Sudão a colaborar com ele como inspetor das finanças. Em 1879, Rudolf foi nomeado governador de uma parte do Darfur, e dois anos mais tarde de toda a província. Em março de 1884 rendeu-se ao Madhi tornando-se muçulmano a viver em Ondurman. Conseguiu fugir em 1895, tornando-se diretor da Inteligência no exército egípcio ao comando de Kitchener. Inspetor geral do Sudão desde 1890 a 1914, demitiu-se a causa da 1.ª Guerra Mundial e voltou a visitar o Sudão em 1931. O missionário G. Ohrwalder manifestou-

Visto que os oficiais se recusavam a obedecer, porque tinham consigo as suas famílias, no dia 18 de janeiro, foi apresentado o ato de submissão ao Madhi. Tal vitória, vinha reforçar nele a convicção de ser invencível, induzindo-o a proceder com a conquista de Cartum, para depois poder realizar a sua ambição: a reforma do Islão e a submissão de todo o mundo aos muçulmanos.

Recorremos às *Memórias* da protagonista: «Entraram em nossa casa, escreve a irmã Grigolini: tive a impressão de que todos os demónios do inferno se tinham juntado em El Obeid. Atiraram-se a nós com as espadas desembainhadas. Eu estava doente, na cama. Rodearam-me como cães raivosos:

– Pronuncia imediatamente a fórmula para te tornares muçulmana ou matamos-te! – gritavam eles agitando as espadas diante dos olhos.

Com a pouca voz que me restava respondi:

– Sou cristã e cristã hei de morrer. Se quiserem, matem-me.

Entretanto, outros maltratavam as irmãs que, corajosamente, resistiam às ameaças. Arrancaram-lhes os crucifixos do pescoço e cortaram-os aos pedaços, à machadada. As irmãs mantiveram-se abraçadas umas às outras, fazendo-lhes maior resistência.

Os padres também foram brutalmente maltratados e feridos. Os rebeldes tentaram abusar das irmãs, mas um homem interveio, salvando-as das suas garras.

Lá fora o povo gritava:

– Infiéis, imundas, lenha para o inferno!

Entretanto os árabes, viraram-se contra nós para nos obrigarem a pronunciar a fórmula³². Pela graça de Deus não o consegui-

lhe sempre grande estima e amizade (Cfr. AMN, n.º 12 outubro 2006, p, 325)

³² “Testemunho que não existe outro Deus que Alá, testemunho que Muhammad é o enviado por Deus e que Madhi de Deus é o sucessor do seu enviado”.(Cfr.C. Ballin, *Il Cristo e il Mahdi*, pág. 490).

ram...]. Vendo-nos assim decididas, eles ficaram tão furiosos que pareciam feras; eram empurrões, açoites e bofetadas batiam-nos sem dó, mas quem levava mais era a irmã Teresa Grigolini, porque se ela, que era a superiora, se rendesse as outras fariam o mesmo. Acalmaram-se, finalmente, dizendo que voltariam e que se não nos tornássemos muçulmanas, nos assassinavam. Éramos cinco: Teresa Grigolini, Concetta Corsi, Catarina Chincarini, Fortunata Quascé e Elisabetta Venturini.”³³

Finalmente juntas

Após dois dias de jejum e de terror, passados entre ameaças e promessas para as convencerem a pronunciar a fórmula de adesão ao islamismo, decidiram levá-las para Boga à presença do Mahdi que, ao saber que elas não estavam em condições de aguentar a viagem a pé, lhes providenciou um meio de transporte, comprando um jumento para cada uma.

Era o dia 21 de janeiro de 1883. O Mahdi acolheu-as com bondade e fê-las sentarem-se aos seus pés. Convidou-as a tornarem-se muçulmanas para se poderem salvar e ficarem livres. Ao ver que as irmãs eram irremovíveis, exclamou:

– Alá vos perdoe e vos conduza à verdade. Por agora podem juntar-se aos vossos irmãos, vindos de Delen e depois se verá.

Com indizível alegria e intensa emoção encontrámo-nos com os padres Luís Bonomia, José Ohrwalder e o irmão Regnoto e lançámo-nos nos braços da irmã Maria Caprini...

Os sobreviventes de Delen eram quatro esqueletos vivos, na mais penosa miséria – escreve a irmã Teresa.

³³ Cfr. T. Grigolini, *Memórie della prigionia*, 24-28, em L. Gaiga., *Mulheres em Missão*, 152-154.

Depois de 20 dias no acampamento, um incêndio reduziu a cinzas as cabanas. Não tínhamos nada, mas a sombra da cabana dava-nos algum alívio. Agora de pobres tornámo-nos paupérrimos...

Uma vez mais, Jorge Stambulieh veio em auxílio dos missionários, ajudando-os a construírem duas cabanas rodeadas por uma sebe, que os resguardava dos olhares indiscretos e arranjando-lhes alguns pratos, camisas e livros de oração. «Rezávamos muito, sozinhos e em conjunto. Com os paramentos roubados da Igreja da Missão de El Obeid, fizeram gualdrapas para os cavalos; nos cálices e nas píxides bebiam o Mahdi e os seus califas», acrescenta com tristeza a irmã Teresa. «Os missionários viviam sob constante vigilância. Os padres faziam cestos e esteiras de palha e as irmãs confeccionavam casacos para os árabes».³⁴

³⁴ Cfr. T. Grigolini, *Memorie della prigionia*, 29 – 31.

CAPÍTULO 7

Mulheres
Não choreis nem griteis
Disse Deus.

Há caminhos
que só vós podeis percorrer,
e sementes que só vós podeis semear.
Há canções
Que só vós podeis cantar,
e palavras que só vós podeis dizer.
Há fomes que só vós podeis saciar
e sedes que só vós podeis mitigar.
Há alegrias que só vós podeis dar
e dores que só vós podeis suportar.
Há vidas que só vós podeis gerar
e mortos que só vós podeis ressuscitar.
Há segredos que só vós podeis guardar
e visões que só vós podeis contemplar.

Não choreis nem griteis, disse Deus
Mães e irmãs a cuidar da humanidade
E de mim também,
Disse Deus.

Capítulo 7

A esperança na “grande armada”



Rivolta e regno del Mahdi in Sudan

Pe. Josef Ohrwalder

Um mensageiro

«No dia 21 de junho de 1883 – recordava pe. Ohrwalder nas suas *Memórias* – veio um homem à nossa cabana e perguntou-nos, a tremer, se éramos os Missionários. Animado pela nossa resposta afirmativa, tirou um bilhete que tinha bem escondido nas calças, e entregou-o ao pe. Bonomi, que ansioso o abriu; leu

as poucas linhas, as quais nos deram muito ânimo. O bilhete continha as assinaturas de Marcopoli Bey, que por ordem do General Hicks, nos informava que, depois da época das chuvas, chegaria ao Cordofão uma grande armada para vencer o Mahdi. Beijámos aquele papel nojento e implorámos as bênçãos de Deus, que nos mandou tal consolação.³⁵

Assim, no mês de agosto seguinte, todas as forças do Governo se tinham concentrado em Cartum para a expedição ao Cordofan. Tinham como comandante de toda a operação militar o general William Hicks.³⁶

A partida de Cartum foi no dia 9 de setembro de 1883, tarde demais, para poder ter água suficiente, assegurada para os homens e animais. O pe. Hanriot³⁷ informava o pe. Sembianti, no dia 11 de Setembro de 1883, acerca da expedição das tropas que marchavam «anteontem» de Ondurman em direção ao Cordofão.

³⁵ Cfr. G.Ohrwalder, *I miei dieci anni di prigionia, Rivolta e regno del Mahdi in Sudan*, 108

³⁶ Hicks, William (1830-1883), militar britânico, iniciou a sua carreira na Índia em 1849. Em 1867 deslocou-se à África, onde participou na guerra anglo-abissínia. Em 1883 dirigiu a expedição, que deveria travar o avanço dos Madhistas, depois de estes já serem senhores de El Obeid. No mês de setembro tal expedição saiu de Cartum, mas nunca conseguiu chegar à capital do Cordofão, porque tanto o general Hicks quanto os seus 12.000 homens foram derrotados no bosque de Kazgil (cf. AMN, n.º 18 abril 2011, p. 175).

³⁷ Hanriot, pe. Leone (1847-1894). Originário de Namur, entrou no Instituto de Verona em 1878 e foi em seguida destinado às missões do Cordofão. Superior em Cartum, depois da morte de Daniel Comboni, retirou-se com todo o pessoal da Missão a 11 de dezembro de 1883. De dezembro de 1885 a outubro de 1887 esteve em Suakin, Assuan e Wadi Halfa, para favorecer a fuga dos prisioneiros. Superior a Gesira desde finais de 1889 a 1894, foi depois enviado para Massawa onde morreria alguns meses depois (Cfr. AMN, n.º 18 abril 2011, p. 174).

Os prisioneiros, por sua vez, acompanhavam com grande ansiedade, a deslocação da armada e, embora compreendessem a situação, parecia-lhes que se moviam com enorme lentidão:

Entretanto, ouvia-se falar da grande expedição – confirma Teresa nas suas *Memórias* – que o governo egípcio e o inglês haviam enviado para a libertação do Sudão. Mas tudo lhes parecia tão lento, a ponto de perderem a paciência e a esperança.

[...], mas aqueles que o guiavam eram dois Kabir (guias) muçulmanos.³⁸

Diríamos que a expedição era poderosa: cavalos; camelos: gente; soldados; bagagens e sobretudo água, porque durante toda aquela travessia não havia água. Podemos imaginar as necessidades para manter aquilo tudo um mês e meio. E pensar que, logo que entraram no deserto 15.000 árabes, chefiados por um filho de Elias Paxá, o mais rico do Sudão, tinham cortado o caminho e também os fios do telégrafo [...] de maneira que jamais conseguiriam sair de lá.

O Mahdi mantinha-se bem informado sobre a expedição e a sua lentidão. Tudo isto lhe dava tempo para decidir o seu próprio deslocamento, graças sobretudo, àqueles desertores fingidos que, ele mesmo, tinha incitado a oferecerem-se como “guias” nas passagens mais difíceis,³⁹ de maneira que tudo levou à batalha decisiva, num bosque perto de Kazgil. Por estranho que pareça, a verdade é que tudo resultou como o Madhi e os seus conselheiros tinham previsto. A batalha começou no dia 3 de novembro

³⁸ Cf. T. Grigolini, *Memorie della prigionia Madhista*, 33-35 (em AMN, 2000 n.º 1, p. 31).

³⁹ “Depois das primeiras marchas, – informa o Major Gozzi, – um grupo de baggara, bem organizados, apresentou-se a Hicks, fingindo serem desertores do Madhi e pediam para combater contra os egípcios. O general aceitou a proposta e empurrado pela necessidade, cometeu a imprudência de utilizar o conhecimento deles sobre os locais, pondo-os como guias. Alguns dias antes da catástrofe, aqueles baggara tinham desaparecido” (pág. 243).

e durou três dias, durante os quais, as tropas do general inglês Hicks não puderam receber nem água nem alimentos.

Como se não bastasse houve “o entropço das árvores, o tombar dos camelos, a irrupção do inimigo, a fraqueza extrema, a mistura dos corpos e a falta de diretivas e ordens claras, levaram aquela “grande armada” a desorientar-se num triste labirinto que desmembrou o exército, o qual já não combatia para vencer; os poucos que ainda se mantinham em pé procuravam salvar, se ainda fosse possível, suas próprias vidas”...

No dia 5 de novembro, de todo este exército, não restavam mais que 50 ou 60 indivíduos, e entre os mortos estava o próprio general Hicks. Foi uma derrota definitiva, pelo menos por agora e isto convenceu o próprio Slatin, a abraçar o islamismo.⁴⁰

Os dias da grande dor!

Após estes acontecimentos, a maior preocupação da irmã Teresa Grigolini, era avisar as irmãs da comunidade de Cartum, a fim de que se pusessem a salvo, antes que fosse tarde de mais.

Marietta Maragasse Combatti, que se encontrava no campo e que era, certamente, a mais livre de se movimentar, ofereceu-se para ser a mensageira, tentando chegar a Cartum. Assim, ela deixava El-Obeid o dia 6 de dezembro de 1883, chegando à capital do Sudão no dia 28 ou 29 do mesmo mês. Entre as várias mensagens que levava, três delas, eram da irmã Teresa e todas dirigidas à irmã Vittória Paganini, então superiora da comunidade feminina de Cartum. Na primeira carta, escrita em tecido, em nome de todas as outras irmãs, Teresa escrevia:

⁴⁰ Cfr. AMN, N.º 18 abril 2011, pp. 58- 61.

«Querida Vittória,

Até ao dia 2 de novembro tinha alguma esperança de nos encontrarmos, mas, desde aquele dia, essa esperança desvaneceu, [...]. Em Cartum, não têm ideia das nossas desgraças [...].

Aquilo que mais me preocupa é dizer-lhes que, também Cartum pode ser considerado perdido; faizei de tudo para fugir, pois não posso pensar que vocês poderiam chegar a viver numa situação semelhante à nossa! Aquilo que sofremos até agora e aquilo que ainda nos espera, só Deus o sabe. Neste momento, temos o suficiente para vivermos discretamente, o mesmo se diga acerca da roupa para nos vestirmos, mas passámos vários meses em que não tínhamos nada para nos mudarmos, cheias de pio-lhos, na mais profunda miséria [...]. Marietta vos contará a nossa história»...⁴¹.

Tarde demais

Infelizmente, quando Marietta Maragasse chegava a Cartum, já todo o pessoal da Missão se tinha retirado, por ordem do bispo Sogaro, permanecendo somente o irmão Domenico Polinari, que no dia 29 de dezembro escrevia ao pe. Sembianti:

«...ontem, chegou uma negra cristã, enviada pelo pe. Bonomi. Quando aqui chegou prenderam-na para que não espalhasse boatos sobre as tragédias do Cordofão [...]. Então, eu avisei o Cônsul e ele apresentou-se imediatamente ao governador, exigindo que lhe entregassem a jovem cristã, que tinham metido na prisão [...]. Ela disse-nos que todos os presos estavam vivos, mas que se encontravam em extrema miséria. O cônsul telegrafou ao bispo para

⁴¹ T. Grigolini, *Scritti, 1877-1931* a Vittória Paganini (em *AMN*, n.º 12, 2006 pp. 149-150).

lhes enviar socorro, e anda à procura de uma guia para acompanhar esta negra [...]. Ela trazia várias cartas dos missionários, escritas em papel e em tecido, costuradas numa esteira [...]. A irmã Teresa escreveu às irmãs, aconselhando-as a abandonarem imediatamente Cartum, antes que o Madhi destruía a cidade [...]. Também dizia que os árabes do Cordofão se tinham apoderado dos paramentos da Igreja fazendo com eles gualdrapas para os cavalos; os cálices são usados em suas orgias, etc.»⁴²

Felizmente, mons. Sogaro, primeiro sucessor de Daniel Comboni, desde 22 de setembro de 1882, ordenou aos missionários de Cartum que fugissem para o Cairo com os cristãos. O êxodo iniciou a 11 de dezembro de 1883. Para acolher toda aquela gente, o novo vigário apostólico, comprou alguns anos mais tarde, a ilha de Gesira, nos arredores do Cairo, e aí fundou uma colónia antiescravagista à qual deu o nome de Leão XIII.

Em Cartum, ficou apenas o irmão Doménico Polinari a guardar os edifícios, embora mons. Sogaro tivesse preferido que ele partisse com todos os outros. Mas o bom e generoso Domenico pretendia ser de ajuda aos missionários do Cordofão, logo que eles fossem libertados. E, ainda bem que ele estava lá para apoiar a mensageira Marietta.

Tentativas de resgate

No dia 25 de janeiro de 1884, o pe. Bortolo Rolleri, do Cairo enviava a Verona uma cópia de todas estas cartas trazidas por Marietta Maragassi. «Os originais – afirmava – mandei-os ao nosso bispo Sogaro [...], saiba também, que sobre tudo isto, eu

⁴² *La Nigrizia*, n.º 1 (1884 – 8) pp. 29-30.

escrevi ao cardeal Simeoni e mandei-lhe uma cópia de todas estas coisas.»...⁴³

No ultimo correio recebido, havia uma carta do irmão Doménico Polinari – datada de 29 de janeiro – onde respondia ao pe. Sembianti e escrevia que em Cartum não havia qualquer perigo, e que, Marietta partira de regresso ao Cordofão, no dia 25 de janeiro, com quatro camelos, levando consigo dinheiro, roupa, arroz, açúcar, medicamentos, etc., e uma carta do Cônsul Hansal⁴⁴ para o Mahdi”...⁴⁵

A Intervenção do General Gordon Paxá⁴⁶

«Depois da grave derrota sofrida pelo general Hicks, o Governo britânico tinha decidido enviar, mais uma vez, para o Sudão, o general Charles Gordon. Ele já havia exercido esse mesmo cargo (1874-1879). Mas desta vez não lhe era claro o empenho que iria desenvolver: tratava-se de uma investigação simples, elaborando um relatório, ou, pacificar o Sudão, limpando o país de toda a guarnição egípcia, para depois o reconstruir, devolvendo aos chefes locais “o poder por eles recebido dos seus antepassados”.⁴⁷

⁴³ Rolleri a Sembianti. Cairo, 25 de janeiro de 1884 (ACR, A/32/5/11; Em AMN, n.º 18 abril 2011, p. 65

⁴⁴ Hansal, Martin Ludwig (1823-1885) nasce em Morávia e se transferiu para o Sudão nos fins de 1862, seguindo mons. Knoblecher de quem foi secretário. Em 1862, foi nomeado cônsul austro-ungárico, encarregado de cuidar da Missão, sob a proteção do governo austríaco. Na sua relação histórica, 15 de fevereiro de 1870, Comboni defini-o “excelente laico de Viena [...] mestre e musico”. Cf. *Escritos*, 2077; 3201. Morreu em Cartum no mês de janeiro de 1885 massacrado pelos Madhistas (Em AMN, n.º 12 outubro 2006, p. 320).

⁴⁵ Sembianti a Rolleri, 26 de fevereiro de 1884. (ACR, A/28/27/37).

⁴⁶ Em AMN, n.º 18 abril 2011, pp. 65ss.

⁴⁷ D. Gozzi, p. 23. Apenas Gordon chegou ao Cairo, foram-lhe entregues dois escritos: assinados pelo Quediva: o primeiro, nomeava-o governador geral

Embora tivesse alguma dúvida sobre os assuntos a desenvolver, “Gordon – lemos na *La Nigrazia*, de março de 1884, p. 41 – preparou-se para a difícil Missão, e na noite de 26 para 27 de janeiro ele partia do Cairo em direção a Cartum. E, tendo de viajar através do Nilo e de passar nas proximidades de Scellal, foi visitar o vigário apostólico, no dia 31 de janeiro.

Mons. Sogaro, através dos embaixadores europeus em Cartum, enviava mensagens ao Madhi, solicitando-lhe a libertação dos prisioneiros em troca de dinheiro, mas sem o conseguir.

Perante as súplicas de Francesco Sogaro, Gordon, prometeu-lhe que a libertação dos prisioneiros seria uma das suas primeiras preocupações, até porque, já tinha escrito ao Madhi, declarando-se garante da soma exigida para o resgate.

Em meados de fevereiro de 1884 – recordava nas suas *Memórias*, Josef Ohrwalder: – de facto chegou “uma carta de Gordon para o Mahdi [...] na qual lhe oferecia todo o Sudão ocidental, com o título de Sultão; prometia a liberdade do comércio a escravos, livre passagem dos peregrinos para a Meca e acabava com o pedido de libertação de todos os prisioneiros”...⁴⁸

«No dia 22 de março, [1884] o palácio do governador de Cartum foi palco de um estranho teatro. O governador-geral, no seu brilhante uniforme vermelho, bordado a dourado [...], entrou como de costume, em passo acelerado, na grande sala [...]. A banda tocou o hino quédiva.⁴⁹ Então, Gordon tomou lugar sobre o trono [...] e, ao seu sinal, fizeram entrar três soberbos árabes, armados

“para estabelecer a ordem e a paz”; segundo, já anunciava a evacuação e a entrada em vigor “medidas necessárias para restabelecer um governo regular” Como veremos, “entre as medidas necessárias”, Gordon, deve ter considerado também, a suspensão, pelo menos por algum tempo, a proibição do comércio de escravos.

⁴⁸ Cfr. G. Ohrwalder, *I miei dieci anni di prigionia*, 132-133.

⁴⁹ Hino do Quedivato do Egipto. Quediva: título usado pelos soberanos do Egipto entre 1867 e 1914, deriva da palavra turca, khidiv.

de lanças, trazendo uma carta e um pacote. Eram os mensageiros do Madhi que traziam a resposta [...].

O “Servo de Deus” respondia à sua carta e propostas [...]. E acrescentava: “Tu dizes que desejas abrir uma estrada que permita aos muçulmanos visitar a tumba do Profeta [...]. Exprimes também o desejo de fazer reinar a amizade entre nós e pedes para dar a liberdade aos cristãos e aos muçulmanos, prometendo declarar-me Sultão do Cordofão... Como é possível, um homem que não é fiel do Profeta de Deus, poder desejar abrir uma estrada aos peregrinos, que conduz ao seu túmulo? O profeta não tem nenhum desejo de ser visitado pelos cães...; Escuta [...] eu sou o *Madhi* anunciado, sou o sucessor do Profeta, não preciso de ser sultão do rei do Cordofão... Sou um servo e o meu dever é mostrar a estrada de Deus e do seu reino...)]. Está, portanto, vigilante e rende-te a nós, para te salvares”...

“E em presença da assembleia – continua a descrição – Gordon leu a voz alta a carta. Depois, levantou-se [...], incumbiu os mensageiros de dizerem ao seu senhor que ele “não podia ter mais comunicação com ele” e mandou-os de volta”.

A ambição do “profeta”, tinha enfraquecido um pouco com o regresso de Gordon Paxá, como governador do Sudão. Mas bem depressa retomou vigor, ao ver que, ao menos por agora, o governador não dispunha de um exército próprio, nem sequer para a defesa da capital, em caso de perigo».

Rahad: “Jornada” infeliz

O pe. Bonomi, ao ver que a situação piorava, escreve ao Madhi, pedindo-lhe para ser libertado com todos os outros padres e irmãs. Como resposta ele mandou-lhe 60 «toleres» a dividir entre os

prisioneiros para que comprassem alguma coisa que lhes aliviasse a sorte. E desabafou com os companheiros:

Mas até quando vamos ficar aqui, neste acampamento?!

O Mahdi mandou publicar um longo manifesto, no qual convidava todos os homens a segui-lo até Cartum, notificando também que o único caminho a seguir era aquele de Rahad. Também ordenou aos árabes que habitavam o norte e o leste de El Obeid de despojar e prender todos os que se encontrassem naquelas paragens...

Nós, tentámos a fuga já que o nosso último tentativa de libertação tinha falhado. E, tudo se tornou cada vez mais difícil, porque todos nos evitavam e temiam falar connosco. Apesar disso, uma pessoa de confiança tinha os camelos prontos e as guias para nós. Esperávamos, de um momento ao outro poder fugir.

E, o sonho da fuga regressou em toda a sua força, em março de 1884.⁵⁰

Os missionários ficaram de tal maneira animados que, desde logo, aceitaram a proposta. Mas tinham também receio de não conseguirem sair dali. Rezam e depois preparam a comida para a viagem.

“Desde esse dia, eu nunca mais consegui dormir, – escreve Teresa Grigolini –. Comprámos trigo e moemo-lo à moda dos árabes, entre duas pedras, e fizemos alguns pães; arranámos tâmaras, tirámos-lhe o caroço e pusemos tudo em sacos que dividimos entre nós. Esperávamos impacientes o cair da noite, e preenchemos o tempo a rezar.

⁵⁰ Cfr. G. Ohrwalder, *I miei dieci anni di prigionia*, 132-135.

Nova desilusão

«Era o dia 28 de março de 1884, ao entardecer. O som prolongado do corno, seguido pelo rufar dos tambores, fez sobressaltar os missionários. Esse era o sinal que anunciava o passeio do califa Abdullahi.

“*Deus* queira que seja a última vez que escutamos este barulho!” – exclama a irmã Teresa ajoelhando-se.

Normalmente, o califa, com o seu séquito de soldados, passava distante das suas cabanas. Mas, naquela tarde, com grande temor, as irmãs vêem que ele se dirige exatamente para onde elas moravam, passando ao lado da sebe que rodeava a cabana. Pára mesmo em frente, manda estender no solo a pele de cabra, senta-se nela e manda vir os missionários à sua presença: são os padres Bonomi, Ohrwalder e o irmão Regnato. Depois ordena-lhes, em tom solene, que se façam muçulmanos. Diante da recusa, dissimula a sua desilusão, e dirige-se ao pe. Bonomi:

– Vai lá dentro e traz-me as irmãs.

– Não! Não as trago para aqui, à frente desta gente toda – responde o missionário, indicando os soldados.

– Podem ir-se embora, ver-nos-emos amanhã de manhã – informa o califa, levantando-se.

O pe. Bonomi estava a contar o sucedido às irmãs, quando de repente a porta se abre: um homem entra e, sem meios termos, diz que tem ordens do califa para levar as irmãs. Lá fora, 30 homens armados rodeiam a cabana. É um momento dilacerante. As irmãs ajoelham-se e pedem ao pe. Bonomi que lhes dê a absolvição. Os dois sacerdotes traçam sobre elas o sinal da cruz e elas vão-se embora a chorar...»

Separadas dos missionários

Escoltadas pelos militares, as irmãs dirigem-se a casa do califa Abdullahi. Depois de as terem feito caminhar por mais de meia hora, as irmãs, cansadas e apavoradas, chegam a casa do califa Abdullahi. Era já noite. Um escravo e um dos filhos de Abdullahi revistam-nas dos pés à cabeça. Entretanto chega o califa:

– A paz esteja convosco! Como estão? – interroga com um sorriso maligno.

– Bem – respondem as irmãs.

E o califa:

– Eu vejo-vos muito abatidas, em baixo. Digam-me: o que é que vos aflige? – e lança um olhar cúmplice à sua volta – Que fizestes vós a estas senhoras? – insiste.

Diante de tamanha hipocrisia, a irmã Teresa não se contém:

– Porque mandaste um rapaz e um escravo para nos revis-tarem? A tua lei permite fazer-nos um insulto destes? A nossa religião proíbe-o severamente... mostrais exatamente aquilo que sois.

– Eu não sabia disto. Vou mandar açoitar quem vos fez tal coisa sem meu consentimento – rebateu o califa.

– Deixe, deixe lá. A vingança dos cristãos é o perdão, afirma a irmã Teresa.

– Eu falo para vosso bem – retorquiu o califa – se não vos fazeis muçulmanas, perder-vos-eis... rendei-vos e tornar-vos-eis esposas dos califas.

– Preferimos morrer mil vezes, que ser infiéis ao nosso Deus – respondem unânimes as irmãs.

O califa fica enraivecido. Chama um escravo e com ar carrancudo ordena-lhe:

– Prepara um bom jantar e uma boa cama para estas senhoras!

O escravo compreende imediatamente as intenções do patrão e leva as irmãs para uma cabana infestada de ratos e insetos. Estavam ali naquela extrema miséria, quando a porta se abre e um grupo de mulheres entra vociferando. Durante toda a noite, foram atormentadas por aquelas mulheres que as incitavam a recitar a fórmula de adesão ao Islão.⁵¹

A 30 de março, regressa o califa e, mandando-as sair, diz primeiro a todas e depois a cada uma:

– Males terríveis vos esperam se insistirem na vossa recusa.

Se pronunciarem a fórmula, as vossas penas terminarão e sereis felizes.

As irmãs, como sempre informaram: – califa, poupe os seus esforços, porque nós nunca nos tornaremos muçulmanas.

– Não esperem que vos mate; a morte seria um alívio muito doce. Se quisesse matar-vos, tê-lo-ia feito logo ao início – e, vai-se embora.

Durante aquele dia, não cessaram as andanças nas cabanas, das mulheres e dos escravos que, continuamente, insultavam as irmãs.

Sentindo-se desmaiar pela fraqueza, pois havia dois dias que não comiam, foi-lhes servido um pedaço de pão duro e azedo que não conseguiram tragar.

À meia noite, vencidas pela fome e pelo cansaço estenderam-se na terra nua, procurando descansar, mas em vão. Naquele preciso instante, o califa está de volta e recomeça o interrogatório: – Deixai-nos em paz! Não espereis que nos façamos muçulmanas – informaram as irmãs.

Enfurecido, Abdullahi, cedeu o lugar às mulheres, que não concederam às irmãs um momento de trégua.

⁵¹ T. Grigolini, *Memorie della prigionia*, 56 e 57.

A 31 de março, volta o califa que, perante tamanha resistência, ordena às irmãs, Teresa, Concetta e Maria para segui-lo. Aguarda-as um numeroso grupo de homens armados...

Com a cunhada do Mahdi

«O califa leva as missionárias à tenda da cunhada do Madhi. Apenas o califa saiu, a velha começou a ameaçá-las. E, dirigindo-se à irmã Concetta Corsi, diz:

– Aquela – disse, indicando a irmã Concetta – o califa quere-a para ele.

Em seguida, leva-as ao pátio de outro califa, chamado Aalikarar, um jovem de 16 anos, sentado num cadeirão, rodeado por numerosas mulheres que o cortejam. A irmã dirige-lhe a palavra:

– Ouvi dizer que és um homem generoso, pai dos pobres e dispensador de graças. Se assim é, peço-te que faças justiça também a nosso respeito.

– Jamais poderei ser pai de infiéis... vinde aqui, vinde cá, que vos corto a cabeça, quero cortar-vos a cabeça. – E agita a espada no ar.

A irmã Teresa olha para as irmãs, encoraja-as ao martírio, avançando ela em direção ao homem que mantém a espada no ar, dobra o pescoço e espera o golpe de misericórdia. Aalikarar, que decidira tomar para si a irmã Teresa, perde as ilusões e, furioso, começa a bater-lhe na cabeça, até ela cair desorientada. A irmã Concetta que acorreu para a socorrer recebe o mesmo tratamento»⁵².

⁵² T. Grigolini, *Memorie della Prigionia*, 18.

– Há dias – insinua uma mulher – foi-lhe encontrada na algibeira – e aponta com o pé para a irmã Teresa – uma navalha. Acho que é melhor revistá-la outra vez.

Imediatamente, quatro daquelas mulheres, atiram-se ferozmente às irmãs. Na algibeira da irmã Teresa encontram umas tesouras e, com ar de vitória, entregam o objeto ao jovem califa, que se diverte a cortar o lábio superior e as narinas da irmã. Depois, desembainha a espada, mais uma vez, e golpeia duramente as três irmãs com o dorso da lâmina. Também as mulheres entram naquela ferócia, golpeando-as no peito, dizendo que estavam a amolecer aqueles corações endurecidos. Depois, arrastam-nas para fora, onde são esperadas por alguns jovens armados, com pedaços de tijolos nas mãos.

– Aqui estão as infieis, lenha para queimar no inferno, as imundas...

Os guardas, receando que as matem, gritam:

– Deixem-nas, em nome do Madhi e de Maomé!

Ao ouvir aqueles nomes, a multidão acalma-se e as irmãs podem ir para a casa da cunhada do Madhi, que comenta:

– Já vos tinha avisado e repito: tereis sofrimentos, mas não a morte...

Mais mortas que vivas, as irmãs estendem-se no chão e pedem uma gota de água, que lhes é negada. Choram inconsoláveis. E, ainda não sabiam que aquela seria a última noite que passariam juntas».⁵³

⁵³ «De um documento inédito...», cit. In: Pezzi, E., *l'Istituto Pie Madri della Nigrizia*,.138– 142.

Separadas umas das outras

No dia seguinte, 1 de abril de 1884, um servo do califa Abdullahi chegou a casa da cunhada do Madhi.

– O meu patrão quer falar contigo – disse à dona da casa.

Ela seguiu-o e, ao voltar, acenou às irmãs Teresa e Maria Caprini para a seguirem. Parou diante de um miserável casebre e disse à irmã Maria:

Entra para aqui – esta será a tua morada! – A irmã Teresa protestou, mas nada conseguiu. Ela foi conduzida a casa de Mohammed Scherif e entregue a algumas das mulheres mais fanáticas do Madhi e submetida a um duro e ininterrupto trabalho, obrigando-a, para a humilhar, a lavar os trapos dos outros escravos.

– Porque não nos matam? – interrogam-se as irmãs, cansadas de tão longo calvário.

Certa noite o filho de outro califa do Madhi, junta à sua volta uma multidão e exclama:

– Tenho uma escrava infiel! – indicando a irmã Teresa, que não quer ver a luz, recusando-se tornar-se muçulmana. É tenaz soberba, mas eu vou conseguir fazê-la cair.

– Nada que o Senhor não queira acontecerá, pois ele não permitirá que eu seja tentada acima das minhas forças – responde a irmã Teresa, que reza ardentemente, pedindo a morte.

– Rende-te ou vais ter um fim muito triste – sentencia o jovem.

– Estou nas mãos de Deus: prefiro morrer mil vezes que ofendê-lo.

– Estou cansado! – grita o homem – dispam-na, que a quero para mim.

Atiraram-se à irmã como feras, mas ela era sustentada certamente por uma força invisível; a irmã Teresa reage:

– Não conseguirão despir-me!

Fora de si pela raiva, o jovem califa ameaça:

– Então mato-te! – E levanta a espada.

A irmã ajoelha-se, dobra o pescoço e aguarda. À sua volta fez-se grande silêncio. A hora tão ansiada parece ter chegado. Mas o homem embainha a espada e vai-se embora.

No dia seguinte, chega a ordem do Madhi para se porem a caminho de Rahad, ou seja, aproximando-se de Cartum com todo o seu séquito.

Nos últimos dias, a irmã Teresa, estivera muito ocupada a ajudar a sua patroa nos preparativos para a viagem. Também teve de fazer um vestido para uma amiga rica da sua patroa, a qual, como recompensa deu-lhe um pedacinho de pão molhado em água.

Partida para o acampamento de Rahad

O dia 5 de abril de 1884 foi a data marcada para a partida do Madhi de Boga, em direção a Rahad, um novo acampamento-prisão no deserto. Tudo está pronto. No imenso acampamento estão irrequietos os camelos, asnos e mulas. Mugem os bois, balem as ovelhas e as cabras e agitam-se os árabes armados, que aceleram a partida. E, ávidos de novas conquistas, suspiram pelo momento de poder finalmente conquistar Cartum, a cidade capital do Sudão.

A irmã Teresa olha à sua volta na secreta esperança de descobrir, pelo menos, uma das suas irmãs, mas inutilmente. Se ousa fazer perguntas, como resposta recebe insultos.

A caravana move-se lentamente, a patroa de irmã Teresa vai montada num burro e a escrava vai a pé, entre os insultos da patroa, que não cessa de a querer converter ao islamismo, custe o que custar. Com a garganta seca e queimada pelo sol, a irmã avança em silêncio.

Na noite do segundo dia de viagem, ela sente-se desfalecer. Tem os pés a arder pela areia ardente do deserto, tão inchados que não consegue manter-se em pé. Suplica à patroa que a deixe morrer ali mesmo. A mulher, para não atrair as iras do Madhi e do califa Abdullahi, viu-se obrigada a ceder-lhe a sua cavalgadura. Mas arranjou maneira de se vingar, enchendo-a de insultos ao longo do trajeto.

A misteriosa senhora no acampamento de Rahad

Três dias de viagem no deserto, sem tocar numa gota de água! Quando chega a Rahad, a 08 de abril, a irmã Teresa não consegue estar em pé. Senta-se no chão, à sombra de um Baobá e pede água a uma escrava que levava uma cabaça cheia. A jovem baixa-se e encosta-lhe a cabaça aos lábios. Depois de uns goles, a irmã desmaia... quando recobra os sentidos, depara-se com a escrava negra, junto de si, que a olha com compaixão e lhe oferece mais água e um pouco de pão:

– Toma pobrezinha, molha a garganta e come.

Diante de tamanho gesto de bondade, a irmã Teresa desata a chorar e depois, auxiliada por aquela escrava que lhe parece um anjo vindo do Céu, bebe e come um pouco de pão amolecido na água. Mal tem tempo de lhe agradecer, pois ela desaparece da sua vista. Não voltará a encontrá-la e perguntar-se-á muita vezes quem seria aquela doce criatura que teve compaixão dela.⁵⁴

⁵⁴ Cfr. T. Grigolini, *Memorie della Prigionia*, pp 22-24.

A viagem da irmã Concetta Corsi

A irmã Concetta, que ficara, sob a vigilância de cunhada do Madhi, passa oito dias e oito noites num autêntico martírio. Antes de partir, pediu à patroa que lhe devolvesse a túnica que lhe haviam tirado. Para ela, a viagem para Rahad começa a 7 de abril de 1884. Vai a pé, acompanhando a patroa, montada numa mula.

Enfraquecida, cheia de sede, atormentada pelas feridas nos pés, consumida pela tristeza, ao lembrar-se das outras irmãs, não pode conter as lágrimas; está tão deprimida, como se estivesse para enlouquecer. Não podendo aguentar mais aquele suplício, pede à patroa que a deixe morrer no deserto.

– Não pode ser! Tens de me acompanhar, custe o que custar! – e, ata-a com uma corda à sua cavalgadura. A irmã deixa-se arrastar, enquanto pode e, depois, renova o pedido para a deixarem morrer em paz e que a desatem daquele tormento, assegurando-lhe que, depois de uns momentos de descanso, poderá, de novo, acompanhá-la. A patroa desata-a e abandona-a nesse mesmo lugar.

Cai a noite, a irmã Concetta sente arrepios de medo e de dor. Reza e chora, invocando a morte, mas o seu tormento está apenas a iniciar. Passam-se algumas horas. Recobrando algumas forças, levanta-se para retomar a viagem, mas nisto, sente que alguém se aproxima. Ela a tremer como varas verdes e sem tempo para perguntar “quem está lá”, vê um homem ao seu lado.

– Quem é? – perguntam outros homens que passam por perto.

– Este homem pretende violar-me. Salvem-me, por piedade!

Sem qualquer compaixão, um deles responde:

– És uma infiel e nós podemos ultrajar-te, se quisermos!

A infeliz, entre dois fogos, procura uma saída.

– Deixem-me! – grita – que eu pronuncio a fórmula que me consente o acesso ao Madhi e conto-lhe tudo.

Ao ouvirem aquelas palavras, os homens afastaram-se em silêncio. Ficou de novo sozinha, na escuridão da noite, a tremer de frio e de medo, admirada com o que acabara de dizer. Receia pôr-se a caminho, mas tem ainda mais medo de ficar ali sozinha.

A sua patroa, vendo que ela não chegava ao acampamento volta para trás e, vendo-a mais morta que viva, oferece-lhe a sua cavalgadura, receando os impropérios do Madhi e do califa Abdullahi. Chega de manhã ao acampamento, aflita e assustada. «Se não pronuncio a fórmula, não tenho acesso à presença do Mahdi e vou acabar nas mãos do califa, que acabará com a minha honestidade... Jesus, Maria, tenham dó de mim, socorram-me!» Corre à tenda do chefe e pronuncia a fórmula, obtendo assim autorização para ir à sua presença. Encontra-se quase nua e em tremendo choque:

– Saiba que pronunciei a fórmula só para lhe poder falar, não porque acredite nisso– e fala-lhe dos maus tratos que as irmãs têm suportado, só por quererem permanecer fiéis ao seu Deus.

O Madhi, talvez tomado de compaixão por aquela mulher desfigurada e mais provavelmente pelo respeito que o Corão impõe, em relação às pessoas consagradas, levanta-se, tira o seu manto e cobre-a.

– Não interessa a maneira como pronunciaste a fórmula; pouco a pouca ela vai-te entrar no coração.

A irmã Concetta aproveita para lhe contar tudo o que lhe aconteceu, os maus tratos sofridos e pede para ir junto das outras irmãs e dos padres.

– Peço-te, ainda, que *ajudes todos os que pertencem à Igreja a voltarem aos seus países*.

O Mahdi promete-lhe que o fará.

– Peço-te que nos ajudes a regressar aos nossos países.

– Eu mesmo vos levarei e vos entregarei nos braços das vossas mães.

Dito isto, indica-lhe um quarto separado, mandando dar-lhe comida e roupa. Mais tarde, manda-lhe duas raparigas da Missão, que se encontravam entre as escravas, para que lhe fizessem companhia.

A história das outras três irmãs

As irmãs Catarina Chincarini, Elisabetta Venturini e Fortunata Quascé estavam na casa do califa Abdullahi, entregues a uma mulher cruel, que encontrava sempre novas formas e motivos para as aterrorizar. Contavam-lhe coisas horríveis em relação às outras irmãs.

O califa não cessava de as convidar a renegar a sua fé cristã. Como elas se negavam, ordenou que separassem as irmãs Catarina e Elisabetta, ficando a negra, Fortunata Quascé, junto de si. Depois, ordenou que viessem ali todas as suas escravas e disse-lhes:

– Vês estas tuas conterrâneas? Antes eram ignorantes como tu e não conheciam a verdade, mas agora foram iluminadas. Vai e faz o mesmo e ficarás comigo, feliz e contente.

– Não! E não! – responde com firmeza a irmã Fortunata – quero ser fiel à religião cristã!

Então, Abdullahi, irado, ordenou que a amarrassem e açoitassem, enquanto as presentes iam repetindo a fórmula muçulmana. Aplicam-lhe 70 açoites, deixando-lhe as costas numa chaga viva. Depois soltam-na e ela cai no chão banhada em sangue. Não tardou a chegar um homem com ordens para a levar à presença do califa Uadmaddari. Alguns homens levaram-na à sua frente, empurrando-a com as espadas desembainhadas.

– Se não pronunciares a fórmula, matamos-te! – E vão-na empurrando de uns para os outros.

– Morrer pelo meu Deus é a coisa mais bela que me poderia acontecer.

Um velho intervém e, agarrando-a pela mão, afasta-se um pouco:

– Minha filha, – disse-lhe gentilmente – tu conheces Deus?

– Conheço – responde a irmã Fortunata.

– Sabes onde ele se encontra?

– Em toda a parte.

– Conheces o nosso profeta Maomé?

– Conheço-o, mas não acredito nele.

Uma forte bofetada atirou-a ao chão. Enquanto tentava levantar-se, chegou o califa Uadmaddari a cavalo, que lhe diz:

– Vais ficar comigo e ninguém te incomodará.

O Calvário da irmã Fortunata

O califa, tendo entregue a irmã Fortunata a uma das suas mulheres, com a recomendação de lhe dar de comer à noite, tenta que ela pronuncie a fórmula muçulmana:

– Tu nasceste na nossa terra, porque professas outra religião?

– É verdade que sou sudanesa – responde a irmã – mas a religião verdadeira aprendi-a na Europa, para onde fui levada com mais 15 companheiras. Fui educada por boas mestras. Agora, bendigo a Deus e desejo viver e morrer como cristã.

O califa olha para ela estupefacto e dirige-se aos seus colegas, dizendo:

– Esta jovem é instruída na religião dos cristãos e não conseguiremos convencê-la. Eu conheço bem os cristãos. São teimosos e preferem a morte a cederem.

Então, pergunta à irmã Fortunata se ela é virgem e, obtendo uma resposta afirmativa, continuou a falar sobre a Igreja, que ele diz conhecer, tecendo grandes elogios à castidade e à pureza dos

padres e das irmãs. Nesse dia, deixaram-na em paz, mas a esposa do califa, bem depressa, voltou a maltratá-la. Era esbofeteada e açoitada por um homem que, depois de a massacrar, ameaçava despi-la. A irmã recomendava-se à Virgem e sentia dentro de si uma onda de conforto, pedindo a graça de ser fiel até à morte. Entretanto, aparece o califa Uadmaddari:

– Venho de uma reunião com Abdullahi, o qual me deu ordens para te despir à força, se não te convertes à nossa religião.

– Não! – grita a irmã com as poucas forças que lhe restam.

Foi despida, levada para o pátio e açoitada pelos criados que esperavam vê-la morrer ali mesmo. Depois atam-na pelos pulsos com uma corda, que se lhe enterra na carne; essa corda irá deixar-lhe cicatrizes profundas. Uadmaddari, que assistia ao espetáculo, manda que parem com os açoites, invocando «*o Corão que proíbe matar pessoas consagradas a Deus*».

Quando é obrigada, também ela, a partir para Rahad, ele ordena que a levem de camelo e que lhe dêem a comida e a bebida que ela pedir»⁵⁵.

A irmã Catarina Chincarini

A 31 de março de 1884, a irmã Catarina é entregue a Wad el Bilal que a atormenta, insistindo que ela pronuncie a fórmula de adesão ao islamismo. Ela resiste sempre.

Nos três dias de viagem de Boga para Rahad, sempre a pé, come uma só vez um pedacinho de pão negro e chega ao acampamento exausta. De dia tem de moer o cereal para fazer o pão, lavar a roupa com as escravas, e todas as noites tem a sua dose de açoites.

⁵⁵ Cfr. E. Pezzi, *L'istituto Pie Madri della Nigrizia*, 145-148.

Um dia, alguns homens, não conseguindo que ela se lhes entregasse, atam-lhe uma corda ao pescoço e suspendem-na numa árvore; mas, temendo as iras do Madhi, sentam-na no chão. Quando a viram um pouco sossegada, ataram-na a uma cama para a violarem. Mas Deus veio em seu auxílio; nesse trágico momento apareceu um enviado do Madhi com a ordem de levarem a irmã para a sua tenda, onde já se encontrava a irmã Concetta Corsi». ⁵⁶

A irmã Elisabetta Venturini

No acampamento de Boga, a irmã Elisabete é entregue aos árabes, que militam sob o estandarte de Ager-Keri, e confiada a uma mulher violenta. Depois de açoitada e insultada, é obrigada a pôr-se a caminho de Rahad, a pé. A irmã, sentindo-se doente e fraca, cai várias vezes no caminho. Há então, sempre que se lhe aproxima e lhe diz:

- Pronuncia a fórmula e terás um camelo, comida e água.
- Nunca! – responde a irmã.

Abandonada no caminho, é recolhida à noite por alguns soldados, que lhe dão água e comida. No dia seguinte, chega ao acampamento e é entregue de novo à patroa. Desde então, é açoitada todos os dias. À noite, os árabes obrigam-na a assistir às suas orgias; ela entrega-se a Nossa Senhora.

Visto que nada conseguem, um grupo de homens começa a bater-lhe na planta dos pés até as unhas lhe caírem e as pernas ficarem negras até ao joelho. Depois atiraram com ela para trás de uma cabana, onde permanece alguns dias inconsciente. Cansados

⁵⁶ De um manuscrito inédito cit in: E. Pezzi, *L'istituto Pie Madri della Nigrizia*, 1881-1901., 143-149.

de a verem naquele estado, atam-lhe uma corda ao pescoço e arrastam-na pelo acampamento entre gritos e maldições; depois atam-na a uma árvore e açoitam-na até ela desmaiar. Então, desatam-na e abandonam-na no chão dando-a por morta.

Chegou aos ouvidos do Madhi que a irmã tinha morrido e ele ordenou que as trouxessem todas para junto de si. Carregada numa padiola, a irmã Elisabete é levada à presença do Madhi, onde já se encontravam as irmãs Concetta, Teresa, Fortunata e Catarina. Quando a irmã recobra os sentidos e abre os olhos, depara-se com as irmãs à sua volta e desata a chorar... num pranto sem fim.

A irmã Maria Caprini que ainda não chegou

A irmã Maria Caprini falta à chamada do chefe, porque ainda se encontra no Cordofão, sob as ordens do califa Aalikarar. Quando se viu entregue a um grupo de homens, ela pede e consegue que seja confiada às mulheres do califa, as quais não lhe poupam açoites e humilhações.

A certa altura, o califa rodeado por uma multidão ululante, manda-a sair de casa e que lhe tirem a única túnica religiosa que ainda possui.

– Pronuncia a fórmula muçulmana! – ordena-lhe.

– Nunca! – é a resposta da irmã.

Um golpe de lança provoca-lhe uma ferida na vista direita.

– Queres tornar-te muçulmana?

– Não! – Responde outra vez com firmeza.

Um golpe de lança atinge a sua cabeça.

– Vou-te arrancar as tripas.

– Não! É melhor abrir uma cova, deitá-la lá dentro e lapidá-la – dizem os outros.

– Esta infiel – intervém o califa – fica contente se a matamos. É preferível pô-la a moer o milho e mandá-la buscar a água à cabeça... a toque de chicote!

A irmã Maria trabalha, enquanto é açoitada por crianças que fazem disso o seu jogo. Ao cair da noite, a irmã está reduzida a uma chaga sangrenta. Jorge Stambulieh, ao vê-la, não se contém, e sugere-lhe que se torne muçulmana.

– Prefiro a morte – responde-lhe a irmã.

– O pior é que não te matam; só te querem fazer sofrer.

– Sou cristã e cristã quero permanecer até à morte.

Aalikarar, que escutava furibundo aquelas palavras, bate-lhe com a lâmina da espada até lhe fazer saltar o sangue. Depois dele, o neto bate-lhe também no peito com o chicote, para lhe amolecer o coração e depois casar com ela. A mulher do califa, tem pena dela e leva-a consigo para lhe tratar das feridas e dar-lhe de comer.

Oito dias depois, a vista começa a cicatrizar e, assim, também as outras feridas. A irmã Maria Caprini recebe então a ordem de partir para Rahad. O seu primeiro patrão, que já se encontra no acampamento e que ouviu as ordens do Mahdi, envia-lhe um camelo para que chegue mais depressa.

Com a chegada da irmã Maria Caprini, a última a chegar, as irmãs ficam todas juntas. Todas estão doentes, sem forças, com o corpo chagado e dorido, devido aos maus tratos sofridos.

A irmã Elisabetta não consegue mexer um braço e ainda menos manter-se em pé: o seu corpo está reduzido a uma chaga.

Sentem-se destruídas, mas pelo menos estão juntas, numa cabana, junto da residência do Madhi».

CAPÍTULO 8

VIDA TRIUNFANTE

**O Bem
que nasce da dor:
Aquele bem forte, consistente
Resgatado de todos os medos;
Aquele liberdade serena
Concebida na pobreza
De saber que
Tudo o que é Teu é nosso;
Este caminho
de paz indestrutível
de onde vêm senão de Ti?
Sentados à Tua mesa
Alimentados de pão e vinho
Em cada jornada
nos resguardas
e enches de cuidados.
Por isso
O nosso coração e a nossa carne
Exultam pelo Deus vivo;
Vida Triunfante
a vencer a morte!**

Capítulo 8

O expediente dos matrimónios aparentes

Na morada do Mahdi

Com a chegada da irmã Maria Caprini o grupo das seis irmãs estava completo. Entretanto, os dias passavam e elas ponderavam as novas aventuras que as esperavam.

Nas suas *memórias*, Teresa recorda, ainda, que viviam aterrorizadas só de pensarem que o Madhi as distribuiria entre os seus califas. Nesta angústia, iniciaram então um tríduo ao Sagrado Coração de Jesus. Ao terceiro dia apresentou-se-lhes uma escrava à porta, dizendo que o Madhi queria falar-lhes.

Que mais quererá de nós agora? A irmã Teresa recomendou às irmãs que não falassem na presença dele.¹ Amparando a irmã Elisabetta e com o coração em sobressalto, encaminharam-se trepidantes para a morada do chefe. Ele fixou-as longamente, deve ter-se apercebido que as suas ordens foram cumpridas com zelo excessivo, embora não tivesse atingido o que pretendia.

– Como estão? Que tem essa irmã que não anda a pé?

¹ E. Venturini, *Diário della prigionia*, pp. 59-66 (Cfr. E. Pezzi, *l'Istituto Pie Madri della Nigrizia*, 154 ss).

– Bateram-lhe sem dó nem piedade, não vês!? Partiram-lhe os pés. Aclarou a irmã Teresa.

– Quem foi? – inquiriu o Madhi, fingindo-se indignado.

Seguiu-se uma pausa de silêncio. Depois prosseguiu:

– Chamei-vos para vos entregar aos vossos, porque com os nossos sábios islâmicos não vos sentiríeis bem. Tendes costumes muito diferentes dos nossos. E começou a falar sobre a beleza da religião islâmica, sobre os deveres da mulher, etc. As irmãs já exultavam de alegria, pensando na provável libertação, quando...

– Mas, ordeno-vos que vos caseis! – disse ele, com toda a sua autoridade.²

– Senhor – respondeu-lhe Teresa – é inútil continuar a ensinar-nos; nós não compreendemos, senão a linguagem dos escravos. De resto sei muito bem o que pretendes dizer-nos: que rezemos, que jejuemos, que sejamos mulheres honestas...

– Exatamente, agora compreendo que Deus e o profeta vos iluminaram, – declarou – E começou a chorar de ternura, sentia-se seguro da conversão.

Depois dos 40 dias que tínhamos vivido, separadas umas das outras, escravizadas, expostas a todo o tipo de torturas e abusos, estávamos de novo todas juntas e sentíamos por isso um certo alívio e conforto. Mas, desta vez, as condições eram ainda mais tristes, por estarmos ali, sob o olhar do inimigo, e presas nas suas garras.

Na tarde do dia 30 de abril de 1884, o Madhi manda chamar um dos chefes, um sírio, e diz-lhe que não pode ter no seu reino mulheres solteiras, e, desde logo recebia o encargo de levar as irmãs para a sua casa, e fazer com que todas elas se casassem.

² De nada valia às irmãs estarem vinculadas com o voto de castidade. Qualquer vínculo precedente à entrada na Madhia não tinha qualquer valor para o Madhi, nem sequer uma união matrimonial (*Cfr.* C. Ballin, *op.cit.* 276-277).

A nova hospedagem

Era a manhã do dia 1 de maio, quando o homem as veio buscar.

Ele caminhava à frente delas, que descalças levavam em peso a irmã Elisabetta, que não se tinha de pé. E lá chegaram à cabana daquele pobre homem, onde a esposa os acolheu com bondade e lhes preparou o almoço que consistiu num prato cheio de carne e durra. Estavam aturdidinhas, de tal maneira, por aquele acavalarem-se de acontecimentos que não conseguiam, sequer, articular palavra.

Animadas por aquela boa senhora, começaram a comer o bom almoço que ela lhes havia preparado, um prato cheio de carne e durra. Havia muito tempo que comiam apenas pão molhado na água, e aquela boa comida caiu mal a todas, provocando-lhes uma gravíssima disenteria.

Nos primeiros dias estavam muito debilitadas e passavam várias horas estendidas no chão. Contudo, sentiam-se seguras e contentes por estarem longe da residência do Madhi. O seu desejo era permanecerem escondidas aos seus olhos, e recuperar forças para fazerem algum trabalho e ganharem algum dinheiro para comprarem roupa. Andavam esfarrapadas e sujas. Na semana seguinte veio visitá-las um homem sírio, amigo da Missão, e elas pediram-lhe o favor que lhes arranjasse alguns trabalhos de costura. Já se sentiam muito melhor de saúde e estavam mais serenas e em paz, entregues à oração e ao trabalho.

Mas, infelizmente, o Madhi não se tinha esquecido delas.»³

³ Cfr. T. Grigolini, *Memórie della prigionia*, 25-28.

A “catequese” matrimonial

Numa manhã, as irmãs, estavam a trabalhar alegremente, fazendo projetos sobre o que iriam comprar com o pouco dinheiro que ganhavam, e nisto, apareceu um *fakir* (catequista) à porta da cabana.

Por ordem do Madhi, todas as manhãs, pontualmente, ele vinha ter com as irmãs, com o encargo de as catequizar. Elas permaneciam prostradas no chão com o rosto coberto. Ele falava muito, e, quando lhe parecia que já tinham argumentos suficientes para meditar em naquele dia, ia-se embora. De três em três dias, o “catequista” devia informar o Madhi dos progressos das alunas, mas o homem era obrigado a mentir, pois não se viam nenhuns progressos...

Mas, lá veio o dia em que ele disse às irmãs:

– Escutem-me bem: eu sei que não vos quereis casar e tudo o que vos ensino não tem para vós, qualquer valor. Mas não se pode continuar assim: A mim vão-me cortar a cabeça, e a vós entregar-vos-ão como concubinas aos nossos chefes. Aconselho-vos a refletir na proposta do Madhi, que considera dar-vos como esposas aos vossos brancos.

Dito isto, o pobre catequista desapareceu. Também a vida do sírio, que hospedava as irmãs, estava em perigo. Pairava nos ares a sombra do Madhi, sinistra e ameaçadora para todos.⁴

Os casamentos simulados

Foi então que entrou em cena o senhor Rudolf Slatin, que se encontrava ali, também ele prisioneiro do Madhi, o qual sugere

⁴ AMN, n.º 11, abril 2006, p. 63

às irmãs a realização de um matrimónio aparente com os prisioneiros gregos, os quais se comprometeriam a respeitá-las e a protegê-las.

Elas mostram-se muito perplexas e hesitantes: A mera simulação de casamento significava, para elas, uma traição à sua vocação.

– Se, pelo menos, nos pudéssemos aconselhar com os nossos missionários! Mas isso é coisa impossível! – suspiram.

– É um facto que, em El Obeid, o pe. Losi, nosso superior e assistente espiritual, nos desligou dos nossos votos, mas o coração nunca se desliga, nós pertencemos totalmente a Deus e para sempre – refletem entre elas as irmãs.

Então, o senhor Rudolf Slatin cita um trecho da lei islâmica que reza: «A lei islâmica não permite que a mulher aspire à independência e muito menos que a consiga. Toda a mulher tem de pertencer a um homem.»

– Não há nada a fazer – conclui o ex-governador.

– Se não simularem, pelo menos, o casamento, o Madhi entregar-vos-á como concubinas aos seus califas... e com eles não se brinca!... a situação tornar-se-á muito mais séria e perigosa.

– Entretanto, oxalá que o exército governamental nos venha libertar. – Imploram todas.

As irmãs não têm outra saída, por isso decidem-se pela solução que parece ser o mal menor.

À noite, mandam chamar os três gregos e Isidoro Locatelli e, na presença do ministro muçulmano, simulam os casamentos.⁵

A irmã Teresa casa-se com o senhor Dimitrio Cocorempas, a irmã Concetta com Isidoro Locatelli, a irmã Fortunata Quascé com um certo Andreas e a irmã Catarina Chincarinini com Trampas-Panayoti.

⁵ T. Grigolini, *Memorie...*, op.cit., pp. 25-28 (em E. Pezzi, *l'Istituto Pie Madri della Nigrizia*.158)

As outras duas irmãs, Elisabetta Venturini e Maria Caprini, que se encontravam gravemente doentes ficaram isentas do “casamento”; a primeira vai morar com Concetta e a segunda com Teresa.

Era o dia 08 de maio de 1884. Ao tomar conhecimento do ato, o Madhi mostrou-se satisfeito.

«Estávamos todas bem – comenta a irmã Venturini – por algum tempo deixaram-nos tranquilas a gozar da “tranquilidade” de prisioneiras».⁶

«Os gregos, nossos aparentes maridos, eram bons e respeitosos; fizeram-nos três cabanas– narra a irmã Teresa – umas perto das outras, cercadas por uma sebe de espinhos».⁷

E o paradeiro dos missionários?

Tal como aconteceu às irmãs, também, os padres tiveram de acompanhar os seus respetivos patrões até Rahad, a pé, sem comer nem beber. Chegaram ao novo destino a 10 de abril.

Na viagem, o pe. Ohrwalder foi obrigado a comer os excrementos do cavalo do patrão. No acampamento, foram distribuídos pelas cabanas dos escravos e submetidos aos trabalhos mais humilhantes.

O pe. Ohrwalder, com as mãos atadas atrás das costas, foi abandonado à fúria de uma turma de fanáticos, que lhe davam bofetadas, cobrindo-o de insultos e de pancada. E, nestas condições ainda lhe foi confiada a responsabilidade da condução dos camelos do patrão:

⁶ E. Venturini, *Diário della prigionia*, 74-75 (em: E. Pezzi, *l'Istituto Pie Madri della Nigrizia*, 159).

⁷ T. Grigolini, *Memorie della prigionia*, 120-122 (em E. Pezzi, *l'Istituto Pie Madri della Nigrizia*, 159).

«O sol queimava a minha cabeça – escreve pe. Ohrwalder – enquanto eu caminhava entre insultos e ameaças. Havia quem louvava o meu patrão por me ter empregado na condução dos camelos, sugerindo também, que me obrigasse ainda, a levar outros pesos (...) Eu partilhava a minha refeição com o cavalo do meu patrão (...) Chegámos, assim, depois de três dias, a Rahad com os pés queimados e inchados pela areia ardente do deserto».⁸

A mesma sorte tocou o pe. Luigi Bonomi: fecharam-no na *zerí-ba* dos escravos, exposto a todas as intempéries e ao frio pungente do deserto durante a noite. O homem de Deus, prisioneiro entre os escravos, maltratado como eles, esquecido da sua miserável condição, confortava e ensinava o caminho de Deus e até conseguia batizar alguns em ponto de morte.

A inesperada e agradável visita

Certa noite, as irmãs Caterina Chincarini, Elisabetta Venturini e Maria Caprini, com o coração em sobressalto, tentam e conseguem chegar à cabana do pe. Giuseppe Bonomi, para lhe pedirem um conselho.

– Digam, digam, irmãs – convida o missionário por aquela tão inesperada, como agradável visita!

– Pe. Luigi, não tememos as vergastadas, as humilhações nem as crueldades, às quais, todos os dias somos submetidas sem piedade, antes pelo contrário, somos felizes em sofrer todas estas provas por amor de Jesus. Mas, aquilo, que, realmente, tememos e receamos é sermos violadas... diga-nos, por favor, se será lícito

⁸ G. Ohrwalder, *I miei dieci anni di prigionia*, 105-106 (em E. Pezzi, *l'Istituto Pie Madri della Nigrizia*, 160).

recorrer ao suicídio em defesa da nossa virgindade? O pe. Luigi olha para elas com ternura e admiração...

– Não, irmãs, o suicídio, não poderá jamais ser lícito, mesmo para fugir à violação. Confiem no Senhor. Ele vai salvar-vos, como o fez até hoje. – E, abençoa-as comovido até às lágrimas.⁹

Marietta Combatti, a Providência de Deus

Em agosto daquele ano, 1884, Marietta Combatti regressa ao acampamento dos prisioneiros, trazendo consigo quatro camelos, carregados de trigo e outros bens de primeira necessidade. Ela tinha deixado Cartum nos fins de janeiro, via El Obeid, mas foi surpreendida no caminho pelos rebeldes, que a maltrataram e ameaçando-a de morte roubaram-lhes coisas que trazia para nós.

«Por boa fortuna, um nosso amigo – escreve Bonomi – ainda que fosse um dos mais fanáticos do Madhi, ouvindo falar da difícil situação de Marietta, não se poupou a esforços para ir ao seu encontro, até conseguir arrancá-la das mãos dos ladrões. A corajosa Marietta, apesar das lutas que teve de suportar conseguiu salvar boa parte daqueles bens e esconder grande parte do dinheiro, recebido em Cartum, que o entregou fielmente. Distribuímos o dinheiro entre as irmãs e nós, que nos serviu para vivermos em El Obeid, para onde fomos levados nos primeiros dias de gosto.»¹⁰

– Que anjo te protegeu durante tamanho percurso? Perguntaram os missionários admirados pela ousadia de Marietta.

⁹ E. Venturini, «*Diario della prigionia...*», cit. p. 50 (em E. Pezzi. *L'Istituto Pie Madri della Nigrazia*, 160-161).

¹⁰ Cfr. L. Bonomi, *Relazione* a mons. Sogaro, Verona, setembro 1885, em *La Nigrazia*, n.º 5, Setembro 1885, pp. 135-154.

– Várias vezes me deparei com os ladrões; até me prenderam, mas sempre consegui sair daquelas situações.

– Como nunca mais chegavas, acabámos por desesperar – informaram os missionários.

– Demorei sete meses na viagem, de Cartum até aqui, e sofri muito! Apesar de tudo, trago-vos uma boa notícia: os missionários e as irmãs já conseguiram fugir de Cartum, levando consigo todos os cristãos. Só lá ficou o irmão Polinari, que não quis abandonar a casa e lá vos espera.

– Se tu conseguiste – murmura o pe. Luigi Bonomi – porque não tentamos fugir nós também?

– Eu sou negra, sei falar e também como tratar com esta gente..., mas convosco é diferente.

– Não falem de fuga, mas pensem nela em segredo, porque aqui até os pensamentos se lêem. – Recomenda o pe. José Ohrwalder.

– Aqui até a areia e o ar têm ouvidos – acrescenta a irmã Teresa –, mas a ideia não é de rejeitar.

Ondurman, a nova “Capital” do Madhi

«Quando, o Madhi julgou oportuno seguir para Cartum para reforçar os seus rebeldes, que já assediavam a cidade preparou todo o seu exército para deixar Rahad. Nomeou um dos seus principais comandantes, governador no Cordofão, com sede em El Obeid. Assim, levou com ele, para lá, também os missionários que lhe tinham sido confiados, enquanto as irmãs tiveram que prosseguir a viagem com todo o pessoal para Ondurman, situada em frente da cidade de Cartum, onde se tinha instalado o novo acampamento dos rebeldes [...]»¹¹

¹¹ Luigi Bonomi, *La Nigrizia*, n.º 5 1885 p.144 (em *AMN*, n.º 18 abril 2011 p. 83).

A 08 de agosto de 1884, no fim do Ramadão, o Madhi levanta o acampamento de Rahad e parte à conquista de Cartum. Está convencido de que o general Gordon, em funções há poucos meses, não tem um exército capaz de lhe resistir, e, por isso, lhe será fácil vencê-lo e entrar vitorioso na Cidade capital do Sudão.

As irmãs e seus supostos maridos prosseguem então para Cartum. Ao longo da viagem, um homem entrega-lhes um bilhete que trazia escondido no cabo da lança. O homem vem de Assuão e o bilhete trás a assinatura do pe. Luigi Speeke¹² Ele afirma que se encontra na antiga Syene (Assuão) e que foi enviado pelos superiores da Missão para tentar libertar os prisioneiros.

A irmã Teresa responde ao pe. Luigi Speeke contando-lhe um pouco sobre a vida que levam e que, por agora, é impossível pensar em fugir, pois estão vigiados dia e noite.

O exército Madhista, e com ele as irmãs, chega a Ondurman, a 23 de outubro de 1884, depois de uma dolorosa viagem no deserto, que durou cinco meses.¹³

Ondurman era uma pequena aldeia, até finais de 1884. Com a chegada dos Madhistas, tornou-se num aglomerado de todas as raças e tribos do Sudão, com numerosos representantes estrangeiros: egípcios, indianos, árabes de Meca, gregos, sírios, italianos, turcos etíopes, etc. Por ordem do califa Abdullahi, cada tribo vivia num bairro próprio. Assim, ao bairro recentemente destinado aos “convertidos”, puseram-lhe o nome de “renegados”, ou *Al masalma*. Neste bairro viviam, em “domicílio forçado”, todos os cidadãos estrangeiros, apanhados de surpresa no Sudão, pela Madhia.

¹² Speeke Luigi, (1852-1887), de nacionalidade belga; foi ordenado sacerdote a 23 de dezembro de 1883. Partiu para o Cairo em 1884. Foi enviado (1885-1886) a Suakin e depois a Assuan com o papel de assistir os prisioneiros da Missão sob domínio dos Madhistas. Morreu nesta mesma localidade a 4 de agosto de 1887 (Cfr. G. Ohrwalder, *I miei dieci anni di prigionia*, 432).

¹³ Cfr. T. Grigolini, *Tutti sapevano che ero stata suora*, 123.

Eles eram “*livres*” de organizarem a vida para seu próprio sustento, mas impedidos de ultrapassarem os novos confins do Sudão, redesenhados pelo Estado Madhista.

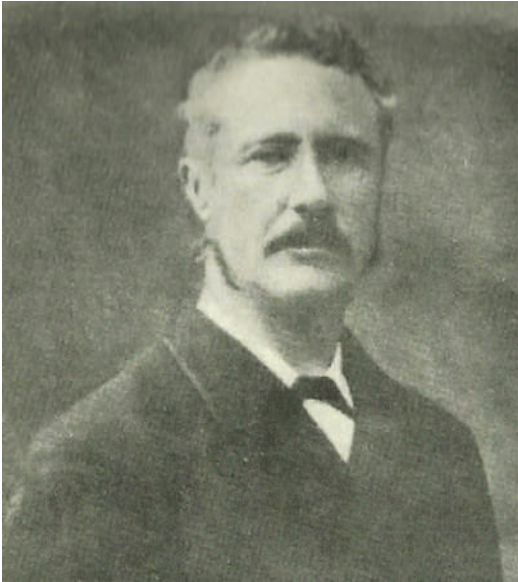
Dependentes da sorte dos seus falsos “*maridos*”, as irmãs prisioneiras também tinham a sua “*residência*”, no bairro destinado a gregos e sírios.¹⁴

«Mas em que estado de alma nos encontramos» – lê-se nas *Memórias* de Teresa Grigolini – é difícil descrevê-lo. As nossas condições agravaram-se ainda mais. Contudo, tínhamos algo de bom:

«Estes três homens, estavam desde manhã cedo até ao meio dia, no ‘*Bazzaro*’ (espécie de quiosque), vendendo coisitas para ganharem o pão. Vendiam tecido de algodão de péssima qualidade, umas casacas que nós confeccionávamos em casa e outras coisitas locais. Ao meio dia regressavam a casa; nós preparávamos o almoço para os três e mandávamo-los para outra cabana onde eles comiam sozinhos, nós também comíamos sozinhas, segundo o costume da terra. Quando acabavam de comer, voltavam para o ‘*Bazzaro*’ até à noite. À noite fazíamos como para o almoço. Assim, graças a Deus, éramos bastante livres [...]. Com a irmã Betina, não podíamos contar para nada, por causa da sua doença. Entretanto, trabalhava-se e rezava-se, nesta profunda angustia, que ninguém pode imaginar»...¹⁵

¹⁴ Cfr. AMN, n.º 18, abril 2011, pp.84-85.

¹⁵ T. Grigolini, *Memorie della prigionia*, 81-82.



Último retrato
do General C. G. Gordon

A queda de Cartum

Depois da tomada de Berber, em maio de 1884, a situação de Cartum tornou-se particularmente difícil. «A cidade, – assim reportava *La Nigrízia* de março de 1885– foi tomada de assalto no dia 12 de março e aguentou nove meses em constantes ataques.

Gordon Paxá enviava informações ao general Wolseley, por todas as vias, mas raramente chegavam ao destino. A queda de Cartum deve-se à traição do Faray Paxá¹⁶, e de muitos amigos e

¹⁶ Antes da “*traição*” de Faray Paxá, chefe dos negros sudaneses que comandava aquela parte da frente houve o abandono incompreensível da parte da Inglaterra (Cfr. Delebecque-Giardini, pp. 161-179). A acusação contra Faray parece não ter fundamento. Gordon Paxá manteve-se no comando até ao último momento e o Madhi fê-lo decapitar “*pouco depois da tomada Cartum*” (ibid., pág. 260)

agentes do Madhi, que tinham feito enorme propaganda na cidade, em seu favor.

«Era domingo, dia 26 de janeiro de 1885 – escreve Rudolf Slatin – em Cartum, o Madhi, acompanhado pelos seus califas, atravessou o Rio; aos seus guerreiros, ali reunidos, fez-lhe um dos seus discursos que contêm o mistério de os excitar ao combate; eles deviam atacar Cartum no dia seguinte; eu ainda esperava que houvesse alguém que avisasse Gordon, para poder tomar as suas medidas. As tropas Madhistas tinham recebido ordens de não falar com ninguém, depois de terem abençoado os seus homens, obrigando-os a jurar fidelidade até à morte, voltou para o seu campo com os califas [...].

No entanto, o governo de Londres depois de tantas indecisões, finalmente respondia ao «S.O.S.» do general Gordon, que em Cartum, ansiosamente, esperava socorro.

O coronel Wilson, que tinha assumido o comando do exército, embarcava os soldados nos vapores enviados por Gordon a Metammeh e que finalmente se dirigiam para a capital.

O Madhi, sempre bem informado das manobras dos ingleses, decidiu antecipar o ataque a Cartum. Ao grito: Kenissa! Seraia! [à Igreja e ao Palácio do governador], onde pensavam encontrar muitos tesouros, junto do general Gordon, dos missionários e das irmãs, como um rio em cheia, lançaram-se sobre a cidade adormecida.»¹⁷.

Deu-se então o grande massacre; juntamente com o general Gordon e o cônsul austríaco, morreram duas mil pessoas.

«As hordas que se precipitavam sobre o Palácio de Gordon – escreve Ohrwalder – inundaram o magnífico jardim e, com assustadores gritos, entraram naquela casa buscando o general. Gordon com extrema dignidade, saiu-lhes ao encontro com palavras de

¹⁷ E. Pezzi, *L'Istituto Pie Madri della Nigrazia*, 165-166.

paz, mas foi apunhalado caindo de bruços pelas escadas abaixo. Atingido por números golpes de lança, foi decapitado e a sua cabeça levada em triunfo como trofeu ao Madhi, que se mostrou contrariado pelo homicídio do general. Ele teria preferido recebê-lo vivo em suas mãos, com a esperança de o dobrar aos seus caprichos ou, caso contrário, subjugar-lo em degradante humilhação. Mais tarde a cabeça de Gordon foi pendurada numa haste para ser visto e ultrajado».¹⁸

O general Gordon, se fosse entregue vivo nas mãos do Madhi, teria sido submetido a grandes sofrimentos, humilhações e torturas indizíveis. Por isso, frente a tal desfecho se conclui que, para ele, apesar de tudo, foi preferível ter sofrido a decapitação com dignidade, no exercício das suas responsabilidades.

Pode compreender-se em que agitação eu passei aquela noite [...].

Quando o sol raiou no horizonte [...] ouviram-se subitamente os gritos de vitória... Cartum tinha sido atacada e já estava nas mãos dos Madhistas. Eu não queria acreditar naquela tenebrosa mensagem e saí da minha tenda. Vi, diante do bairro do Madhi e dos seus califas, uma multidão imensa que estava ali para se render ao Madhi. Eu podia até distinguir as pessoas. À frente de todos, estavam três soldados negros; um deles chamava-se Schetta [...] tinha nas mãos algo que sangrava [...] era a cabeça do general Gordon! Fiquei sem respiro e muito perturbado, contudo consegui controlar-me: olhei para aquele rosto pálido que agora me apresentavam! Os seus olhos azuis estava semiabertos e mantinha um aspeto calmo e ar sereno. [...].

Reentrei na minha tenda, estendi-me no chão mais morto que vivo. Cartum já estava tomada! Gordon já não vive!»¹⁹

¹⁸ G. Ohrwalder, *I miei dieci anni di prigionia*, 148 (em E. Pezzi, *L'Istituto Pie Madri dalla Nigrizia*, 165-166).

¹⁹ R. Slatin, *op. cit.* pp. 463-465 (*Cfr.AMN*, n.º 18 abril 2011, pp. 88-90).

Nesse momento, todo o Sudão, exceto uma parte da província de Dongola, se encontrava sob o domínio do Madhi e, assim, todos os habitantes estavam obrigados a submeter-se às leis do califado islâmico tradicional.

Quanto a Cartum, «como tinha decidido para outras cidades sudaneses por ele destruídas, o Madhi não quis que a cidade se levantasse das suas ruínas. Ele estabeleceu a sua sede no Forte de Ondurman, na margem esquerda do rio Nilo. Destruíram muitas casas, cujos tijolos foram transportados para Ondurman; pouparam apenas o palácio de Gordon e o edifício das missões católicas»²⁰.

O irmão Polinari que se tinha escondido debaixo de um monte de capim seco conseguiu salvar-se e, ao sair, encontrou a cidade entulhada de cadáveres. Dois dias depois, chegou a coluna inglesa, comandada pelo coronel Wilson; aquela coluna de que os prisioneiros tinham ouvido falar, e que tanta esperança despertara neles. Wilson chegou tarde demais, e recebido pelo fogo dos Madhistas foi obrigado a retirar-se.

Com a queda da Capital, apagou-se também a última a esperança dos prisioneiros: serem libertados.

O Madhi, não querendo morar numa cidade que tinha sido ocupada pelos *infiéis*, ordena que transformem Ondurman, até então uma fortaleza além Nilo, numa cidade residencial, erguendo lá a sua tenda.

«Depois da chegada do Madhi a Ondurman, houve uma terrível carestia que se estendeu a todo o Sudão, pois os Madhistas entretidos com os tesouros de Cartum nunca mais pensaram em cultivar os campos, mas andavam ocupados a destruir e a desertar».²¹

²⁰ A. Canestrini, *I prigionieri del Madhi*, pag. 61

²¹ G. Ohrwalder, *I miei dieci anni di prigionia*, 157.

A Fuga do pe. Luís Bonomi de El Obeid²²

«Mons. Sogaro sofria imensamente com a sorte dos missionários prisioneiros. Bateu a todas as portas, gastou rios de dinheiro, tratando com alguns árabes de sua confiança, para que eles se deslocassem às zonas ocupadas para levarem ajuda, conforto e a liberdade aos missionários. Mas, contra todas as expectativas, os mensageiros partiam e nunca mais voltavam.

Finalmente, um deles, consegue aproximar-se dos missionários em Ondurman, levando duas cartas: uma para o Madhi e outra para o pe. Giuseppe Bonomi.

A irmã Teresa intercetou a carta dirigida ao Madhi, pois ela julgava contraproducente qualquer proposta àquele homem obstinado, e lê a carta dirigida ao pe. Luís Bonomi. Depois, entrega ao mensageiro um bilhete escrito: «O pe. Bonomi encontra-se em El Obeid a sofrer como nós».

Em junho, um árabe chega a El Obeid e ao conseguir encontrar o pe. Bonomi diz-lhe:

– Vim-te buscar!

– Deus seja louvado – exclama o missionário, abrindo os braços – Quando partimos?

– Talvez amanhã – responde o árabe.

– Ótimo... amanhã... à noite, claro! Mas eu não estou só; estão comigo os padres Ohrwalder, Rosignoli e o irmão José Regnoto. Sabia disso, não é verdade? Também terão que ir comigo.

O árabe ficou surpreendido. Não, quem me enviou não sabia que havia aqui mais missionários e por isso não lhe arranjou as cavalgadas. O pe. Bonomi sente um nó na garganta. Como poderá partir sozinho, abandonando os seus companheiros de

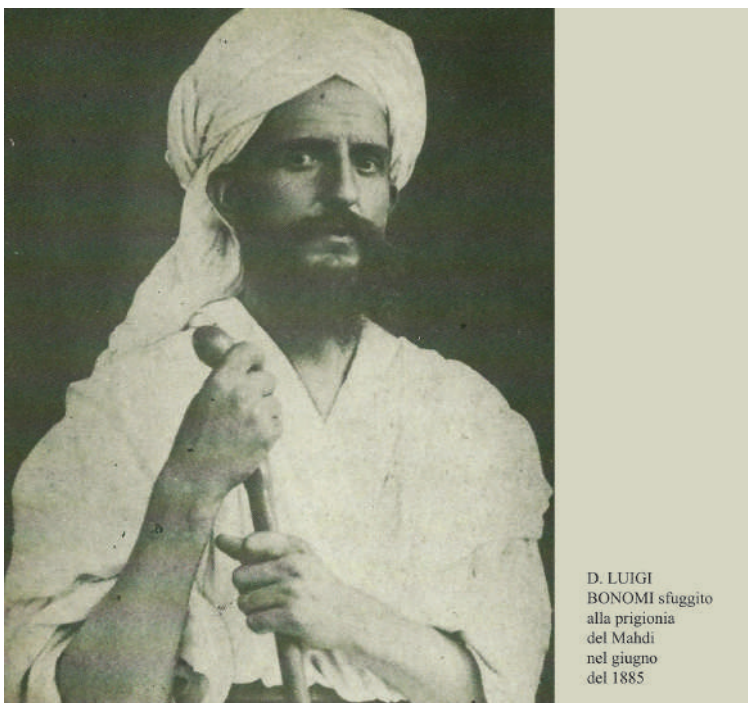
²² Cfr. G. Ohrwalder, *I miei dieci anni di prigionia*, 431-435 (em L. Gaiga. *Mulheres em Missão*, 181-182 ss).

desventura à sua trágica sorte? Depois de uma breve conversa, são eles que o encorajam a partir.

- Quando estiveres livre, tu mesmo, nos poderás libertar...
- Com certeza que sim, com todo o meu empenho!
- respondeu-lhes.

No momento da partida os missionários abraçam-se...

- Adeus! – diz o pe. Ohrwalder em lágrimas.
- Adeus até à vista! – exclama o pe. Luís Bonomi desaparecendo rapidamente, na escuridão da noite. A sua fuga, como é óbvio, levou a uma vigilância mais apertada em relação aos que ficaram».



A morte do Madhi

Em meados de junho, o Madhi adoeceu repentinamente e, por alguns dias ninguém o viu. No início, porém, ninguém se preocupou com o seu estado de saúde, porque ele dizia ter recebido do Profeta, como muitas vezes contou aos seus seguidores, a feliz notícia de que teria realizado a conquista de Meca, de Medina e de Jerusalém e que morreria em Kufa, depois de uma longa e gloriosa vida.

Mas, afinal, a doença era séria: o tifo. Depois do sexto dia, de facto, os seus mais próximos começaram a temer. Morreu na noite de 22 de junho de 1885. A sua morte significou um terrível golpe ao Madhismo, mas este não se irá desmoronar, porque ele teve o cuidado de nomear o seu sucessor: o califa Abdullahi.

Depois da tomada de Cartum, o Madhi sonhava prosseguir a sua marcha vitoriosa até Meca e daí iniciar uma nova *guerra santa* para difundir o Islão em todo o mundo. Mas, o austero profeta, tinha-se transformado num sultão viciado e rico, rodeando-se de mulheres, de todos os tipos e raças.

Esta terra é um horror, a fome continua a matar os pobres. O Madhi morreu, mas ficou o seu califa, que é um demónio ainda pior do que ele, anota a irmã Teresa Grigolini.²³

Foi provavelmente depois da morte do Madhi, que Teresa Grigolini recebeu uma mensagem da parte do “Prezado pe. Vicentini”.²⁴

²³ Cfr. T. Grigolini, *Tutti sapevano che ero stata suora*, p. 124.

²⁴ Vicentini, pe. Domenico (1847-1927). Religioso estigmatino de Verona, foi-lhe pedido por Francesco Sogaro quando este partiu para a África, para dar uma ajuda, por algum tempo à Missão. Chegou a Cartum em 1883 e recebeu a missão de ficar o mais próximo possível da nova fronteira com o Sudão Madhista, para manter os contactos com os prisioneiros, fornecê-los com o necessário e fazer todas as tentativas possíveis para os libertar. Chamado a Verona pelos seus superiores em 1886, pediu para entrar no

Teresa, ainda não sabia do feliz resultado da fuga do pe. Luigi Bonomi e sem perder tempo escreve:

«Recebemos de novo suas notícias e ainda esperamos algum socorro da sua caridade. Já há muito tempo que lutamos contra o medo, a fome, a nudez e toda a forma de penúrias, de tal forma que estamos impacientes e desesperados. Se vós pudésseis ter, só uma milésima parte, da ideia de quanto nós sofremos, certamente teríeis sacrificado quanto antes alguns milhares de toleres. Este Mohamed abu el Hassun nos teria trazido diretamente o dinheiro, se lho tivessem dado... queremos pensar, que ao menos nos entregará algum, quando regressar, depois desta minha carta, escrita em nome de todos. E, todos juntos suplicamos que nos ajudem.

Nós estamos divididos, alguns aqui e outros no Cordofão. No Cordofão encontram-se os padres, pe. Luigi Bonomi, José Ohrwalder, Paulo Rosignoli e José Regnato. Aqui, em Ondurman, perto de Cartum encontram-se Isidoro Locatelli e Domenico Polinari com 6 irmãs: Concetta Corsi, Cattarina Chincarini, Marietta Caprini, Elisabetta Venturini, Fortunata Quascé e Teresa Grigolini.

Nós, irmãs, para evitar mais perigos horríveis, estamos divididas em três casas, sob a proteção de três gregos, que fazem a caridade de nos terem escondidas, partilhando connosco o seu pouco pão. No passado, o trabalho das nossas mãos dava para comermos alguma coisa, pelo menos para não nos deitarmos sem ceia, mas já há bastante tempo que a costura é tão barata que não dá para nada. De novo, lhe pedimos que tente encontrar algum meio para nos socorrer; se não chegar da primeira vez, chegará da segunda ou da terceira. Não olhem ao dinheiro,

Instituto dos Missionários Escalabrinianos em 1900, dos quais seria eleito Superior Geral em 1905.

que se nós fugirmos deste abismo infernal, pediremos a caridade pela Europa, para pagarmos a dívida. Caso não se encontrasse aí ninguém encarregado da Missão, endereçamos esta carta ao chefe do Governo, implorando-lhe que telegrafe para o Cairo, ou qualquer outro lugar onde se encontre um responsável da Igreja, de maneira a poder enviar-nos o mais depressa possível, dois ou três mil tolares, por meio de Mohamed abu el Hassun ao qual nós pagaremos 150 tolares. Ele mesmo levará o dinheiro diretamente às mãos de Demétrio Cocorempas, nosso delegado e ele encontrará uma oportunidade para o enviar aos missionários que estão no Cordofão; eles também se encontram em extrema miséria

Lembramos, acima de tudo, de manter o segredo com todos, porque com tanta gente que vai e vem, uma palavra dita sobre a Igreja, poder-nos-ia custar a vida. Em nome de todos nós com a mais profunda estima e respeito».²⁵

A humilde Serva

Irmã Teresa Grigolini

²⁵ T. Grigolini a Vicentini, sem data (*AMN*, n.º 12 outubro 2006, pp 156-157; cfr. *AMN*, n.º 18, abril 2011, pp. 106-107).



Refugiados da Madhia no Egito, em Ghesira debaixo da tenda

A tentativa de fuga da irmã Elisabetta Venturini

Alguns dias depois – Teresa Grigolini confiava outra mensagem a um mercante sírio evidentemente conhecido como homem de confiança. No bilhete estava escrito:

«Entregamos a este senhor sírio, que se chama Giorgio Lusef Abagi, uma das nossas irmãs, Elisabetta Venturini, para que a leve para Assuão. Se em Berber encontrar a estrada livre de perigos, levá-la-á com ele, caso contrário, irá sozinha com esta minha carta, escrita em nome de todos, suplicando-lhe para nos socorrer, porque estamos na mais deplorável miséria. Este homem mostra profunda vontade de nos ajudar e, segundo os nossos cálculos, ou

seja, o nosso plano, ele podia tentar salvar-nos a todos, mediante o dinheiro necessário [...].

A nossa salvação está, antes de mais, nas mãos de Deus, e depois numa boa soma de dinheiro. Vós podereis pensar nisso. Nós estamos tão cansadas de sofrer, que já nos faltam as forças... Se a irmã Elisabetta conseguir chegar, vos dirá tudo ao pormenor».²⁶

Aquilo que “*Betina*” – como chamavam à irmã Elisabetta Venturini – teria de contar, e que podemos agora ler nas suas *Memórias*, era o seguinte:

«Um belo dia, ou mau dia, o Madhi mandou um dos seus tiranos buscar as irmãs Concetta e Venturini, porque desejava vê-las. Ninguém poderia ia imaginar o motivo pelo qual eram convocadas à presença do Madhi, em sua casa [...]; elas, aterrorizadas, despediram-se das irmãs Teresa e Catarina, pensando que nunca mais voltariam a casa. Quando elas lá chegaram, foram introduzidas num pátio, onde o Madhi estava, sentado numa esteira bordada a cores, e intimou-as a sentarem-se perto dele. Depois, dirigindo-se à irmã Concetta congratulou-se com ela, sabendo que estava com *Foragialla*, assim chamavam Isidoro, e depois concentrou toda a sua atenção na pessoa da irmã Elisabetta e, com “*mil melindrices e falsas meiguices*”, disse-lhe que também ela se devia casar [...]. Depois de uma saudação usual no país, mandou-nos embora».²⁷

É provável que este renovado interesse do Madhi em relação a Elisabetta, tivesse suscitado nela – ainda não “*casada*” – a vontade de fugir a todo o custo? Ela estava decidida a aproveitar qualquer ocasião propícia que se lhe apresentasse. Mas, infelizmente não deu certo, como mais tarde se verificará.

²⁶ T. Grigolini a Vicentini, sem data (AMN, n.º 12 outubro 2006, pp 156-157; Cfr. AMN, n.º 18, abril 2011, pp. 106-107).

²⁷ T. Grigolini a Vicentini. Sem data (cfr. AMN, 12 outubro 2006 p.158ss; Cf. AMN, n.º 18 abril 2011, p. 108-109).

A libertação de Maria Caprini e de Fortunata Quascé

O pe. Luís Bonomi, fiel à sua palavra, envia camelheiros a El Obeid para libertar os missionários, mas a vigilância à sua volta é tão apertada que não conseguem aproximar-se deles.

Envia outros camelheiros a Ondurman para libertarem as irmãs. A irmã Teresa consulta as outras irmãs e, juntas, chegam à conclusão de que a fuga de todas elas poria em perigo a vida dos seus supostos maridos. Então, resolveram falar com eles, chegando à conclusão de que só duas delas iriam fugir, para não provocarem a ira do califa Abdullahi e a consequente perseguição daqueles que ficavam. A escolha cai sobre a irmã Fortunata Quascé que, sendo negra, corria maior perigo de ser vendida como escrava, e sobre a irmã Maria Caprini, a que mais tempo levava na prisão; além disso, tendo-se *divorciado* há tempos do seu suposto marido, não expunha ninguém a represálias.

Em grande segredo, combina-se a fuga para o primeiro domingo de outubro, dia de Nossa Senhora do Rosário.

Apenas a escuridão envolve o acampamento... um último e trepidante abraço a quem permanecia nos tormentos e as irmãs, Maria Caprini e Fortunata, desfeitas em pranto, tentando acalmar o coração e, montadas nos camelos, partem acompanhadas pelos guias.

A viagem, como se fosse a transcrição de algum romance, regista momentos dramáticos. Tendo de atravessar o Rio Nilo em diversos sítios, as fugitivas entraram várias vezes na boca do lobo, porque os barqueiros eram Madhistas ou espiões ao seu serviço. Num posto de controle, um guarda pergunta ao camelheiro quem eram as duas mulheres.

– Minhas escravas – respondeu.

O guarda aproxima-se, levanta o véu que esconde o rosto da irmã Fortunata e, vendo que era negra acreditou na palavra do camelheiro, sem dar qualquer atenção à outra.

Passaram fome, frio, sede, perigos de toda a espécie, mas lá foram prosseguindo sem parar, dia e noite, para não serem descobertas, tentando aumentar a distancia entre elas e os possíveis perseguidores.

Após vários dias de correrias ininterruptas, as irmãs não aguentam mais pelo cansaço e a fraqueza e, para não caírem dos camelos, atam-se ao dorso do animal. Chegam a 22 de outubro a Abasce, nos arredores de Dongola. Estão salvas.

O camelo que as transportou, caiu por terra morto de cansaço. Elas chegaram ao Cairo a 9 de novembro de 1885.²⁸

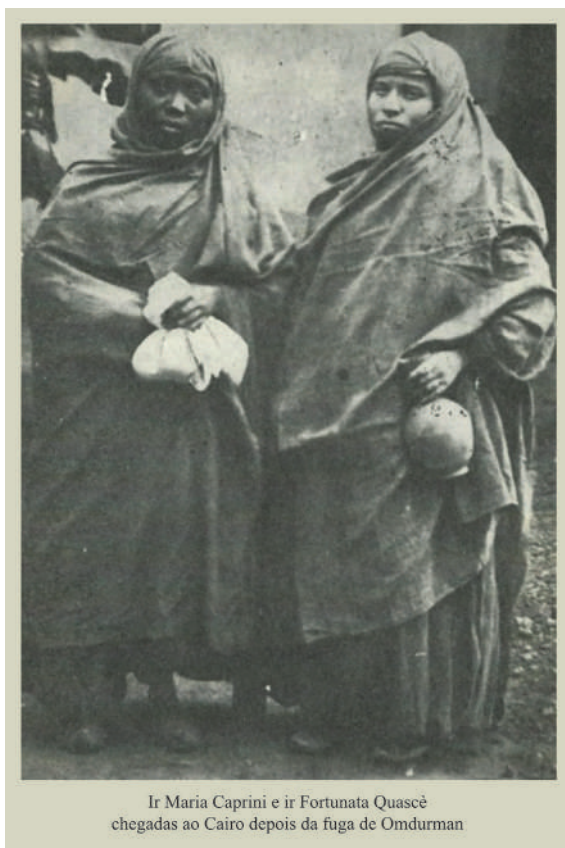
O precioso resgate

A este ponto, registamos um episódio que exprime a ânsia das Irmãs Missionárias Combonianas pela sorte das companheiras, presas no campo Madhista, sujeitas a toda a sorte de perigos. Na comunidade do Cairo encontra-se a irmã Leopolda Sandoná, recebida por Daniel Comboni. Jovem, disponível, com uma boa preparação cultural, inspira as melhores esperanças. As suas cartas revelam entusiasmo, equilíbrio e alegria. «Estou bem e muito contente... Sim, amo esta Congregação e este amor aumenta de dia para dia. Nela, experimento a vontade de Deus a meu respeito...» escreve três meses antes da sua morte. A irmã Leopolda Sandoná²⁹ encontra-se no Cairo há cerca de três anos e, desde que chegou, debruçou-se seriamente sobre estudo da língua árabe. Com a sua natural aptidão linguística, ela aprendeu o difícil idioma quase na perfeição. Havia um ano que ela dirigia a escola

²⁸ Cfr. T Grigolini, *Memórie della prigionia*, 124.

²⁹ Irmã Leopolda Sandoná, nasce a Roncegno Valsugana, 1862-1885, uma vida oferecida pela libertação dos prisioneiros do Madhi. Breve biografia, (Cfr. AMN, n.º 21-A Outubro 2012, pp, 145-155).

de catequistas com competência e entusiasmo. Gostava de viver pobre com os pobres e era estimada pela sua simplicidade e bondade.



Teve um ataque de tifo, e, apercebendo-se da gravidade do seu estado, permaneceu serena e disponível. A irmã Maria Josefa Scândola fica junto dela dia e noite e, nas ultimas horas de vida, ouve-a exclaimar:

- Que belo unir-me a Deus! – pensando que desejasse renovar os votos, a irmã Josefa pergunta-lhe:
- Com os santos votos?

A irmã Leopolda olha para ela com ternura e faz-lhe sinal para que se lhe aproxime:

– Fiz ao Senhor a oferta de todo o meu ser pela libertação dos nossos prisioneiros. Disse-lhe de todo o coração: “Senhor se pretendes uma vítima pelo seu resgate, toma-me a mim, fico à Tua disposição.” O Senhor aceitou a minha oferta... sinto-me a arder por dentro. O meu estado agravou-se... desejo preparar-me para esta viagem, recebendo, mais uma vez, Jesus na Eucaristia...

A irmã Josefa manda chamar o sacerdote, o qual lhe administra o Sacramento dos Enfermos, que ela acompanha com extraordinário fervor. Pouco depois, entra em agonia, uma agonia calma, serena. Expira nessa mesma tarde, tinha 23 anos e 8 meses de idade.

Três meses depois, o tempo necessário para programar e levar a cabo a fuga, as irmãs Maria Caprini e Fortunata Quascé chegam ao Cairo sãs e salvas.

Desinformação

Mons. Sogaro recorria a todas as autoridades, sem calcular despesas nem sacrifícios e, homem de fé que era, mobilizara meia Europa para que implorassem de Deus a graça de ver os padres e as irmãs finalmente livres.

Por seu lado, os prisioneiros tinham a viva impressão de estarem completamente abandonados, esquecidos pelo Instituto, entregues à sua miserável sorte. Ao acampamento do Ondurman não chegavam alimentos nem qualquer outra ajuda possível.



Sr. LEOPOLDA SANDONA 1862-1885
«... ho fatto al Signore l'offerta
di tutta me stessa per la liberazione
dei prigionieri... Sono certa
che il Signore ha accettato
la mia offerta...» (6 agosto 1885).

1886: O pe. Josef Ohrwalder transferido de El Obeid para Ondurman

Aconteceu, que com a morte do Scherif Mahmud – tio do Madhi e “patrão” do prisioneiro Ohrwalder – decidiram transferir todo o pessoal que pertencia ao defunto, para a capital. «Nesta ocasião, foi-nos dada a possibilidade de irmos também para Ondurman [...]. Partimos de El Obeid no dia 28 de março de 1886».³⁰

O calvário de África continua. A 28 de março de 1886, os três missionários prisioneiros em El Obeid: José Ohrwalder, Paolo Rosignoli e o irmão Regnato, são enviados para Ondurman, onde no dia 25 de abril de 1886, se encontram com as quatro imãs prisioneiras: Teresa Grigolini, Catarina Chincarini, Elisabetta Venturini

³⁰ G.Ohrwalder, *I miei dieci anni di prigionia*, 227-228.

e Concetta Corsi, a qual se encontrava grávida e logo manifesta aos missionários toda a angústia da sua alma pelo que lhe tinha acontecido, e que nunca iria “esquecer” a violência sofrida.

Provavelmente, para poder regularizar a situação do filho, pediu ao pe. Ohrwalder para receber o sacramento do matrimónio com Isidoro Locatelli. «Devo dizer-vos que, no que se refere a Locatelli e à irmã Concetta a coisa é legal, eles estão verdadeiramente unidos, mais não se pode explicar».³¹

Ano 1887

Os anos passavam lentamente, carregados de grande dor e incertezas. Os prisioneiros continuavam numa vida cheia de misérias e de perigos. Também a coabitação ao abrigo de uma falsa cerimónia nupcial, tornava a vida das irmãs sempre mais difícil. Infelizmente, os mensageiros enviados a Ondurman por Mons. Sogaro, com dinheiro e mercadorias, encarregados de libertar alguém, simplesmente desapareciam com o dinheiro, sem nada poderem fazer pelos prisioneiros. Cheia de fome, a irmã Elisabetta ia, de quatro em quatro dias, visitar a irmã Catarina, à casa de senhor T. Panayoti, para comer um pedacinho de carne e beber uma taça de café.³²

As esposas que não se tornam mães: 1888-1890

Na região do Sudão, controlado pelos Madhistas, as populações estão reduzidas ao desespero. As riquezas públicas do tesouro de

³¹ G. Ohrwalder a Sogaro, 25 de fevereiro de 1888 (Em ACR, A/32/6/7).

³² Cfr. E. Pezzi, *L'Istituto Pie Madri dalla Nigrizia*, 165-179.

Cartum foram dissipadas pelos chefes e o povo ficou na indignência, entregue à violência e à rapina. O ódio aumentava com a fome e a doença. Os maus tratos e as decapitações aconteciam todos os dias, para quem ousasse pronunciar uma palavra de protesto. Nesta atmosfera de desolação, os prisioneiros arrastavam a sua existência.

Entretanto, os muçulmanos começaram a suspeitar acerca dos matrimónios das irmãs e acusavam os gregos de ter enganado o Madhi.

Um dia, Cocorempas, que hospedava a irmã Grigolini, ao passar junto da zeriba³³ dos carcerados, escuta que alguém lhe dirige a palavra em tom ameaçador:

– Se amanhã não me deres 30 tolere, acuso-te ao califa que o teu matrimonio é falso.

Passaram-se já cinco anos, desde que Concetta dera à luz. Os árabes pretendiam que todas elas se tornassem mães, coisa que não se verificava. Era isso mesmo que os levava a desconfiar daqueles casamentos.

O infeliz já sentia a cimitarra sobre a sua cabeça.

«As coisas complicaram-se de tal maneira, que assim não se podia continuar – escreve Teresa nas suas *memórias* –, eram oito anos que sofriamos de tão cruel angustia...».³⁴

– Enganaram o Madhi e agora continuam a enganar o Califa Abdullahi. É uma ofensa imperdoável aos enviados de Alá! – disse um deles.

– As irmãs têm que ser levadas para o harém do califa! E aos gregos que as protegerem cortamos-lhes a cabeça! – e multiplicavam-se as vozes.

³³ Zariba: acampamento fortificado com troncos e arbustos; originalmente era utilizado por feirantes e viajantes para guardarem as suas mercadorias. Na época madista funcionava como prisão.

³⁴ T. Grigolini, *Memorie della prigionia...*, 30. (Cfr. E. Pezzi, *L'Istituto Pie Madri dalla Nigrizia.*, 244).

Estas e outras frases ameaçadoras soavam frequentemente no acampamento. As irmãs andavam angustiadas, não tanto por si mesmas, pois bem contentes ficariam se sofressem o martírio, mas pelos gregos por quem tinham sido amparadas todo aquele tempo.

Então, o senhor Cocorempas falou com o pe. J. Ohrwalder e revelou-lhe o perigo que corria:

– O teu problema ultrapassa-me – responde o sacerdote. – Para vos salvar é preciso sacrificar pelo menos uma irmã.

– Uma irmã, que não se encontra já vinculada pelos votos, é uma mulher livre.

– Juridicamente sim, mas o seu coração pertence ao Senhor.

– Uma boa esposa e mãe pode ser também do Senhor.

– Não tenho dúvidas acerca disso.

– E então?

– Então, rezemos oferecendo a Deus os nossos sofrimentos e depois faremos o que o Senhor nos inspirar, cientes de que isso será a sua vontade.³⁵

A decisão de irmã Teresa

Passado algum tempo, o pe. Josef chama a irmã Teresa Grigolini... e fala-lhe muito angustiado:

– A irmã continua a ser considerada a madre das suas religiosas, por isso, se há alguém que tem de se sacrificar é exatamente a irmã.

Teresa, que compreendeu onde o missionário queria chegar, desatou a chorar.

³⁵ Cfr. E. Pezzi, *l'Istituto Pie Madri della Nigrizia*., 243-248

Ao contrair matrimônio, não ofende a Deus – prossegue o pe. Josef– nem comete falta alguma no que diz respeito aos seus votos, porque deles já foi desligada. Sendo a madre das suas irmãs tem que se sacrificar para o bem de todas elas.

Que aconteceria se acabassem em algum harém ou se tornassem mulheres do califa?

Considere a responsabilidade que assume!

O pe. Ohrwalder quase não conseguia falar; a irmã chora, chora, sem conseguir articular palavra. Mais tarde escreverá nas suas *memórias*:

«Quem poderá jamais imaginar a angústia da minha alma? ... Eu temia que isto iria acontecer, mas a esperança de me poder conservar somente e sempre unicamente para o meu Deus confortava-me. Rezei muito a Deus para que me levasse deste mundo antes de ser obrigada a dar tal passo! Mas não fui digna de tanta graça... Previ tudo o que me esperava e as consequências do ato».³⁶

Numa tarde de agosto de 1890, o pe. Ohrwalder uniu em matrimônio, Dimitrio Cocorempas e Teresa Grigolini. Foi testemunha do ato, o grego Trampas – Panayoti.

«Durante um ano inteiro chorei a minha desgraça... até pensava que Deus tinha sido injusto para comigo.

Todos serão libertados. As irmãs voltarão ao seu convento, os outros aos seus países e às suas famílias mas, para mim, não haverá nem convento nem família e até à morte durará a minha escravidão».³⁷

Um cálice amargo, mas que Teresa aceitou beber até à última gota.³⁸

³⁶ Teresa Grigolini, *Memorie della prigionia*, 128-129.

³⁷ Teresa ao seu irmão Luigi, (Cfr. AMN, n.º 12 outubro 2006, p.176ss).

³⁸ Cfr. G. Ohrwalder, *I miei dieci anni di prigionia*, 434-435.



A morte da irmã Concetta

Às aflições do dia-a-dia, dia, juntou-se em finais de 1891, uma epidemia de tifo. A irmã Concetta Corsi, que tão generosamente se prodigara, embora extremamente debilitada, na assistência aos doentes, não conseguiu sobreviver a esta nova prova. Ela exercia o seu apostolado no campo dos «renegados», isto é, daqueles que, recusando converter-se ao Islão, morriam de fome e de maus tratos.

Concetta, depois de uma hemorragia pelo nariz, vendo que as unhas se tornavam azuladas anuncia ter chegado o seu fim, e podia morrer feliz. O seu último desejo consistia em confessar os seus pecados antes de perder os sentidos. O pe. Ohrwalder escutou a sua última confissão e assistiu-a constantemente, juntamente

com as irmãs, em cuja casa ela morou depois da morte do filho e da fuga do marido. Era o dia 03 de outubro de 1891.

Por falta de caixão, o corpo a irmã Concetta foi envolvido num pano e cozido numa esteira, segundo o uso dos sudaneses. Com todos os sírios e gregos, residentes do campo, acompanhámo-la rumo ao norte, para onde ela muitas vezes dirigia o olhar, para além do arco desenhado pelas casitas.

Em doloroso silêncio, enterrámo-la na areia misturada com espinhos para a proteger das hienas. Depois de uma oração pelo seu descanso eterno, voltamos tristes para a nossa vida habitual, consolando-nos com o pensamento de que também para nós a morte não tardaria a chegar. Nesse dia, ofereci de novo a minha vida a Deus, abandonando-me em suas mãos...

A nossa cabana tornou-se ainda mais escura. Passávamos os dias sem dizer palavra e as noites, estendidos no anghareb (leito), passavam em branco. Nem o céu estrelado nos oferecia qualquer conforto.³⁹

A fuga do pe. Ohrwalder

«O pensamento da fuga – escrevia pe. Ohrwalder – ocupava os nossos dias e as nossas noites em branco. Para mim a fuga, como homem, se estivesse sozinho, não apresentava grandíssimas dificuldades, mas eu não podia abandonar as irmãs.

Com o andar dos tempos, a esperança de sairmos vivos daquele inferno era sempre menor.

Dez anos de espantosos sofrimentos físicos e morais tinham consumido as nossas energias. Eu andava a vomitar sangue, sentia muitas dores no peito e tinha-me reduzido a pele e osso. As

³⁹ Cfr. G. Ohrwalder, *I miei dieci anni di prigionia*, 434-435.

irmãs tinham ‘os pés na cova’, ainda mais enterrados do que eu. Perante o triste panorama de definhar nos grilhões da escravidão, a morte significava a saída mais breve para a libertação. Felizes os que morreram nas batalhas, os mortos pela fome e pela doença, os massacrados de Cartum...! Nós sofremos agonias piores que eles sem encontrar a morte, e até somos continuamente burlados por ela. Quase metade dos europeus, dos sírios e dos gregos morreram e, nós ainda resistimos.

Do céu, onde seguramente se encontrava Concetta Corsi, guiava os passos do camaleiro Ahmed Hassan, o chefe dos camaleiros, que na noite daquele 27 de outubro de 1891, entrava inesperadamente na cabana dos missionários.

Entrou, cumprimentou e disse:

– Eu vim! E tu, vens?

Fiquei sem palavras. A emoção suscitou uma tempestade de pensamentos; o coração parecia estourar dentro do peito. Pensando nos perigos a que ficavam expostos os meus infelizes companheiros de desventura, a boca demorou a abrir-se:

Eu vou, mas... e os outros?

– Só posso levar mais dois. Não tenho mais montadas.

– Então leve as irmãs.

Fingindo-se doente, o pe. Ohrwalder manda chamar, à sua cabana, a irmã Catarina Chincarini, que morava em casa do grego Panayoti, com o pretexto de assistir Elisabetta Venturini, que estava doente. Com os missionários, vivia também uma menina escrava, chamada Adila, que a mãe, na hora da sua morte, lhes confiara.

– Tenho que levar também Adila, senão ela irá ter dias muito difíceis...

E o pensamento de ter de abandonar os meus dois companheiros, pe. Paulo Rosignoli e o irmão José Regnoto, dilacerava-me o coração – escreve o pe. Ohrwalder.

A 24 de novembro 1891 deu-se, em Ondurman, uma sublevação contra o califa Abdullahi.

No domingo, dia 29, com o pretexto de ir buscar umas gotas de calmante, o missionário vai ter com a irmã Teresa e comunica-lhe a fuga de Adila e das duas irmãs.

– Estou contente que vós vos salveis. Quando todos estareis a salvo, o Senhor pensará também em mim– disse Teresa em lágrimas.

Apertei-lhe a mão e fui para casa a chorar. Fechei a porta à chave e segui as irmãs que já se tinham encaminhado na noite profunda. Quando cheguei onde estavam os camelos, senti-me aferrar pela cintura e, sem saber como, encontrei-me em cima do camelo, enquanto que Ahmed Hassan, apressadamente, acomodava as duas irmãs noutra camelo. Atrás de si, monta a pequena Adila.

– Vamos que está na hora! – ordena Hassan.

Os animais lançaram-se a galope, aqui e ali, ardiam fogueiras. A noite fria favorecia-nos. Passámos junto do local onde, quase dois meses, antes tínhamos sepultado Concetta Corsi e senti que um nó me apertava a garganta. Ondurman desapareceu atrás de nós, um vento forte açoitava-nos o rosto com o andar rápido dos camelos, lá longe os cães ladravam.

A via mais breve a seguir era a do Nilo até Abu Hamed, que os correios postais percorriam em seis dias. Os prisioneiros devoraram-na em setenta horas, em corrida contínua, cheia de terror. Numa passagem do Nilo fomos descobertos. Ahmed Hassan não desanimou e pôs-se a dialogar com o Madhista, que achou melhor embolsar os 20 toleres que Hassan lhe oferecera e desaparecer. Dois rapazes, por metade dessa quantia, prestaram-se a levar-nos de barco para o outro lado do rio.

Por montes escavados e vales desertos, planícies arenosas e pavorosos desfiladeiros, os fugitivos, sempre a correr, chegaram

ao forte de Murada, em posse das forças governamentais; era o dia 08 de dezembro, festa da Imaculada Conceição de 1891. Tinham cavalgado durante nove dias sem descanso. Estavam fisicamente destruídos, com feridas horríveis, devido às longas horas passadas na garupa dos camelos, mas, finalmente livres.

“Deixem de chorar e enxuguem as vossas lágrimas. A vossa filha estará em breve nos vossos braços, sã e salva”, escreve a irmã Matilde Lombardi, amiga de infância da irmã Catarina Chincarini, à mãe da sua companheira, que em Malcesine, aguardou durante dez anos, notícias dela, rezando e chorando». ⁴⁰

⁴⁰ Bet el Mal = *Casa do tesouro*. Na época Madhista era a Sede administrativa financeira da nação e armazém central governativo.



Elisabetta Venturini e Caterina Chincarini
con il P. Ohrwalder e la piccola Adila

Repressão

«Quando o califa Abdullahi soube da fuga dos quatro ficou furioso e chamou imediatamente Nar el G. Gerefaoni, sobreintendente del Bet el Mal⁴¹ e Mohammed Wohbi, chefe da polícia, dando-lhes ordens para perseguir os fugitivos em todas as pistas,

⁴¹ P. Rosignoli, *I miei dodici anni di prigionia*, pp. 208-210.

com todos os meios à disposição e trazê-los vivos ou mortos para Ondurman. Depois, ordenou o sequestro de todas as habitações e a prisão daquelas pessoas que suspeitava estivessem ao corrente do plano da fuga. No dia seguinte formou-se um tribunal para julgar os cúmplices e uma mulher acusou publicamente o irmão Regnoto e o pe. Rosignoli, dizendo que no sábado, 28 de novembro, eles tinham estado em casa de Ohrwalder. A acusação foi suficiente para que os dois fossem presos, separados e fustigados nas plantas dos pés para que confessassem o delito. Mas eles não sabiam de nada. Depois de quatro dias de torturas, não tendo encontrado motivos que os pudessem comprometer, e porque, segundo a cultura dos árabes do Sudão, daquele tempo, o testemunho da mulher não é válido, soltaram-nos. Voltando às suas miseráveis habitações encontram-nas vandalizadas.⁴²

Não menos cruel foi a sorte de Teresa e do seu marido. «O califa Abdullahi, ao saber da fuga castigou-me também a mim, na esperança que eu lhe revelasse o caminho por onde tinham fugido. Não acreditando nas minhas palavras levaram-me para a prisão, onde me puseram uma corda ao pescoço, à qual já estavam presas outras duas escravas. As três assim atadas, estivemos alguns dias e noites na mesma posição. Na prisão também havia malfeitores, ladrões e assassinos ligados com correntes. Parecia-me estar no inferno»⁴³. Finalmente, graças à ajuda de uma senhora bondosa e às suas gorjetas passadas para as mãos dos carcereiros, também Teresa e o marido, ele igualmente encarcerado e açoitado, puderam regressar a casa.

⁴² P. Rosignoli, *I miei dodoci anni...*, pp. 208-10.

⁴³ T. Grigolini, *Memorie...*, cit., q. n. 803. Cfr. E. Pezzi, *l'Istituto Pie Madri della Nigrizia*, 292-294).



As protagonistas da Mahdia

Fim da Madhia: os primeiros sinais

Terá sido a derrota militar dos italianos em Adua, no dia 1 de março de 1896, a convencer o Governo Britânico, que chegara o momento de encaminhar as operações bélicas para voltar ao Sudão.

O primeiro passo foi a autorização transmitida ao general Kitchener, de avançar em direção a Dongola, cuja reconquista foi publicada pela *Nigrizia*⁴⁴

⁴⁴ T. Grigolini, *Memorie...*, cit., q. n. 803. Cfr. E. Pezzi, *L'Istituto Pie Madri della Nigrizia*, pp. 292-294.

A 2 de setembro de 1898 dá-se a última batalha decisiva e libertação de todos os prisioneiros.

Em Cartum, são içadas as bandeiras da Grã-Bretanha e do Egito.

Em seguida, foi a vez de Berber: «Este local é muito importante, porque deste ponto em direção a Sul [...] o Nilo não apresenta maiores obstáculos à navegação».⁴⁵

Então, o califa Abdullahi, abandonando Ondurman foi acampar ao longo a estrada do Cordofão.⁴⁶

Chegou, enfim, o ano 1898. No dia 8 de abril, nas margens do rio Atbara, o exército anglo-egípcio derrotava uma armada Madhista de 12.000 homens, abrindo-se o caminho para Cartum.

Segundo a *Nigrizia*, no sábado 16 de julho, “a armada anglo-egípcia punha-se em marcha em direção ao sul, conseguindo avistar Cartum já no dia 30 de agosto seguinte. Contudo a batalha decisiva dava-se três dias depois, ou seja: 02 de setembro de 1898.

O grande anúncio

«Uma feliz notícia – escrevia ‘*La Nigrizia* de’ setembro – nos dias três e quatro do corrente mês as centenas de prisioneiros, que há tanto tempo sofriam humilhados, sob este jugo brutal, oprimidos pelas mais dolorosas provas, recebendo desprezo e infâmia [...], finalmente livres; ressuscitavam de novo à vida civil, eram novamente entregues àquela sociedade, àquela pátria, àquela família, pelas quais durante tanto tempo tinham suspirado em vão».⁴⁷

⁴⁵ *La Nigrizia*, novembro, 1896, pp.165-167.

⁴⁶ *La Nigrizia*, setembro, 1897 pp. 134; 146.

⁴⁷ *La Nigrizia*, agosto 1898, p. 122. (Cfr. AMN, 18 abril 2011, pp. 153-158).

Para Teresa Grigolini, esta liberdade tinha um significado muito relativo. A sua vida normal era o início da realização concreta do *terrível passo*, que ela tinha previsto e aceitara por amor às irmãs e, através delas, Àquele Deus, cujos desígnios salvíficos se escondem dolorosamente à nossa compreensão humana. A *noite da traição* converte-se para Teresa na *noite da fidelidade* Àquele Senhor que a chamou a segui-lo e a incluiu na sua vigília orante, que chama em causa o próprio Deus. «*Meu Pai, se possível, afasta de mim este cálice! Todavia, não seja como eu quero, mas o que tu queres*»⁴⁸

O profundo significado de tanto martírio

No dia 19 de abril de 1898, o pe. Ohrwalder, numa carta escrita às irmãs Catarina Chincarini e a Elisabetta Venturini, definia a Madhia como “uma imensa tragédia que amargurou a nossa única vida... Suakim tirou-me as poucas forças que o Sudão me tinha deixado: mas não faz mal. Eu já fiz as contas com este mundo: não tenho qualquer ambição e não saberia o que ainda me daria prazer; só gozo em celebrar a Santa Missa e pedir perdão ao Senhor de todos os meus pecados; por tudo o resto, sinto-me muito bem e contente...”⁴⁹

Na realidade, como todos os outros protagonistas, o pe. Josef poderia dizer muito mais. Não é por acaso que na carta acima citada ele diz ainda:

«Eles e elas, os sobreviventes da Madhia, depois de tanta euforia levantada em volta de tudo o que lhes tinha acontecido,

⁴⁸ Cfr. Col 1,24.

⁴⁹ Suakin, 19 de abril de 1898 (em APMR, VI/Pp/5/1-1812. Cfr. AMN, n.º 18 abril 2011, p. 156).

tinham procurado reentrar, quanto antes, na sombra, para assim poder finalmente passar no silêncio, uma vida “*normal*”».

Eles e elas advertiam a necessidade de interiorizar e “*compreender*” o seu verdadeiro significado espiritual. Por isso, nada mais que a celebração do sacrifício da Cruz poderia ajudá-los num tal caminho de fé. Também aqueles que tiveram a sorte de conviver com eles, na medida em que toda a poeira levantada pousava, e o horizonte se limpava, compreenderam que estavam a viver junto de autênticos “*mártires*”. Em vez de incutir medo ou de provocar ressentimento, a experiência que eles e elas tinham sido chamados a viver era extremamente importante e, não somente para eles, como também para todos os herdeiros do Carisma Comboniano.

O caminho da Missão nunca pode ser abandonado

Podem existir momentos de lentidão e de repensamento para discernir qual direção tomar. Este caminho, porém, continua até ao fim, até que seja derramada a última gota de sangue que completará a Paixão de Cristo.⁵⁰

No n.º 9 da *La Nigrizia* de 1898 – que poderíamos chamar o *boletim da vitória* está escrito:

«A vitória de Ondurman abre finalmente as portas da África Central à Missão; as portas da infeliz *Nigrizia* que os nossos missionários esperaram exilados, no seu campo de Missão há 15 anos [...].

Neste momento já se prepara, aliás, já está pronta a partir, a primeira fileira rumo a Cartum [...].

⁵⁰ Cfr. Col 1,24.



Os Túmulos de Comboni e de Ryllo foram profanados pelos Madhistas

À sombra de palmeiras centenárias [...], no gracioso jardim do nosso instituto [...] repousaram no esquecimento e no abandono, durante 15 anos, os venerados ossos dos nossos dois celebres fundadores desta Missão, o pe. Maximiliano Ryllo e mons. Comboni. Oh! Não! Não foi, sem um especial traço da Providência, que aquelas ilustres relíquias ficaram naquele solo irredento: os dois campeões vigilarão dos seus túmulos, durante todo este tempo sobre a infeliz Nigéria.

A este ponto da história, porém, é legítimo recordar que não foram somente dois, os túmulos dos missionários e das missionárias, que ficaram para sempre no Sudão.

As areias do deserto, cobriram também os restos mortais de: irmã M.^a Bertuzzi, irmã Marietta Caspi; pe. António Dobale; irmã M.^a Rosa Colpo; o bispo Daniel Comboni; o irmão José Avesani; a irmã Eulália Pesavento; o irmão Gabriele Mariani; a irmã Amália Andreis; o pe. João Losi; o irmão Domingos Polinari; a irmã Concetta Corsi..., sem contar as muitas outras missionárias e missionários, falecidos em locais não assinalados ou assinalados de

passagem pela nossa História. Queremos recordar aqui, ainda, as outras irmãs chamadas à vida missionária pelo próprio fundador e que já conhecemos: M.^a Josefa Scândola; M.^a Caprini; Fortunata Quascé; Rosa Zabai; M.^a Bollezzol; Teresa Grigolini... pedindo perdão a tantas outras que mereceriam ser igualmente recordadas.

A todos eles e elas, portanto, elevamos nós também a oração conclusiva reportada pela *La Nigrizia*, pedindo aos nossos **Pais** e às nossas **Mães**:



*Vigiai, oh vigiai mais do que nunca
sobre aquela Nigrícia por cuja salvação vos imolastes:
vigiai sobre aqueles que, herdeiros
do vosso espírito e da vossa coragem,
se prepararam para trilhar as vossas pegadas:
conduzi os seus passos e guiai as suas ações;
fazei descer sobre eles e sobre toda a Nigrícia,
as maiores bênçãos de graça
do Coração Divino de Jesus Cristo,
a Única e Verdadeira Fonte
para todos os mortais
de todo o Bem e Felicidade
na terra e no Céu!⁵¹*

⁵¹ *La Nigrizia*, setembro, 1898, pp. 130-131 (Cfr. AMN, n.º 18 abril 2011 pp. 156-158).

Que bom seria, entrar com os nossos leitores no século XX, avançando com eles e elas até aos nossos dias, em que esta pequena história celebra 150 anos (1872-2022).

Nos acontecimentos narrados celebrámos a memória de um extraordinário convite a trilhar caminhos novos de evangelização entre os povos africanos, porque reconhecidos *irmãos, filhos do mesmo Pai que está nos Céus*. O caminho percorrido em 150 anos, nos trilhos da esperança, contém em si a energia da semente fecunda, amante da vida, da fraternidade, da paz, e da alegria, que continua a despontar em terrenos agrestes e inóspitos. Abrimos aqui uma minúscula janela, tentando vislumbrar alguns dos caminhos por onde Deus nos conduziu até ao dia de hoje.⁵²

⁵² Em 1914 *Propaganda Fide* pedia à, então madre geral, irmã Constância Caldara que enviasse irmãs para o Vicariato Apostólico de Asmara (Eritreia). Neste país, as Missionárias Combonianas, assumiram obras de carácter social e educativo: hospitais, orfanatos e escolas. Depois da Eritreia foi a vez do Uganda: as irmãs iniciaram a sua atividade em Gulo no ano de 1918, seguindo-se as aberturas em outros países africanos. Dá-se, ainda a abertura a outros continentes como resposta ao grito dos povos mais pobres e abandonados segundo o Plano de Daniel Comboni. Nos anos 1930-1960, o Instituto atinge a máxima expansão: multiplica-se o número das atividades abrindo centros de formação para os novos membros. A 19 de março de 1939 iniciou-se a presença na Ásia: no Médio Oriente, com a abertura na Jordânia de duas comunidades, respetivamente Karake e Amman. Na década dos anos 50, as Irmãs Combonianas marcam presença no Vicariato da Arábia: em Aden no ano de 1950, e em Bahrain em 1953; em 1977 chegaram aos Emiratos, ao Dubai; a sua presença no Golfo Pérsico é particularmente dedicada ao sector escolar e catequético. A primeira presença das Irmãs Missionárias Combonianas nas Américas acontece em 1950 nos Estados Unidos. Seguiram-se-lhe as aberturas no Brasil em 1955, no Equador em 1959 e no México em 1972. Na Europa a presença das missionárias alargou-se da Itália à Inglaterra em 1941 e à Espanha em 1960. No dia 1 de janeiro de 1965, as primeiras irmãs, italianas, chegam a Portugal, nomeadamente ao Seminário das Missões, na Cidade de Viseu. Vinham do Congo e do Sudão, onde se davam os processos das independências nacionais que confluíam numa série de conflitos políticos e civis promovidos por disputas de poder. Vieram marcadas pelos sofrimentos suportados, ao fazer causa

Uma Grande História liga as nossas pequenas vidas à Única Grande Vida de Jesus Ressuscitado, que as tomando integra-as e transforma no Seu Corpo Glorioso, através da Sua Páscoa.

O Mestre Amado Vive! Hoje, como outrora e por todos os tempos por vir, é preciso ir depressa para anunciar aos irmãos o perdão e o desejo de Deus: *caminhar à luz do Seu rosto, plenitude e alegria sem fim, à Sua presença.*

comum com aqueles povos maltratados, perseguidos, vítimas de abusos, encarcerados e martirizados. As missionárias, provadas, mas não vencidas, trouxeram com elas o fogo da vocação missionária que encontrou eco no coração de muitas jovens portuguesas.

Inspirações e Interpretações para o logotipo comemorativo da efeméride do Instituto das Irmãs Missionárias Combonianas

1872: A Congregação das *Pie Madri della Nigrizia* inicia a sua aventura reunindo, aco-lhendo, formando e enviando as primeiras jovens vocacionadas para a **ádua e difícil** missão da *África Central*.

O Egito (Cairo) era o ponto de adaptação e partida, *porta da Nigrizia*, antes de se adentrarem no coração da África Negra onde o clima constituía uma ameaça real **à saúde** e sobrevivência dos europeus.

2022: O Instituto das Irmãs Missionárias Combonianas, sem jamais abandonar a **África**, o *primeiro amor da juventude* do Fundador Daniel Comboni, encontra terreno fértil para a expansão do Carisma atualmente presente em quatro continentes.

O caminho percorrido ao longo de 150 anos testemunha a fé e a esperança do Fundador que perante a morte confirma o dom recebido: “*Coragem no presente, mas sobretudo no futuro. Eu morro, mas a minha obra não morrerá!*”.

A mulher ao serviço do Carisma

Na visão de Daniel Comboni, a mulher tinha um papel central a desempenhar na realização do plano para a evangelização dos povos africanos. As *Vergini della Carità* (Virgens da Caridade)

dariam origem à sua Congregação oficial no instituto denominado *Pie Madri della Nigrizia* (Piedosas Mães da África).

Nestes últimos anos, atraídas pelo mesmo Carisma, outras mulheres se consagraram à missão, entre as quais: o Instituto Seculares Combonianas (fundado a 22 de Agosto de 1952), as Leigas Missionárias Combonianas e outras colaboradoras.

Paixão

A recordar os primeiros tempos desta aventura de fé estão os símbolos com os quais as *Pie Madri della Nigrizia* originalmente carimbavam e oficializavam os seus documentos: O **Sagrado Coração de Jesus com a África**. A intemporal e eterna Paixão de Comboni pela **África**, mantém-se tão atual como urgente, para salvação e libertação dos africanos e dos povos de todos os continentes onde se encontrem reféns das antigas e modernas escravaturas.

Cores

Púrpura: Cor da veste Episcopal de Daniel Comboni, consagrado primeiro bispo da África Central em Agosto de 1877, com Sede em Cartum.

Preto: Comboni dedicou todas as suas energias à Regeneração da *Nigrizia* impulsionado pela força do Amor que emana da Cruz de Cristo.

Amarelo Dourado: Cor do Espírito Santo. Em 15 de Setembro de 1864, enquanto rezava junto ao túmulo de S. Pedro em Roma, Daniel Comboni recebeu a inspiração para o Plano de *Salvar a África com a África*.

Foi Beatificado em 17 de Março de 1996, e Canonizado em 5 de Outubro de 2003, na praça de São Pedro, em Roma por sua santidade o Papa João Paulo II.

Vermelho: Recorda-nos a Paixão de Cristo, o Seu sangue derramado na Cruz por Amor, e com Ele, os missionários e as missionárias mártires, chamadas a participar no Seu Mistério Pascal.

O logotipo comemora a Consagração a este Carisma, dos mártires que ao longo do tempo, *para implantar a Cruz de Cristo na África Central, padeceram foram desprezados, humilhados e condenados à morte. Porque é lei constante da Divina Providência que as obras de Deus nasçam e cresçam aos pés da Cruz (São Daniel Comboni).*



Pie Madri della Nigrizia
Irmãs Missionárias Combonianas

Abreviações e Siglas

AC = Archivio Comboniano, Pubblicazione dello Studium Combonianum

ACR = Archivio Comboniani Roma

AFMR = Archivio Frati Minori Roma

AMN = Archivio Madri Nigrizia (série iniziata no anno 2000)

ANNALI = *Annali della Associazione del Buon Pastor*, 1872-1882.

AP LD = Archivio *Propaganda Fide* Lettere e Decreti.

APCV = Archivio Provinciale Camiliani (Verona)

APMR = Archivio Pie Madri Nigrizia (Missionarie Comboniane)
Roma

ASCV = Archivio Storico Curia Vescovile di Verona.

COCG = Scritture Originali riferite nelle Congregazioni Generali
da *Propaganda Fide*

Escritos = Comboni, Daniel, *Escritos*, Ed. Além-Mar, Lisboa 2003.

MEMORIE = Memorie dell'Istituto *Pie Madri della Nigrizia*. *Pie Madri della Nigrizia* in Verona.

Bibliografia

- A *CORAGEM DE ARRISCAR*, irmã Maria Giuseppa Scandola, Missionária Comboniana, Texto: irmã Aldina Martini. Tradução: Margarite António. Coordenação: irmã Maria Grazia Campostrini e irmã Aldina Martini. Fotografias históricas: Irmãs Missionárias Combonianas. Éditions du Signe, 2003.
- «STUDI COMBONIANI». Coleção dirigida por Pietro Chiocchetta e Aldo Gilli, Editrice Missionária Italiana – Bologna (EMI). Roma, 13 Ottobre 1980.
- AGASSO, Domenico, *Comboni, una vita pe. la missione*, EMI, Bologna 1981.
- BONOMI, Luigi, *Relazione al card. Luigi di Canossa*, da Boga, El Obeid, 01 de janeiro 1883, *La Nigrizia* n.º 3, maio 1883.
- COMBONI, Daniel, *Escritos*, Ed. Além-Mar, Lisboa 2003.
- DANIEL COMBONI, *MISSIONÁRIO, PAI E PROFETA*, Edição dos institutos combonianos, – beatificação, 17 de Março 1996.
- FUSERO, Clemente, *Daniel Comboni*, Além – Mar, Lisboa, 1965.
- GAIGA, Lourenço, *Mulheres em Missão. Histórias de fidelidade e amor. As primeiras Missionárias Combonianas em África*, (tradução de Rogério Nunes. Do original *Donne tra fedeltà e violenza. Le prime missionarie comboniane in África*, EMI, Bologna), Além-Mar, 1997.

- GILLI, Aldo – CHIOCCHETTA, Pietro – GONZALES, F., *A mensagem de Daniel Comboni* (Original italiano: *Il messaggio di Daniel Comboni*. Tradução da versão espanhola: *El mensaje de Daniel Comboni*) Ed. Além- Mar, Lisboa 1988.
- GRIGOLINI, Teresa Cocorempas, *Tutti sapevano che ero sata suora, Pie Madri della Nigrizia*, Verona 1988. Edição de Daniela Maccari.
- GRIGOLINI, Teresa, *Memórie della prigionia Madhista*, – Arquivo Madri Nigrizia (AMN), Suore Misionárie Comboniane “*Pie Madri della Nigrizia*” Roma, Anno I, 2000 n.º 1. Edição de Aldina Martini.
- GRIGOLINI, Teresa, *Scritti 1877-1931*, – Pie Madri Nigrizia (PMN), Suore Misionárie Comboniane “*Pie Madri Nigrizia*”, – Roma, Anno VII, n.º 12 ottobre 2006. Edição de Maria Vidal.
- LOZANO, Juan Manuel, *A Paixão de uma vida* (Original: *Cristo también era Negro*, ed. Mundo Negro, Madrid) Ed. Além-Mar, Lisboa, 1995.
- MARTINI, Aldina, *Solo una donna può amare così*, Giuseppa Scandola, Missionária Comboniana, Editrice Missionária Italiana- Bologna (EMI) Coop.SERMIS, Marzo 1997.
- OHRWALDER, Joseph, *a Giovanni Dichtl. Sintesi della relazione, dall' accampamento dei Dervici di El Obeid*, 26 de sezembro 1882. ACR, A/32/6/1.; *La Nigrizia*, anno X – N. 5 setembro 1892.
- OHRWALDER, Joseph, *I miei dieci anni di prigionia, Rivolta e regno del Mahdi in Sudan*, EMI, Bologna 1998. Tradução a partir da edição alemã de 1893, por p. Luigi Gennari.
- PEZZI, Elisa, *l'Istituto Pie Madri della Nigrizia, 1881-1901*. Dalla morte del Fondatore alla morte della Prima Superiora Genetale, Roma 1987.

PEZZI, Elisa, *A primogénita*, Missionárias combonianas, Curitiba 1986.

PEZZI, Elisa, *À Sombra do Baobá*, 1.^a edição, Curitiba, 1985.

PEZZI, Elisa, *L'Istituto Pie Madri dalla Nigrizia, Storia dalle origini alla morte del Fondatore*, EMI, Bologna 1981.

SCÂNDOLA, irmã Maria Giuseppa, Missionária Comboniana, *A coragem de arriscar*. Roma, Éditions DuSIGNE, 2003 (ver nota 28, p.18)

VIDALE, Maria, ed., *Amália Andreis. Lettere*, Arquivo Madri Nigrizia (AMN), Suore – Misionária Comboniane “*Pie Madri della Nigrizia*” – Roma, Anno III, n.º 4 ottobre 2002.

